

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

KARINA DE ROSSI LEOCADIO PEREIRA

O COTIDIANO ESCOLAR E O *BULLYING*:
CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS NA PREVENÇÃO

Bauru
2023

KARINA DE ROSSI LEOCADIO PEREIRA

O COTIDIANO ESCOLAR E O *BULLYING*:
CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS NA PREVENÇÃO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre junto à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Francisco Marques.

Bauru
2023

P436c	Pereira, Karina de Rossi Leocadio O cotidiano escolar e o bullying : contribuições didáticas na prevenção / Karina de Rossi Leocadio Pereira. -- Bauru, 2023 171 p. : tabs. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru Orientador: Antonio Francisco Marques 1. Bullying. 2. Escola. 3. Violência. 4. Conflitos. 5. Inclusão Social. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE KARINA DE ROSSI LEOCADIO PEREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 27 dias do mês de abril do ano de 2023, às 08:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de KARINA DE ROSSI LEOCADIO PEREIRA, intitulada "O COTIDIANO ESCOLAR E O BULLYING: CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS NA PREVENÇÃO." E PRODUTO EDUCACIONAL " O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E PREVENÇÃO.". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. ANTONIO FRANCISCO MARQUES (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESPBAURU, Prof(a). Dr(a). KETILIN MAYRA PEDRO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia Centro de Educação e Ciências Humanas / Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Profa. Dra. ELIANA MARQUES ZANATA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. ANTONIO FRANCISCO MARQUES

Dedico o presente trabalho a todas as crianças com as quais tive a oportunidade de conviver e aprender no ambiente escolar, principalmente aquelas que enfrentaram o *bullying* e buscaram forças para superá-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser meu socorro na hora da angústia, por me guiar e me sustentar diante das adversidades, permitindo que tudo se realizasse no momento oportuno, conforme a sua vontade.

Sempre serei grata aos meus familiares, por terem suportado minha ausência durante a realização desse trabalho e me apoiado, cada qual à sua maneira.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação por seus ensinamentos durante as aulas e por serem exemplos de profissionais, principalmente a professora Dra. Eliana Marques Zanata que com empenho e empatia colaborou para que esse trabalho fosse concluído.

Em especial, agradeço ao meu querido orientador Prof. Dr. Antônio Francisco Marques que me aceitou no programa, acreditou em meu potencial e me conduziu com paciência e sabedoria durante todo o processo.

À professora Dra. Kelly Cristina Ducatti da Silva, por toda sua atenção, orientação e valiosas contribuições.

Aos meus colegas de curso, com os quais tive poucas oportunidades de conviver presencialmente devido às limitações impostas pela pandemia do covid-19, que afetou a vida e a rotina de todos. No entanto, mesmo com tantas dificuldades durante as aulas virtuais, sempre interagíamos, colaborando com o desenvolvimento dos estudos, apoiando-nos para a superação conjunta perante a fase crítica da pandemia, que se estendeu por muito mais tempo do que esperávamos. Gratidão por ter conhecido as amigas Fernanda Paiva, Elisandra Pereira e Gisele Bornio, às quais me apeguei desde o primeiro dia de aula e que carinhosamente me incentivaram durante os estudos.

Aos profissionais da Educação, professores, colegas de trabalho e toda a equipe pela parceria e contribuição na pesquisa. Ao Francis Pegorer, por ter me mostrado o caminho no momento em que mais precisei.

Agradeço, com carinho especial, ao meu amigo Claudio d`Santana, que sempre me apoiou e que, mesmo distante, esteve presente em cada momento especial como grande incentivador que trabalha e compartilha comigo o mesmo ideal de prevenção e combate ao *bullying* no ambiente escolar.

Aos meus alunos, que com sua agitação evolução diária me motivam a buscar sempre ser uma pessoa e uma profissional melhor.

Meus sinceros agradecimentos a cada pessoa que direta ou indiretamente colaborou para a realização do meu “sonho de mestrado”.

“Onde há vida, há inacabamento”
Paulo Freire (1997, p. 55)

PEREIRA, K. R. L. **O cotidiano escolar e o bullying:** contribuições didáticas na prevenção. 2023. 132 fs. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita”. – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica. UNESP, Bauru, 2023.

RESUMO

O *bullying*, conhecido como a prática de atos de violência repetitiva e intencional realizado entre indivíduos do mesmo grupo, tem se tornado um problema de grandes proporções no cotidiano das unidades escolares brasileiras. Esse fenômeno produz, entre agressores, agredidos e espectadores, traumas e complicações que, não raro, afeta-os com consequências negativas ao longo da vida. Dessa forma, espera-se que o presente trabalho de pesquisa cumpra a função de estimular reflexões e discorra acerca de possíveis estratégias de prevenção sob a ótica do profissional docente para colaborar no processo de conscientização dos educandos sobre o tema. O objetivo geral deste trabalho consiste em investigar a percepção docente acerca do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar e suas práticas pedagógicas preventivas como meio para facilitar o processo de conscientização dos estudantes e incentivar a reflexão sobre o tema para promover a mudança positiva de suas atitudes frente às situações de *bullying* vivenciadas por eles no cotidiano escolar. Os objetivos específicos são: (1) compreender o *bullying* e suas especificidades frente aos demais conflitos à luz do referencial teórico; (2) analisar as relações sociais na escola para propor e avaliar uma forma de intervenção assertiva; (3) produzir um *e-book* informativo, destinado ao público docente, com enfoque na prevenção e combate ao *bullying* no ambiente escolar que auxilie no trabalho de conscientização dos alunos e promova reflexões a partir de um jogo digital destinado especificamente ao público discente. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa bibliográfica do tipo exploratória e descritiva. Foi realizado o levantamento bibliográfico sobre o tema, na busca para responder a seguinte pergunta: de que forma os professores podem colaborar na inclusão das vítimas de *bullying* e promover ações para sua prevenção e problematização com o público discente? Subsidiou-se a discussão com uma pesquisa em bancos de dados de teses e artigos científicos que focam o fenômeno *bullying* dentro do contexto escolar. A coleta de dados foi realizada de forma virtual, por meio de um questionário *on-line* e registro de observações em diário de campo. Participaram da pesquisa vinte e dois professores de uma Escola de Ensino Fundamental de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, que trabalharam o tema em suas salas de aulas, sendo que nove professoras, entre eles, propuseram-se a colaborar na aplicação e na avaliação do produto final, utilizando-o com seus alunos dos 4º e 5º anos, ou seja, aproximadamente 250 crianças, entre nove e dez anos de idade. A análise qualitativa das interações dos alunos participantes revelou uma melhora na capacidade de resolução de conflitos e adoção de atitudes mais empáticas no ambiente escolar o que consequentemente colaborou para a redução dos comportamentos de bullying em comparação com os demais alunos da escola.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Violência. Conflitos. Inclusão Escolar.

ABSTRACT

Bullying, known as the practice of repetitive and intentional acts of violence carried out between individuals of the same group, has become a major problem in the daily life of Brazilian school units. This phenomenon produces, among aggressors, victims and bystanders, traumas and complications that, not infrequently, affect them with negative consequences throughout their lives. In this way, it is expected that the present research work fulfills the function of stimulating reflections and discussing possible prevention strategies from the perspective of the teaching professional to collaborate in the process of raising awareness of the students on the subject. The general objective of this work is to investigate the teacher's perception about the phenomenon of bullying in the school routine and its preventive pedagogical practices as a means to facilitate the students' awareness process and encourage reflection on the subject to promote a positive change in their attitudes towards the bullying situations experienced by them in everyday school life. The general objective of this work is to investigate the teacher's perception about the phenomenon of bullying in the school routine and its preventive pedagogical practices as a means to facilitate the students' awareness process and encourage reflection on the subject to promote a positive change in their attitudes towards the bullying situations experienced by them in everyday school life. The specific objectives are: (1) to understand bullying and its specificities compared to other conflicts in the light of the theoretical framework; (2) analyze social relationships at school to propose and evaluate a form of assertive intervention; (3) to produce an informative ebook, aimed at the teaching public, with a focus on preventing and combating bullying in the school environment that can help raise student awareness and promote reflections based on a digital game specifically aimed at the student public. This is an exploratory and descriptive research with a qualitative bibliographical approach. A bibliographical survey was carried out on the subject in order to answer the following question: How can teachers collaborate in the inclusion of victims of bullying and promote actions for its prevention and problematization with the student public? The discussion was subsidized with a search in databases of theses and scientific articles that focus on the phenomenon of bullying within the school context. Data collection was carried out virtually, using an online questionnaire and recording observations in a field diary. Twenty-two teachers from an elementary school in a city in the state of São Paulo participated in the research, who worked on the theme in their classrooms, and nine of these teachers proposed to collaborate in the application and evaluation of the final product. Using it with their students, that is, approximately 250 children between nine and ten years old. The qualitative analysis of the interactions of the participating students revealed an improvement in the ability to resolve conflicts and adopt more empathetic attitudes in the school environment, which consequently contributed to the reduction of bullying behaviors compared to other students in the school.

Keywords: Bullying. School. Violence. Conflicts. School Inclusion.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pergunta 1: há diversas discussões sobre formas de se combater o <i>bullying</i> na escola na qual trabalho?	62
Gráfico 2 – Pergunta 2: tomei conhecimento do fenômeno <i>bullying</i> ainda na graduação para docência?	63
Gráfico 3 – Pergunta 3: os professores, de modo geral, têm bastante conhecimento acerca do fenômeno <i>bullying</i> ?	63
Gráfico 4 – Pergunta 4: o <i>bullying</i> acontece com frequência na escola em que trabalho?	64
Gráfico 5 – Pergunta 5: a escola tem procedimentos padronizados para enfrentar o <i>bullying</i> ?	65
Gráfico 6 – Pergunta 6: há sempre necessidade de alguma intervenção pedagógica quando é identificado o <i>bullying</i> ?	65
Gráfico 7 – Pergunta 7: eu, como educador, costumo dar a primeira intervenção quando flagro casos de <i>bullying</i> ?	66
Gráfico 8 – Pergunta 8: na instituição em que trabalho há instrumentos potentes para que o aluno possa denunciar o <i>bullying</i> sem se sentir constrangido?	67
Gráfico 9 – Pergunta 9: é procedimento padrão na escola em que leciono partilhar os casos de <i>bullying</i> flagrados em sala de aula para os demais colegas em reuniões pedagógicas?	67
Gráfico 10 – Pergunta 10: é comum que pais/responsáveis pelos alunos vítimas e pelos alunos agressores sejam convocados para que, de forma privada, sejam informados de episódios de <i>bullying</i> e obtenham informações sobre as ações que estão sendo tomadas?	68
Gráfico 11 – Pergunta 11: considero que a minha escola seja um ambiente agradável e seguro para proporcionar o aprendizado dos alunos?	68
Gráfico 12 – Pergunta 12: percebo que os alunos da instituição na qual trabalho estão estimulados para prosseguir nos estudos (Fundamental II e Médio)?	69
Gráfico 13 – Pergunta 13: estamos preparando os alunos para serem cidadãos bem-sucedidos?	70
Gráfico 14 – Pergunta 14: não percebo diferenças significativas de desempenho escolar entre alunos por conta de sua cor de pele?	70
Gráfico 15 – Pergunta 15: os pais participam ativamente das atividades da escola?	71

Gráfico 16 – Pergunta 16: eu confio no poder de discernimento e na capacidade profissional dos meus colegas professores?	72
Gráfico 17 – Pergunta 17: eu vou trabalhar motivado na maioria dos dias?	72
Gráfico 18 – Pergunta 18: eu persigo constantemente oportunidades de me tornar melhor professor?	73
Gráfico 19 – Pergunta 19: importo-me com o sucesso ou o fracasso dos alunos?...73	

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O jogo de tabuleiro com destaques	106
Figura 2 – Os peões.....	106
Figura 3 – O dado	107
Figura 4 – As cartas	107
Figura 5 – O conteúdo das cartas: pergunta mediada.....	108
Figura 6 – Situações problema com decisões inadequadas.....	108
Figura 7 – O conteúdo das cartas: pergunta de múltipla escolha (parte 1).....	109
Figura 8 – O conteúdo das cartas: pergunta de múltipla escolha (parte 2).....	109
 Quadro 1 – Fluxograma do processo de seleção de artigos obtidos na <i>Scientific Eletronic Library Online</i> (SciELO).....	 41
Quadro 2 – Fluxograma do processo de seleção de teses e dissertações obtidos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.....	43

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 O “Massacre de Realengo”	35
2.2 Definições acerca do fenômeno <i>bullying</i>	38
2.3 Pesquisa das bases de dados acadêmicas	40
2.4 Definição e contextualização do <i>bullying</i>	47
2.5 A legislação brasileira e o <i>bullying</i>	54
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	56
3.1 Pesquisa de campo	56
3.2 Coleta de dados.....	56
3.3 Caracterização do público-alvo.....	58
3.4 Perfil dos docentes pesquisados	60
3.5 Análise dos dados.....	60
4 RESULTADOS DA PESQUISA	62
4.1 Resultados das perguntas fechadas	62
4.2 Resultados das perguntas abertas	74
5 DISCUSSÃO.....	75
5.1 Análise dos dados.....	75
5.2 Resposta à pergunta norteadora.....	80
6 O PRODUTO FINAL	84
6.1 O processo de criação do <i>e-book</i> informativo	84
6.1.1 Apresentação	84
6.1.2 Introdução do <i>e-book</i>	85
6.1.3 O que é o <i>bullying</i> ?.....	85
6.1.4 Quem é quem no contexto do <i>bullying</i> ?.....	86

6.1.5 Tipos de <i>bullying</i>	88
6.1.6 Consequências do <i>bullying</i>	90
6.1.7 Impactos do <i>bullying</i> no ambiente escolar	93
6.1.8 Lei antibullying.....	94
6.1.9 O educador diante do fenômeno <i>bullying</i>	95
6.1.10 Atividades propostas	95
6.1.11 Jogo digital: “Escolinha legal”	98
6.1.12 Estratégias de enfrentamento do <i>bullying</i>	99
6.1.13 Estratégias de prevenção do <i>bullying</i>	101
6.1.14 A importância da conscientização e educação sobre o <i>bullying</i>	104
6.1.15 Medidas que a escola pode tomar para promover um ambiente seguro	104
6.1.16 Recursos e suporte disponíveis para vítimas de <i>bullying</i>	104
6.1.17 Considerações finais	105
6.2 O jogo digital (jogo de tabuleiro).....	105
6.3 Relatos dos professores e sugestões de intervenção	109
 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 113
 REFERÊNCIAS	 115
 APÊNDICE A – Questionário aplicado por via eletrônica para os professores participantes do projeto	 125
 APÊNDICE B – Ficha avaliativa.....	 127
 ANEXO A – Questionário aplicado por Jorge (2009) que serviu de base para o questionário enviado por via eletrônica para as professoras participantes do projeto.....	 128

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa foi um sonho pessoal que se materializou com a atividade acadêmica. Desde a infância sempre admirei meus professores, porém, isso era tão pouco comum que eles estranhavam que eu tivesse mais carinho por eles do que com quaisquer super-heróis da ficção; enquanto minhas coleguinhas imaginavam ser a Mulher-Maravilha, eu sonhava ser uma educadora e, seguindo esse caminho, tornei-me docente do Ensino Fundamental.

Paulo Freire (1989, p. 19), em *A importância do ato de ler*, afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, aplicando ao meu contexto de vida, foram meus professores e professoras que nortearam minhas descobertas e maneiras de ler o mundo.

Concluí o Magistério Técnico, antigo Colegial, no ano de 1995. No entanto, por influência dos meus pais, meu primeiro curso superior foi Direito. Concluí essa formação, com sucesso, e tornei-me advogada. Iniciei a construção da advocacia na cidade de Bauru, estado de São Paulo, entre os anos 2000 a 2005, porém, o desejo de ser docente não deixou de existir.

Em 1999, ainda estudante de Direito e munida do diploma de técnico em Magistério, prestei um concurso público para ser professora do Ensino Fundamental em Ourinhos, interior paulista. Fui aprovada, mas preferi concluir a graduação para tornar-me advogada e não atendi à convocação feita pela prefeitura, deixando, assim, que essa oportunidade passasse. Entretanto, em 2005, decidida a realizar o sonho da docência, retornei à minha cidade natal, Santa Cruz do Rio Pardo, em São Paulo, e, enfim, iniciei minha carreira docente como professora substituta.

Apesar das dificuldades e de um recomeço profissional complicado, dei início a minha segunda formação superior ao ingressar em Pedagogia. Estudava enquanto dava aulas eventuais nas cidades da região de Ourinhos. Nesse momento da vida, com uma vida profissional atribulada e compromissos discentes por conta da nova formação superior, atravessei um período complicado que esclarecerei adiante.

Em 2009, após três anos de muita luta por intercalar os estudos na faculdade de Pedagogia e a vida profissional, fui aprovada em um novo concurso público, desta vez em Santa Cruz do Rio Pardo. Meu empenho nos estudos finalmente foi coroado, sendo que o cargo público trouxe a estabilidade que eu precisava, ponto de partida para uma nova fase da minha vida.

Nesse momento da narrativa é natural que surja um questionamento: por que abandonar a carreira de operador do Direito para ser professora? Sair de um emprego cheio de reconhecimento e reiniciar uma trajetória em uma função que tem sido tão desvalorizada? A resposta é simples: a pressão profissional proporcionada pela atuação no campo do Direito e a falta de paixão em exercer um ofício que nunca tinha sido meu objetivo profissional. Essa mistura acabaria se tornando meu gatilho para o desenvolvimento de uma doença psiquiátrica, a saber, a depressão.

Embora perto da família, sendo minha mãe a principal apoiadora, e no exercício exercendo da profissão dos meus sonhos, passei a conviver com a doença psíquica e experimentei todos os dissabores que essa condição proporciona. Senti na pele todos os preconceitos sociais em relação às pessoas que sofrem de qualquer distúrbio mental. Ações da vida cotidiana, como se aprontar para mais um dia de trabalho, passou a ser, às vezes, uma missão complicadíssima para mim, a ponto da dor física.

No ano de 2019, pedi licença no trabalho a fim de iniciar um tratamento médico, pois a síndrome do pânico havia afetado minha profissão como educadora. Sendo assim, obedecendo as orientações do psiquiatra, dediquei um tempo exclusivo para me recompor e poder voltar mais forte para o ofício que amo, afinal, era necessário superar a sensação de exclusão social e recuperar a confiança em minha capacidade docente.

De volta ao trabalho, superei julgamentos por parte de alguns colegas e enfrentar os desafios do dia a dia em sala de aula. Percebi, então, que eu estava determinada em auxiliar o aprendizado de alunos com deficiências cognitivas e, de modo mais específico, identifiquei-me com os educandos vítimas de *bullying*. Considerando que “nada é por acaso”, conforme o ditado popular, também surgiu a oportunidade de me candidatar à pós-graduação *stricto sensu* para o Mestrado Profissional e, como um bom capricho do Destino, transformei minha condição de vida em um novo impulso diante dessa nova fase.

Confesso que foi somente após a licença médica, com dez anos na atividade docente, que resolvi atentar-me ao fenômeno *bullying*. Anteriormente, de maneira equivocada, compartilhava a visão preconceituosa de que, caso não haja agressão física entre os alunos, os problemas de relacionamento deveriam ser resolvidos por eles mesmos e o amadurecimento e a superação aconteceriam “naturalmente”, afinal de contas, quando eu era criança não se falava “nesse tal de *bullying*”. Além do mais, argumentava que os estudantes “daquele tempo” resolviam os conflitos por si mesmos

e “não havia espaço para essas frescuras de psicólogos”. Confesso, inclusive, com vergonha, que acreditei que tais conflitos entre os estudantes eram oportunidades para que eles desenvolvessem seus caracteres e que, se houvesse qualquer influência de um adulto, cresceriam “fracas” e “mimadas”.

Com a psique sob controle, atenta ao tratamento e seguindo responsavelmente as prescrições médicas, senti-me estimulada para retornar aos livros e à pesquisa. Compreendi que as situações de violência que havia experimentado quando era estudante e que eram tidas “normais” pelos adultos, foram, de fato, episódios de negligência por parte dos educadores. Reitero: percebo que minha antiga maneira de ver e avaliar o *bullying* estava marcada pelo senso comum, mas, depois dessa epifania, passei a acreditar que seria minha missão docente buscar especialização nesse fenômeno e tornar-me uma educadora focada em transformar o ambiente escolar em um lugar melhor.

Os dados apresentados na pesquisa questionam a postura dos educadores(as), não havendo subterfúgio para ignorar essa realidade na qual ninguém está imune. Paulo Freire (2005, p. 83-84), no celebrado livro *Pedagogia do oprimido*, já apontava o valor que a espécie humana tem ao se reconhecer como equivocada em determinadas situações e “corrigir os rumos” por meio de uma mudança de atitudes:

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontra as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm.

Quando retornei à sala de aula como docente titular de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, já de posse da freiriana “consciência de inconclusão” e com renovadas diretrizes didáticas, percebi uma situação de conflito entre o grupo de alunos que aparentemente isolava uma das alunas. Os episódios de rejeição eram tão intensos que a aluna/vítima havia manifestado intenção de não mais comparecer às aulas: este era um caso de *bullying*.

Severo (2009) nos ensina que o *bullying* pode ser um *start* muito nocivo ao processo de formação psíquica dos indivíduos. Ele afirma que esse fenômeno está relacionado à causa de diversas condições patológicas nas vítimas:

[...] além da diminuição da autoestima e dos prejuízos no desempenho escolar e nas relações sociais, o *bullying* pode trazer outras consequências mais graves, como o desenvolvimento de psicopatologias, como a depressão, a fobia social e, até mesmo, a tentativa de suicídio para aqueles indivíduos que são vitimizados. Assim como a manifestação de transtorno de conduta (na adolescência) e o transtorno da personalidade antissocial na vida adulta. (Severo, 2009, p. 78).

Por conseguinte, notei ser o momento de agir pedagogicamente para intervir de maneira positiva naquela situação, pois, acreditava ser obrigação da escola identificar como o *bullying* ocorre e conhecer as particularidades existentes entre vítima e agressor, ou seja, como os episódios acontecem, quais são os seus gatilhos e, por fim, como amenizar suas consequências sociais, emocionais e psicológicas nos alunos envolvidos.

Freire (2005, p. 32) ensina que, embora, às vezes, haja confusão nos papéis de ser humano e de educador, é necessário nunca perder de vista o que é e para que existe o primeiro deles:

Constar essa preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização.

Assim, partindo do problema inicial – o desafio de incluir no cotidiano da turma a aluna que procurava se isolar por sofrer *bullying* –, identifiquei a causa pela qual ela era importunada, a saber, a obesidade. Em seguida, compartilhei o problema com os membros da equipe escolar, incluindo docentes, gestores e indivíduos do apoio pedagógico (agentes de organização escolar e agentes administrativos).

Em um segundo momento, foram traçadas as ações que seriam tomadas para a intervenção pedagógica, como o auxílio através da pesquisa bibliográfica e tomar conhecimento de experiências exitosas em outras unidades escolares que lidarem com o mesmo problema.

No entanto, enquanto a equipe escolar se debruçava sobre o problema em torno da aluna vítima de *bullying* em razão da sua obesidade, outros casos começaram a ser identificados em outras turmas. Notamos que haviam diversos casos de *bullying* ocorrendo em todas as séries. Um número considerável de educandos estava sofrendo os dissabores do fenômeno e, até aquele momento, ainda não havíamos tomado atitudes pedagógicas de intervenção.

Na posse desses conhecimentos, o combate ao *bullying* passou a ser o foco de atenção dos profissionais da escola. A busca pelo bem-estar dos alunos e a mediação saudável e pedagogicamente correta dos conflitos tornaram-se boas opções para a equipe escolar. Afinal, a obrigação da equipe seria favorecer a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos.

As reflexões que aconteciam entre as educadoras nas reuniões pedagógicas, denominadas horas de trabalho pedagógico coletivo, eram riquíssimas. Conclui-se que era preciso intervir e criar condições para que os alunos entendessem a força negativa do *bullying*, protagonizassem atitudes positivas e fizessem escolhas transformadoras, percebendo-se como seres humanos em formação e tornando-se agentes multiplicadores desse processo de enriquecimento social. Também foi reconhecida reconhecer a ação docente como meio capaz de fomentar uma educação realmente inclusiva na qual as diferenças são respeitadas e valorizadas.

A parte que me coube naquela intervenção pedagógica imediata foi tomar conhecimento dos projetos exitosos que já tivessem sido aplicados em escolas do Ensino Fundamental e que pudessem ser reproduzidos na nossa instituição. Fiz uma pesquisa no *Google* e encontrei um vídeo com a música “Amigo, sim! *Bullying*, não!” (d’Santana, 2016). Encantei-me com a letra e com a melodia, e percebi que essa canção poderia ser um instrumento que ajudaria a comunidade escolar em que me encontrava a refletir sobre o que acontece no interior das escolas.

Entrei em contato com o compositor Cláudio d’Santana, autor da música citada, e tomei conhecimento de que a singela canção é parte de um trabalho bem maior: o filho de Cláudio havia sido vítima de *bullying* na escola que estudava. Diante disso, agi em conjunto com a equipe pedagógica, realizando o projeto “Amigo, sim” *Bullying*, não!”. Segundo o músico, ele se sentiu na obrigação de, como parte da comunidade escolar, contribuir com o enfrentamento do problema. Percebi, então, que havia encontrado a “experiência exitosa” que precisava. Autorizada pelo autor, resolvi usar sua canção, juntamente com outras ações pedagógicas, como parte do projeto de conscientização que seria colocado em prática.

Amigo, sim! *Bullying*, não!

Já se pôs no lugar de quem você humilha, faz gozação,
intimida com palavras, agressão.
Já imaginou se fosse você rejeitado,
sendo excluído, sendo magoado.

Já imaginou se fosse você sentindo
a tristeza, a dor, a lágrima caindo.

Amigo sim, *bullying* não.
Não ao preconceito, não a discriminação.
Amigo sim, *bullying* não.
Sim a diversidade, sim a inclusão.

E daí se é pobre, gordo, manco, baixo, alto, magro, negro, branco.
Por dentro somos todos iguais, o coração que conta muito mais.
O normal é ser diferente, cada um viver seu jeito livremente.
Ninguém é melhor que ninguém, não, não importa raça, crença, nação.
Diga não a divisão, a quem precisa estenda a mão.
Cultive um sentimento maior: o amor, esse sim faz a gente melhor.

Já parou para pensar: a força do bem mora em seu coração,
se renova a cada gesto, boa ação (d'Santana, 2016).

Percebi, na letra dessa canção, todos os conceitos que deveriam ser trabalhados com os educandos. A linguagem simples e muito adequada à faixa etária do alunado serviu “como uma luva” para que os temas complexos e até polêmicos que envolvem o fenômeno *bullying* pudessem ser desenvolvidos. Portanto, munida desse potente instrumento, pude sentir o projeto de pesquisa tomando forma. Conforme ensina Araldi e Chiqueto (2008/2009, p. 6),

A música é parte integrante da formação humana. Sempre interagindo com seu meio, o homem concebeu e confeccionou instrumentos variados, criou e exercitou diferentes cânticos, desenvolvendo com a linguagem musical uma relação cada vez mais rica e múltipla.

O comportamento nocivo que a equipe pedagógica identificou na escola seria alvo de um projeto pedagógico que teria a letra de “Amigo, sim! *Bullying*, não!” (d'Santana, 2016) como inspiração. O objetivo era propor atividades pedagógicas que promovessem a inclusão dos alunos/vítimas e a conscientização dos alunos/agressores de modo que tal problema pudesse ser minimizado.

Antes que o projeto fosse aplicado em todas as turmas da unidade escolar na qual ocupo função docente, era necessário que eu aplicasse a metodologia apenas para os alunos da turma para a qual leciono e, com base nos resultados obtidos, compreendesse qual seria a melhor forma de ampliar o tema e envolver toda a comunidade escolar da instituição.

O vídeo da música e o estudo atento da sua letra foi o primeiro passo. Meus alunos foram sensibilizados pela obra e, após um levantamento prévio da compreensão *a priori*, os próprios educandos foram ampliando a temática. Percebi,

nesse entremeio, que havia outras tantas situações de agressão que escapavam da compreensão da equipe docente.

Como já acontecera anteriormente, senti-me parte do processo de identificação dos problemas que estava acontecendo: notei que minha ação docente deveria ser ainda mais atenta e que não bastaria apenas que os alunos tivessem foco nos conhecimentos teóricos, mas minha prática docente também precisaria ser ressignificada.

Boa parte dos alunos participou da discussão e muitos deles cantaram espontaneamente os versos de “Amigo, sim! *Bullying*, não!” (d’Santana, 2016). Além do mais, foi muito positivo conversar sobre as situações de agressão que eles experimentavam diariamente. O ponto positivo dessa primeira experiência do projeto é que não houve troca de acusações, nem “caça às bruxas”, ou seja, todos os educandos refletiram sobre seus relacionamentos sem que houvesse a busca dos culpados.

Compreendi, ainda que empiricamente, que as relações sociais entre os alunos são muito complexas, embora sejam seres humanos em formação e convivam com grupos sociais mais restritos. A aluna citada anteriormente, que por ser obesa era alvo das importunações dos colegas, entendeu a relevância de não abandonar a escola e que, em outros níveis das relações sociais, ela também exercia o papel de agressora.

Fiz anotações, delimitei os temas e, em uma reunião pedagógica, compartilhei com meus colegas docentes tudo que havia acontecido. Destarte, notamos, em conjunto, que era hora de ampliar essa sensibilização para o restante das turmas e, por fim, para toda a comunidade escolar.

Convém fazer um parêntese: quando uma equipe trabalha em conjunto, todas as dificuldades podem ser vencidas – digo isso porque, após os colegas reproduzirem a experiência de entendimento de texto com a letra da canção “Amigo, sim! *Bullying*, não!” (d’Santana, 2016), os próprios alunos quiseram apresentar, em canto coral, a canção para o restante da comunidade.

Por uma feliz coincidência, o “Dia nacional de combate ao *bullying* e à violência na escola”, celebrado no Brasil no dia 7 de abril, é uma data próximo ao aniversário da escola na qual trabalho. Surgiu, dessa aproximação, a oportunidade de exibir o coral, ideia surgida do interesse dos próprios educandos. O gosto pela manifestação artística por meio da música e a vontade de compartilhar com a comunidade escolar o resultado daquele trabalho havia, com efeito, havia “tomado conta” dos educandos.

A proposta, após deliberações entre os membros da equipe pedagógica, é que o coral seria formado pelas cinco turmas do 4º ano do Ensino Fundamental e que a apresentação seria feita para toda a comunidade reunida, conforme as tradicionais comemorações do aniversário da unidade escolar.

A mostra foi um sucesso. Todos os docentes da instituição notaram que a atitude de colocar o *bullying* sob os holofotes tornou o trabalho de identificação das situações de agressão muito mais fácil. Além disso, o debate que ocorreu em cada uma das salas de aula contribuiu para que tal conscientização fosse transmitida para as famílias dos alunos e até para a comunidade que reside no entorno da escola.

A equipe pedagógica percebeu que o trabalho antibullying deveria ser uma inquietação constante. Assim sendo, a escola deveria ser um ambiente seguro para as interações sociais a fim de que todos os indivíduos se sentissem livres para manifestar suas características e, desse modo, desenvolver as habilidades e competências preconizadas pela pedagogia. No entanto, para que tal “ambiente protegido” realmente se efetive, é imprescindível que os docentes conheçam mais a fundo as situações de agressão. Desta feita, o combate à violência exige por parte de todos os envolvidos, uma postura mais ativa.

Nesse sentido, várias ações foram tomadas na escola: encontros de capacitação para os docentes e agentes de apoio pedagógico; parceria com a saúde, incluindo a visita de nutricionistas na escola; encaminhamento ao psicólogo escolar na ocasião da identificação de alunos vítimas e/ou agressores; e, por fim, a instalação de uma urna, em um local de grande fluxo de alunos, para que eles depositassem suas queixas, com a garantia do anonimato.

O resultado da última ação descrita, a instalação da urna, não teve o efeito desejado. Pelo fato dela estar instalada em um local público, os alunos não se sentiram à vontade para exprimir seus dramas. Dessa forma, ela foi colocada dentro da sala de aula, em um local mais reservado e com fácil acesso dos estudantes aos papéis e lápis. Os resultados foram positivos, pois vários alunos aproveitaram a oportunidade para depositar na urna relatos de agressões sofridas ou de agressões que haviam presenciado. Essa urna era itinerante, ou seja, ficava disponível por uma semana dentro de determinada sala de aula até ser levada para a sala seguinte.

Uma “novidade” aconteceu quando os docentes permitiram que um grupo de alunos do 4º ano se responsabilizasse pela instalação da urna nas salas de aula e explicasse, responsavelmente, para os colegas como ela deveria ser usada.

O estímulo vindo de um colega da escola em vez de um professor envolveu ainda mais os educandos, incentivando maiores participações na ação. Por exemplo, no caso de uma criança se sentir incomodada com alguma situação ou saber de algo que prejudicava um colega, poderia escrever seu relato e depositá-lo na urna para que as professoras pudessem ajudar a resolvê-lo. Foi combinado que, caso fosse o desejo, não seria necessário o aluno se identificar. Aqueles que ainda não sabiam escrever podiam se manifestar através de desenhos.

Cuidadosamente, um dos professores recolhia os relatos, antes dos alunos levarem a urna para outra sala, respeitando as confidências dos alunos e garantindo que o sigilo seria mantido com o máximo zelo. Os relatos mais preocupantes ou que revelassem fatos mais graves eram analisados pela equipe pedagógica durante as horas de trabalho conjunto.

Em cada sala de aula foi detectado ao menos um caso relevante que necessitava de intervenção por parte da equipe escolar. Foram identificados, dentre os relatos, situações em que os familiares precisaram ser chamados até a escola, pois envolvia pessoas da própria família. Com essas informações em mãos, planejamos atividades e selecionamos leituras para uma abordagem mais favorável do assunto junto aos alunos, mas, claro, sem expor aquele que carecia de ajuda. O que observamos nesse momento foi a criação do fenômeno da “consciência”, conforme ensinado por Silva *et. al.* (2017, p. 46):

Atualmente, as relações sociais, sobretudo no seio das organizações, são marcadas por preconceitos, estereótipos e impedimentos à comunicação e à convivência cotidianas, caracterizando a redução da possibilidade de se ter experiências. Como as relações escolares também apresentam esses traços, o estudo acerca do modo como essa forma de regressão interfere nos objetivos da escola torna-se central. Se, tal como definido pelas políticas públicas de educação vigentes no Brasil, a escola visa à formação de sujeitos autônomos, não se pode ignorar que a esfera da consciência é central para a compreensão das contradições que apresenta atualmente. É somente mediante a consciência que se poderá perceber e enfrentar a constante estimulação social à violência e à frieza expressadas de maneira direta no *bullying* e disseminadas nas relações sociais em geral.

Imbuídos da vontade de fazer o projeto “sair do papel” e dar resultados positivos, cada professor adotou uma abordagem para trabalhar o tipo de comportamento que foi identificado em sua sala de aula e que necessitava de intervenção, evitando que viesse a se tornar *bullying*. Foram realizadas leituras,

ilustrações, rodas de conversa, debates, dinâmicas, produções de textos, confecção de frases e cartazes e até mesmo um gibi sobre o tema.

Os pais perceberam a evolução no comportamento dos filhos e suas preocupações em respeitar e serem respeitados. O rendimento escolar melhorou, logo após o interesse dos alunos. As faltas diminuíram e a escola passou a ser vista pelos alunos como um local agradável e que gostavam de estar.

A mudança positiva no comportamento das crianças chamou a atenção da mídia local, sendo que os questionários dos alunos reverberaram por meio de jornais, rádio e emissora de televisão. A comunidade escolar apoiou, compreendeu os objetivos e colaborou com o ambiente de harmonia na escola. O discurso que antes era “se te xingarem você bate” mudou para “respeite para ser respeitado”, ou seja, não aceite ser maltratado e procure ajuda se precisar.

Diante de tudo isso, foi a partir de um caso de *bullying* que outras situações foram ser identificadas e ressignificadas antes de tornarem-se *bullying*. Dessa forma, toda a escola foi beneficiada. Os professores, por exemplo, tomaram conhecimento de casos referentes ao tema e que aconteciam dentro da escola, que antes passavam despercebidos.

No mês de setembro, no tradicional desfile público da Independência do Brasil, as crianças confeccionaram e levaram cartazes com frases que incentivavam o respeito e o combate ao *bullying*. Elas distribuíram marcadores de livros com suas frases para as pessoas que estavam acompanhando o desfile, para promover respeito e empatia e combater o *bullying*, assim como qualquer tipo de violência. Nessa ocasião, pessoas de outras vilas e alunos de outras escolas também puderam pensar sobre as situações que aconteciam no âmbito escolar. O tema *bullying* recebeu a devida atenção com a reflexão sobre o tema e o desenvolvimento de outras ações preventivas pelas equipes das demais escolas do município.

Dessa forma, a vivência do problema trouxe motivação para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa visando a busca pela compreensão da temática, a produção de meios para reduzir a distância entre o real e o ideal, e modestamente, contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre a prevenção e o combate ao *bullying* escolar.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa refere-se ao *bullying* no ambiente escolar, ou seja, aos atos de violência física ou psíquica praticados de modo intencional e repetitivo entre os estudantes na escola. O desequilíbrio de poder nas relações entre os envolvidos faz com que as vítimas fragilizadas se sintam intimidadas pelos agressores e, muitas vezes, deixem de buscar ajuda.

Refletiremos sobre o tema *bullying* a partir da ótica dos professores e analisaremos a postura adotada diante das situações evidenciadas, para, então, propor e avaliar uma forma assertiva de intervenção.

O *bullying* no ambiente escolar é uma temática que merece atenção. Assim, nosso trabalho de pesquisa propõe refletir acerca da compreensão que o público docente tem sobre o fenômeno e como são as ações de combate nas relações cotidianas em sala de aula. Discorreremos sobre as possíveis estratégias de prevenção adotadas com foco na conscientização dos alunos no que se refere ao tema.

A palavra *bullying* vem do termo *buller*, palavra da língua inglesa que significa “valentão” ou “agressor”. Ela foi usada pela primeira vez durante a década de 1960 para denominar episódios de violência física ou psicológica que ocorrem dentro do ambiente escolar de maneira imotivada entre indivíduos da mesma hierarquia social. Por ser um tipo de violência diferente da tradicional, acaba exigindo uma ação mais específica das pessoas que participam do cotidiano escolar. Além disso, o *bullying* surge como um problema que cada vez mais se avoluma, fazendo com que todas as pessoas que participam do universo da unidade de ensino tenham que tomar ciência e coordenar ações a fim de promoverem uma melhor qualidade de vida para todos (Reisen; Santos-Neto, 2018).

Isso posto, urge a necessidade de melhorar a qualidade das relações pessoais no universo das unidades escolares e de contribuir para a formação ético-política das gerações que hoje frequentam as escolas e das gerações que futuramente frequentarão esses ambientes.

A prática do *bullying* traz severas consequências para as vítimas e para os agressores, pois interfere negativamente na qualidade do processo de ensino e aprendizagem e produz consequências que vão além da fase escolar da pessoa.

Por conseguinte, o objetivo geral deste trabalho consiste em investigar a percepção docente acerca do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar e suas práticas pedagógicas preventivas como meio para facilitar o processo de conscientização dos estudantes e incentivar a reflexão sobre o tema a fim de promover uma mudança positiva nas suas atitudes frente às situações de *bullying* vivenciadas por eles no cotidiano escolar.

O professor capacitado e ciente da relevância do tema facilita a criação de situações que favoreçam a aprendizagem do aluno e a construção de conhecimento significativo em prol da mudança positiva do comportamento dos alunos.

No que diz respeito aos objetivos específicos, pretendemos: a) compreender o *bullying* e suas especificidades frente aos demais conflitos à luz do referencial teórico; b) analisar as relações sociais na escola para propor e avaliar uma intervenção assertiva; c) produzir um *e-book* informativo destinado ao público docente, com enfoque na prevenção e no combate ao *bullying* no ambiente escolar, para auxiliar no trabalho de conscientização dos alunos e promover reflexões a partir de um jogo digital destinado especificamente ao público discente.

Para subsidiar a reflexão sobre o *bullying*, recorreremos às pesquisas que tinham o *bullying* dentro do contexto escolar como objeto de estudo, como teses, dissertações e artigos científicos. Também realizamos a pesquisa bibliográfica sobre o tema e a pesquisa de campo, baseada em um questionário (Apêndice A) que foi submetido ao público docente das salas dos Anos Iniciais de uma escola de Ensino Fundamental pertencente à rede pública municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo/SP.

A coleta de dados foi realizada de maneira virtual, por meio de um questionário *on-line*, com registro de observações em diário de campo devidamente digitalizado e arquivado em ambiente virtual para consulta sempre que necessário. Participaram da pesquisa 22 professoras que fazem parte do quadro de professores efetivos da escola de Ensino Fundamental na qual foi feita a pesquisa. As professoras participantes trabalharam o tema em suas salas de aulas e nove deles se propuseram a colaborar na aplicação e avaliação do produto final, utilizando-o com seus alunos, sendo, aproximadamente, 250 crianças, entre nove e dez anos de idade.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória e descritiva. Realizamos o levantamento bibliográfico sobre o tema visando responder a seguinte pergunta norteadora: de que forma os professores podem colaborar na

inclusão das vítimas de *bullying* e promover ações para sua prevenção e problematização com o público discente?

Além do mais, por meio desta pesquisa, propomos e avaliamos um produto educacional que favorece a reflexão dos alunos sobre o *bullying* escolar e os auxilia na tomada de consciência e na adoção de uma postura de enfrentamento ao problema.

A análise tem como ponto de partida a ótica docente acerca do *bullying* e a postura adotada pelos professores frente às situações evidenciadas para, posteriormente, propor uma intervenção que atinja os alunos, o público-alvo. Ressaltamos que para alcançar os alunos é preciso refletir sobre a postura docente no contexto da violência repetitiva, e identificar qual a percepção docente sobre esse fenômeno.

Há indícios de que a formação docente, nos bancos das universidades, não demanda para o tema *bullying* o tempo e o empenho necessário, que as instituições de ensino, embora tenham o viés de formação continuada, não reúnem as forças potentes para dar ao gestor de sala de aula os saberes necessários. Por outro lado, também há indícios de que os docentes, embora sem a formação adequada, buscam, na prática diária, identificar e enfrentar esse complexo fenômeno.

É preciso analisar a percepção docente acerca do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar e recorrer às práticas pedagógicas preventivas até então adotadas para percebermos quais ações podem ser tidas como assertivas e, a partir daí, propormos e avaliarmos novas formas de intervenção que alcancem positivamente os alunos, possibilitando, assim, minimizar a prática do *bullying*.

A intenção de produzir um *e-book* informativo sobre o *bullying* partiu da ideia de que o professor é o agente incentivador da reflexão sobre o tema. Através do professor os alunos terão contato com o material disponibilizado para as aulas, com enfoque na prevenção e no combate ao *bullying* no ambiente escolar, e serão levados a adotar uma postura crítica e reflexiva diante das situações apresentadas no jogo digital que é parte integrante do *e-book*. Esse material está baseado no incentivo da interação entre discentes e docentes, para que, de forma lúdica, um tema tão árido como o *bullying* seja melhor abordado nas escolas.

O produto final (Anexo B), o *e-book* informativo, traz conceitos e orientações para que os docentes possam, de maneira rápida e fácil, abordar o tema com seus alunos em sala de aula e, por meio das sugestões de atividades dispostas no material,

iniciar uma sondagem acerca das ocorrências desse tipo de fenômeno na turma de estudantes.

Partindo da pergunta norteadora e da busca nos bancos de dados sobre o tema “*bullying* escolar”, tem início a pesquisa de campo que produziu subsídios para reflexões as práticas dentro do material bibliográfico selecionado.

Para isso, com exceção da Introdução, organizamos a pesquisa em cinco partes. No segundo capítulo, intitulado “Fundamentação teórica”, realizamos uma observação geral sobre o histórico do fenômeno *bullying* e quais têm sido as reflexões da comunidade acadêmica sobre o fato. Ainda nesse capítulo, à luz do “Massacre de Realengo”, tragédia ocorrida em uma cidade do estado do Rio de Janeiro, selecionamos uma bibliografia para definir o que é *bullying*, apontar suas características e oferecer apontamentos pautados na legislação brasileira.

No terceiro capítulo, chamado “Procedimentos metodológicos”, há a preparação para a pesquisa de campo que foi constituída por um questionário semiestruturado. Este material foi auxiliado pelos registros em diário de campo referente às formulações e procedimentos que foram adotados para que as informações obtidas e devidamente tratadas fossem válidas em termos de resultados, ilustrando, assim, de modo competente, as conclusões construídas. Ainda nesse capítulo, definiremos e identificaremos o público-alvo da pesquisa.

No quarto capítulo, “Resultados da pesquisa”, dispomos os dados obtidos, bem como suas segmentações e análises.

No quinto capítulo, “Discussão”, reunimos os conceitos, com base na bibliografia selecionada, a fim de responder a pergunta norteadora e registrar as análises finais da pesquisa.

No sexto capítulo, intitulado “O produto final”, apresentamos, como o próprio nome expressa, o produto final, sua construção, o relato da aplicação feita pelos professores e a validação a partir das suas salas de aulas.

As “Considerações finais”, por sua vez, apontam a sensibilização das professoras em relação ao tema e as mudanças ocorridas.

Por fim, após as “Referências”, o trabalho traz, em seus anexos, a fundamentação usada para a construção do questionário semiestruturado, a apresentação do questionário semiestruturado usado na pesquisa e o produto final.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência sempre existiu na humanidade e, no presente, continua a ser uma realidade nas relações entre nações, grupos sociais, organizações sociais e entre indivíduos. A popularização dos meios de comunicação de massa via *internet* e as redes sociais trazem a sensação de que hoje, na década de 2020, vivemos em uma sociedade ainda mais agressiva do que viviam as pessoas durante as décadas de 1970/1980. Esse medo intenso de nos tornarmos vítimas de atos violentos pode ser atribuído à avalanche de informações que recebemos via *internet*, sendo que essa “instantaneidade” torna ainda mais agressivo nosso cotidiano com a “espetacularização do fenômeno” e a “banalização da vida” (Pereira, 2019, p. 25). No tocante a esse tema, Silva e Castro (2008, p. 48) nos ensinam que

[...] nas últimas décadas, as sociedades mundiais, entre elas a brasileira, estão vendo crescer os índices de violência nas escolas: ameaças a professores e alunos, ocupação do espaço pelo crime organizado, lutas entre grupos rivais de jovens, depredação, desrespeito à autoridade de gestores e docentes, são exemplos de fatos que vão se tornando comuns no cotidiano escolar. Tais fatos nos levam a questionar se o papel da escola está se efetivando e qual o papel que a formação docente tem nesse processo.

Em 2019, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2019) publicou um relatório sobre a violência escolar e o *bullying*. O estudo mostra dentre um bilhão de crianças que frequentam as escolas pelo mundo, 246 milhões sofrem algum tipo de violência escolar e *bullying*. Estas

[...] estimativas vão variar de acordo com os países e o tipo de estudo, em uma escala que varia de menos de 10% até mais de 65%. Em uma pesquisa de opinião realizada em 2016 pelo U-Report do UNICEF e pelo representante especial do secretário-geral da ONU sobre Violência contra Crianças (SRSG-VAC), à qual responderam 100 mil jovens de 18 países, dois terços deles relataram ter sido vítimas de *bullying*.

Hoje, esse fenômeno, que no passado poderia ser visto como brincadeira da infância e da adolescência na escola, é um fato psicossocial grave para tendo em vista o desenvolvimento da população envolvida. Em 2016, um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chamado Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, apontou que dos estudantes que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental, cerca de 195 mil já haviam sofrido algum tipo de *bullying* no espaço de

convivência escolar, como gozação e intimidação. Dentro os principais motivos citados em relação ao *bullying*, 15,6% se referia à aparência do corpo, e 10,9%, do rosto (Brasil, 2016).

A perspectiva mais adequada para o entendimento do *bullying*, parece ser a de Assis e Marriel (2010) que, com base no Relatório de Mundial de Violência e Saúde (Krug *et. al.*, 2002), mostraram que a violência envolve fatores individuais, relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais.

Diante disso, como fica a escola em sua função socializadora? As práticas sociais, entre elas a educação, têm uma dimensão dialética – marcada, então, por negações e contradições. Isso se dá no interior das famílias, nos meios de comunicação social, e na escola.

O processo de socialização escolar acontece de modo plural e complexo, num contexto em que a escola assume papéis especializados de socialização. Segundo Pérez Gómez (1998), a configuração das coletividades humanas, das simples às complexas, foi marcada, desde os primórdios da humanidade, pela prática social educativa, como ação informal e/ou não-formal e/ou formal, dentro das famílias, comunidades, países e nações. Assim, para Pérez Gómez (1998, p. 13), o papel da “educação, num sentido mais amplo, cumpre uma iniludível função de socialização, desde que a configuração social da espécie se transforma em um fator decisivo da hominização e especial da humanização do homem”. O processo ocorre pela educação como meio de socialização e consequente evolução e adaptação à sociedade em termos de cultura e civilização.

Entretanto, um grande desafio está posto para a escola, segundo Tedesco (2004, p.30). Para ele, há uma crise na função de homogeneização cultural da nação, refletida na erosão da capacidade socializadora das instituições responsáveis por isso no passado, entre elas, a escola: “neste sentido, um dos problemas mais sérios que a formação do cidadão enfrenta atualmente é que poderíamos chamar de ‘déficit de socialização’ que caracteriza a sociedade atual” (Tedesco, 2004, p. 30). Esse fenômeno, de certa maneira, explica a agressividade e a violência nas interações sociais que ocorrem na escola, entre elas, as ações de *bullying*.

Silva *et. al.* (2017, p. 45), chamam a atenção para o que denominam como “destrutividade social”, uma vontade do indivíduo de exprimir aquilo que pensa e tem vontade, por meio da agressão:

De um lado, essa forma de agressão intencional e sistemática, cometida por crianças e jovens a seus pares, já é indicativa da inscrição psíquica precoce da destrutividade social; de outro, seu efeito imediato é a limitação da necessária expressão de características humanas essenciais, como a fragilidade, o medo e a diferença.

Ademais, ainda conforme Silva *et. al.* (2017, p. 44),

Dentre as expressões da violência que assolam a escola, o *bullying* se destaca por incidir em uma faixa etária – infância e adolescência – em que a educação melhor poderia influir positivamente, e possuiu características que, em razão de sua semelhança com os dispositivos psíquicos acionados pelo fascismo, despertam grande preocupação social. Semelhante à pseudoformação com a qual se relaciona intrinsecamente, decorre de uma complexa constelação de fatores, dispostos irregularmente nos diversos âmbitos da vida dos agressores, das vítimas e dos demais participantes das inúmeras situações cotidianas relacionadas às formas de intimidação, hostilização e cerceamento que o constituem.

Com efeito, programas de grande audiência na televisão aberta usam a “expressão violenta”, ou, como definido anteriormente, a “instantaneidade” e a “pseudoformação”, somando-as à sensação intensa de insegurança que o brasileiro médio comum vive, movidos pelo objetivo de manter os índices de audiência e tornar o nome dos anunciantes cada vez mais populares. Desta feita, o subproduto desse aparente culto à violência se reflete em toda a sociedade e, como não poderia deixar de ser, torna-se rotineiro no cotidiano das escolas. Assim, é comum, nas vivências escolares, ocorrer a mimese da resolução dos conflitos que se observam no cenário social. Assim, instituições como família e escola tornam-se cada vez mais degradadas graças ao avanço dessa violência institucionalizada (Pereira, 2019, p. 26).

No entanto, percebamos que apenas uma análise estatística sobre o fenômeno da violência não é o caminho correto para que o educador compreenda os sujeitos e seus papéis diante dos fatos. Debarbieux (2001, p. 164), estudioso francês, debruçou-se sobre a problemática e, no início dos anos 2000, refletiu o seguinte:

[...] Em outras palavras, há um erro fundamental, idealista e a-histórico, em acreditar que definir a violência, ou qualquer outro vocábulo, consista em se aproximar o mais possível de um conceito absoluto de violência, de uma ‘ideia’ da violência que, de fato, tornaria adequados a palavra e a coisa. ‘Definir’ a violência na escola é, antes, mostrar como ela é socialmente construída em sua própria designação, como seu campo semântico se amplia a ponto de se tornar uma representação social central. Que fatos sociais heterogêneos sejam reunidos sob o termo genérico de ‘violência’ pelos atores da escola é em si mesmo um fato social digno de ser pensado.

O referido pesquisador nos convida para pensarmos a violência como algo que inclui todos nós, como docentes ou como cidadãos comuns. Para ele, a violência é retroestimulada pela própria sociedade, que é, ao mesmo tempo, autora e vítima. Embora essa violência se reflita na escola, dentro do ambiente escolar ela ganha características próprias, e, por conta disso, é necessário que os trabalhadores das escolas não usem medidas meramente coercitivas a fim de enfrentá-la (Fante, 2006; Leme, 2004; Tognetta; Vinha, 2007).

Fante (2005, p. 20) esclarece que “estamos vivendo uma época da história em que a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais”, e, por isso, as escolas reproduzem em seu cotidiano, como em um microcosmo, esse fenômeno psicossocial. A diferença, no caso das instituições de ensino, é que elas não só se preocupam em definir e quantificar a questão, mas buscam, por missão e sobrevivência, compreender e enfrentar esse problema.

Entendemos que o *bullying* não é reflexo de problemas psicológicos próprios do âmbito pedagógico, mas compreende aspectos institucionais relacionados à escola e ao conjunto das organizações que regulam a vida social, elementos psicodinâmicos presentes nas relações familiares e grupais, e a totalidade social que se efetiva em cada elemento particular que a constitui, exercendo, com isso, forte pressão sobre os indivíduos e as instituições sociais desenvolvidas sob sua influência. (Silva et. al., 2017, p. 45).

Consoante Freire (2005, p. 45), embora sejamos parte e, sob outra ótica, vítimas do mesmo problema, somos, também, protagonistas da mudança e da busca por soluções:

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo permanente de libertação.

Talvez, para os pioneiros, nas primeiras instituições escolares formais, a escola deveria ser um lugar ameno e perfeito, no qual a criança ficasse protegida de todos os males do mundo e, depois de “formada”, ela poderia sair e contribuir com a sociedade. A história da educação mostra que, neste primeiro momento, os espaços escolares eram mera reprodução de uma estrutura social estática, estamental. A escola introduzia as crianças na ordem social existente; as escolas moderna e contemporânea ainda traz esse traço, em maior e menor grau. Atualmente, na era da “instantaneidade”, a escola é reflexo e reflexão da violência. Ela é reprodutora e, às

vezes, também é a causa da violência. Isso pode ser explicado pelo fato de os muros físicos da escola não conseguirem conter aquilo que ocorre na comunidade na qual a escola está inserida.

Dessa maneira, é urgente produzirmos no espaço escolar um *lócus* de diálogo como forma de solucionar os problemas e promover o crescimento democrático com respeito às diferenças. Freire afirma, no excerto acima, que é necessário que o indivíduo seja construtor de um processo político-pedagógico com um viés de libertação, ou seja, ele deve ter a consciência de que, em algumas relações sociais tem sido oprimido e, por isso, deve auxiliar o todo a construir uma solução para a situação de exploração (violência).

Para Tedesco (2015, p. 30-31), se nas últimas décadas a educação foi marcada pelo sentido econômico-mercadológico, essa competência “privou a educação de uma orientação clara quanto à sua função social”.

[...] a educação estará no centro das estratégias de construção de sociedades justas mediante dois grandes pilares: em termos sociais e políticos, aprender a viver junto e, em termos cognitivos, aprender a aprender. Ambos os pilares estão intimamente associados, já que o objetivo principal da educação será conquistar processos cognitivos, pelos quais os indivíduos incorporem os valores de vinculação democrática, solidária e respeitosa com os outros (Tedesco, 2015, p. 30-31).

Nesse sentido:

[...] a convivência entre dessemelhantes, não lhes nega, contudo, o direito de brigar por seus sonhos. O importante é que a pura diferença não seja razão de ser decisiva para que se rompa ou sem sequer se inicie um diálogo através do qual pensares diversos, sonhos opostos não possam concorrer para o crescimento dos diferentes, para o acrescentamento de saberes (Freire, 2001, p. 32).

Freire delinea o tamanho do desafio que alunos, professores, gestores, colaboradores e comunidade escolar têm: conseguir criar um ambiente edificante, que acolha as diferenças e produza saberes. Por outro lado, a violência referida por Debarbieux (2001) e Fante (2005) surge como mais um fenômeno presente nas relações humanas dentro do ambiente escolar, a saber: o *bullying*.

A UNESCO apresentou, no Simpósio Internacional sobre Violência Escolar e *bullying*: das evidências à ação”, que aconteceu em Seul, Coreia do sul, de 17 a 19

de janeiro de 2017, o relatório “Violência escolar e *bullying*: relatório sobre a situação mundial”. Posteriormente, este documento foi publicado no Brasil (UNESCO, 2019).

Ao retratar o fenômeno da violência e do *bullying* na escola, o relatório expressa: “[...] violam o direito fundamental à educação e, da mesma forma, ambientes de aprendizagem não seguros reduzem a qualidade da educação para todos os estudantes” (UNESCO, 2019, p. 5). E ainda mais,

[...] as políticas públicas de educação de nenhum país serão capazes de atingir uma educação inclusiva e de qualidade se os estudantes estiverem expostos à violência na escola. A violência escolar e o *bullying* também podem afetar seriamente a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes, com consequências negativas que persistem até a idade adulta (UNESCO, 2019, p. 6).

O documento procura estabelecer uma definição precisa do problema ao afirmar que “a violência escolar envolve: a violência física, que inclui os castigos físicos; a violência psicológica, que inclui o abuso verbal; a violência sexual, que inclui o estupro e o assédio; e o *bullying*, que inclui *cyberbullying*” (UNESCO, 2019, p. 9).

Considerando que nosso trabalho está centrado na violência do *bullying*, é relevante conceituarmos *bullying*:

O *bullying*, considerado um tipo de violência, é definido antes como um padrão de comportamento do que um evento isolado, e exerce um impacto negativo na vítima, no agressor e nas testemunhas. O *bullying* foi definido como “um comportamento indesejado e agressivo entre crianças em idade escolar que envolve um real ou percebido desequilíbrio de poder. O comportamento é repetido ou tem o potencial para ser repetido ao longo do tempo”. O *bullying* ou o *cyberbullying* constituem preocupações cruciais para crianças e adolescentes (UNESCO, 2019, p. 10).

O *bullying*, então, é uma forma de violência presencial, enquanto o *ciberbullying* se dá de forma virtual, e devido à disseminação das tecnologias digitais, este último tem se tornado cada vez mais frequente nos meios escolares.

O *bullying*, como um padrão de comportamento,

[...] com frequência se agrava caso não seja controlado. Pode ser definido como o comportamento intencional e agressivo recorrente contra uma vítima, em uma situação em que há um desequilíbrio real ou percebido de poder e as vítimas se sentem vulneráveis e impotentes para se defenderem. Comportamentos de *bullying* podem ser físicos (golpes, chutes e a destruição de bens), verbais (provocação, insulto e ameaça), ou relacionais (difamação e exclusão de um grupo) (UNESCO, 2019, p. 16).

A página oficial do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) ressalta que o

[...] *cyberbullying* é o *bullying* realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. É o comportamento repetido, com intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas (UNICEF, 2022).

Ainda conforme a UNICEF (2022), a pessoa pode compreender por si se o tratamento que está recebendo dos colegas é brincadeira ou *bullying*, embora, em uma situação de opressão ou violência, é muito complexo que essa identificação seja feita, ainda mais em se tratando de pessoas em fase de formação cognitiva.

Entretanto, “se os amigos zoam uns dos outros” (UNICEF, 2022), por brincadeira ou por diversão, sem a presença de um elemento agressivo ou opressor, não se trata do *bullying*. Mas, caso a pessoa que sofre a ação de gozação dos companheiros se sinta magoada e pedir que os agressores parem com a brincadeira, não é atendida, é sinal de *bullying* (UNICEF, 2022).

O *bullying* é, conforme a análise de Lopes (2005), compreendido como a prática de “atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causam dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder”. Pela sua formatação particular, a dinâmica do cotidiano escolar facilita a prática de tal violência que se dá tanto nas salas de aula como nos outros espaços escolares, até mesmo fora dos muros físicos da instituição.

Zimerman (2004) alerta sobre a importância da instituição escolar para a formação do indivíduo e, em certa medida, também sobre os riscos que um “ambiente tóxico” oferece para a formação do caráter do indivíduo:

Todo aluno, ao entrar na Escola, traz consigo uma bagagem de valores, aptidões, angústias, identificações e, principalmente, um mundo interior, configurado a partir de uma combinação de fatores que procedem de duas fontes fundamentais: a *biológica-heredo-constitucional*, e a *ambiental*, na qual desponta como fator primacial a influência dos pais, além de irmãos, amigos, colegas, professores e a cultura em geral.

Por meio do fenômeno que no jargão psicanalítico é conhecido como “identificação projetiva”, fica mais claro reconhecer a nítida tendência que o aluno tem de projetar partes do seu mundo interno nos professores e colegas, deste modo ‘identificando’ a estes, com as mesmas características dos personagens que habitam o interior do seu psiquismo. Daí podem resultar atitudes aparentemente incompreensíveis que são apresentadas por parte de

certos alunos, ou de um grupo deles, como por exemplo, vir a atacar, ou submeter-se, a professores e colegas, promover rebeldias, fazer uma distorção paranóide daquilo que escutam dos outros, fazer uma insaciável demanda de pedidos e exigências, etc. Nestes casos, torna-se fundamental que o educador tenha um preparo educacional-emocional com uma suficiente aptidão para não entrar no jogo da provocação dos alunos, a qual, na maioria das vezes procede de raízes inconscientes (Zimerman, 2004, p. 8).

O trecho citado aponta o “preparo educacional-emocional” que o docente deve ter para, em situações desafiadoras, manter-se como um porto seguro, uma referência, para todos os educandos.

2.1. O “Massacre de Realengo”

O fenômeno *bullying* está no dia a dia das escolas por todo o mundo e, infelizmente, tem transformado os “ambientes seguros” das instituições de ensino em palcos para verdadeiros episódios de terror. Em 2011, doze pessoas, em sua maioria meninas, foram mortas na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Conforme André Bernardo (2021), jornalista da BBC Brasil, o autor do massacre, Wellington Menezes de Oliveira, que tinha, na época, 23 anos, cometeu o ato por “vingança” pelo fato de ter sido vítima de *bullying* quando estudava, na adolescência, naquela escola.

Às 8h15 daquela quinta-feira, um ex-aluno, Wellington Menezes de Oliveira [...] parou diante do portão da escola, se apresentou como palestrante e entrou.

Em comemoração aos seus 40 anos, a Tasso da Silveira estava recebendo ex-alunos para falar sobre suas vidas fora do ambiente escolar. Na mochila, Wellington levava dois revólveres. Pelas duas armas, pagou R\$ 1.460.

Dentro do colégio, ele pediu uma cópia de seu histórico escolar na secretaria, cumprimentou uma antiga professora de Literatura com um beijo na testa e subiu para o segundo andar, onde invadiu uma sala da 8ª série.

Ali, cerca de 40 alunos assistiam a uma aula de Português. Wellington começou a atirar. Segundo os sobreviventes, ele mirava na cabeça das meninas e no corpo dos meninos. Todos foram disparados à queima-roupa. (Bernardo, 2021).

O episódio do “Massacre de Realengo” foi resultado de uma prática de agressão constante sofrida por Wellington, na condição de vítima – essa foi a justificativa que especialistas deram para a violência inominável que resultou em doze vítimas fatais. O “Massacre” produziu manchetes por semanas a fio e lançou luzes sobre a necessidade da escola, como instituição, manter políticas educacionais

constantes para combater o *bullying* e, sobretudo, chamou a atenção sobre qual deve ser a postura do educador, chamado por alguns estudiosos de “gestor da sala de aula”, diante dos flagrantes de violência.

[...] certa vez no colégio pegaram Wellington de cabeça para baixo, botaram dentro da privada e deram descarga. Algumas pessoas instigavam as meninas: “vai lá, mexe com ele”. Ou até incentivo delas mesmo: “Vamos brincar com ele, vamos sacanear”. As meninas passavam a mão nele [...]. (Fantástico, 2011).

O trecho destacado acima foi extraído de um programa televisivo no qual foram reconstituídas as últimas horas de Wellington antes de ir ao colégio e executar o massacre. Serve como alerta sobre os desdobramentos que as práticas de *bullying* podem trazer para o desenvolvimento de vítimas, expectadores e agressores.

Convém destacar, antes ainda de uma classificação dos tipos de *bullying* ou dos comentários acerca das vítimas e dos agressores, que o episódio de Realengo foi, para o grande público, um marco histórico sobre a percepção do problema. Até esse episódio, somente educadores e estudiosos abordavam a temática e, fora do meio acadêmico, o tema era falado apenas quando as pessoas tinham contato com obras culturais, norte-americanas ou europeias, nas quais personagens vivenciavam situações de *bullying*.

Se nenhum evento dessa natureza pode ser explicado de forma pontual, isolada ou linear, é preciso questionar o fato de Wellington da Silveira matar justamente na escola em que estudara dez anos antes e que, por inúmeros relatos como o da epígrafe, foi, para ele, palco de maus tratos sistemáticos perpetrados pelos seus pares, sobretudo pelas meninas – principais alvos de sua chacina. Longe de ser um caso isolado, essa história vê-se repetida em muitos aspectos, em inúmeros outros episódios de violência extrema no Brasil e no mundo, evidenciando-se uma relação estreita entre as ações dos agressores e suas experiências em âmbito educacional (Tognetta *et. al.*, 2021).

Embora acontecimentos como o de Realengo não sejam apenas a “ponta do iceberg”, convém reafirmar que as pequenas faíscas de agressão são cotidianas e, infelizmente, normalizadas entre as atividades didáticas e pedagógicas. Identificar se um simples esbarrão é um ato ocasional ou mais uma peça de um complicado quebra-cabeças da violência é o grande desafio dos educadores, sobretudo no Ensino Básico. Segundo Middelton-Moz e Zawadski (2007, p. 20), “ser alvo do *bullying* provoca sentimentos intensos de medo e vergonha, aumenta a vulnerabilidade, baixa a

autoestima”; também provoca problemas de ansiedade, depressão, suicídio e, como notado no episódio de Realengo, ações violentas e criminosas.

Costantini (2004), Fante (2005) e Fante e Pedra (2008) afirmam que não é incomum que alunos se mutilam e também tentem o suicídio como consequência do ambiente tóxico ou até das repetidas situações de agressão psíquica. Fante (2005, p. 22) cita um episódio grave de violência que ocorreu antes do “Massacre de Realengo” e que deveria ter sido visto pelos gestores de políticas públicas em educação com mais seriedade. Em fevereiro de 2004, no estado da Bahia, um adolescente de 17 anos sacou um revólver e matou duas pessoas: um colega e uma secretária; tudo isso dentro de uma escola de informática na qual o garoto tinha estudado. Ainda segundo Fante (2005), a autoridade policial responsável pela investigação do crime concluiu que o autor do ato infracional era constantemente ofendido, sofria ameaças e era alvo constante de “brincadeiras”.

Costantini (2008, p. 68) nos chama a atenção sobre o fato de que não basta simplesmente “desenvolver uma ação de combate a esse fenômeno nas escolas, mas, em nome das ações educativas e de socialização que comporta, pôr em campo uma verdadeira e real estratégia preventiva contra a agressividade”, ou seja, é importante que a escola deixe de ignorar ou deixar de dar a devida atenção ao fenômeno e tomar uma postura mais proativa na problemática.

Sobre isso, comenta Oliboni (2008, p. 25):

Por outro lado, a desatenção de pais e educadores frente ao *bullying* se dá pelo desconhecimento e falta de percepção da gravidade deste fenômeno que, muitas vezes, pode ser confundido como brincadeira de idade ou, então, não ser reconhecido como algo negativo, mas como algo que faz parte do amadurecimento diante dos problemas da vida adulta.

Também Fante (2005, p. 67), chama a atenção para o despreparo do educador durante a sua práxis:

[...] os nossos professores ainda não sabem distinguir entre condutas violentas e brincadeiras próprias da idade, bem como lhes falta preparo para identificar, diagnosticar e desenvolver estratégias pedagógicas para enfrentar os problemas do ‘*bullying*’. É necessário que os nossos professores sejam capacitados e habilitados para lidar com esse fenômeno, uma vez que ele os atinge diretamente [...]

2.2 Definições acerca do fenômeno *bullying*

A literatura brasileira define a violência típica do ambiente escolar, o *bullying*, buscando delimitar suas características e entender como esse fenômeno se diferencia da violência casual ou da violência urbana como um todo. Segundo Constantini (2004, p. 69):

[...] o “*bullying*” não se limita aos conflitos considerados “normais” ou brigas pontuais entre os estudantes, mas sim, aos atos de intimidação preconcebidos e ameaças, que acontecem de forma sistemática mediante violência física e psicológica impostos repetidamente aos indivíduos considerados mais vulneráveis e incapazes de se defenderem levando-os muitas vezes a sujeição ao sofrimento psicológico, isolamento e marginalização [...]

O *bullying* escolar, segundo Guareschi (2008, p. 17):

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. Muitas crianças vítimas do ‘*bullying*’ desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar a escola quando esta nada faz em defesa da vítima.

Por sua vez, Lopes Neto (2005) nos ensina que o *bullying* se caracteriza por ser repetitivo; item também destacado por Fante (2005) e por outros pesquisadores.

Convém acrescentar à delimitação do fenômeno *bullying* a intencionalidade e a aparente ausência de motivação. Para Lopes (2005), o *bullying* se caracteriza pelo caráter da covardia: não há centelha ou gatilho para que ele ocorra e, ainda mais brutal, há sempre presente uma relação de poder, ou “oprimido/opressor”. Ainda segundo Lopes (2005, p. 165), o *bullying*

Compreende todas as atividades agressivas intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao ‘*bullying*’ pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes.

Dessa forma, é preciso que educadores, pesquisadores, pais, gestores e todos os demais membros da comunidade escolar promovam uma grande discussão para identificar as peculiaridades que as situações de agressão exigem, procedendo com

todo o cuidado. Rosa (2010, p. 154) ensina que “a prevenção deve começar em casa, com a devida educação e repasse de valores éticos e morais aos filhos, mas quando isso não é suficiente, cabe à escola promover essa reflexão”.

Ainda nesse ínterim, convém atentar-nos à percepção de Silva e Castro (2008) sobre as particularidades do trabalho educacional e da figura do educador, que acaba, em alguns casos, seja por má formação universitária ou até por desleixo, contribuindo para o agravamento das situações de violência nas escolas. Falta, segundo elas, uma “visão do todo” a respeito do processo de aprendizagem:

[...] mesmo este profissional de ensino superior que se direciona à Licenciatura, tem nesta formação específica lacunas que dificultam uma visão mais ampla do processo de desenvolvimento humano e da importância da escolarização.

Seria importante que este profissional acompanhasse todo o processo escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, que discutisse as teorias do desenvolvimento e aprendizagem de forma sólida e se inteirasse das políticas públicas para o setor. Como esses aspectos são minimizados nas Universidades, acabam sendo negligenciados pelos cursos de Licenciatura. A maioria dos cursos de Licenciatura não possibilita aos alunos uma imersão no mundo mais amplo da escolarização. Os estágios são direcionados apenas aos segmentos do ensino que irão ocupar e nada do que é feito ou proposto anteriormente torna-se preocupação deste futuro professor (Silva; Castro, 2008, p. 57-58).

Minayo (1999, p. 114) assevera que a escola ideal é diferente da escola idealizada sobre a qual falavam os primeiros educadores da Antiguidade Clássica, pois essa escola “real/ideal” deve favorecer um ambiente educativo de maneira adequada, saudável potencializadora dos princípios da cidadania:

[...] é aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador.

Guimarães (2006) alega que uma escola bem gerida é aquela que todos os partícipes do processo têm voz e trabalham em conjunto para superar os problemas, sobretudo no que diz respeito à formação do educador e sua capacitação para enfrentar situações de agressão. Para ele, é o trabalho em grupo que pode trazer a paz ao cotidiano do trabalho educacional. Nesse sentido, “[...] não se devem esconder conflitos, divergências, injustiças, mas procurar uma maneira de resolvê-los. A

passividade contribui para manter, reforçar e aumentar a injustiça” (Guimarães, 2006, p. 44).

A palavra, segundo todos os pesquisadores citados, é “reflexão”. Assim, quando a comunidade escolar reconhecer seus problemas, suas potencialidades e mensurar tudo aquilo que é necessário para a criação de um ambiente saudável, seguro e no qual as divergências e eventuais situações de violência sejam resolvidas de forma pedagogicamente responsável, é que poderá haver, de fato, uma educação cidadã e produtora de indivíduos socialmente saudáveis.

Convém compreender que a família tem também papel importante na formação do sujeito em sua maturidade emocional. Tognetta (2016) reflete que o indivíduo criado em um ambiente que valoriza o diálogo e repudia a agressão e a violência tende a não praticar *bullying* e, também, a ser um elemento de pacificação em situações de desacordo ou conflito, seja no ambiente escolar ou em situações cotidianas. Tognetta (2016) também acrescenta que as inseguranças e traumas que tornam o aluno uma vítima potencial de *bullying* são, igualmente, influenciados pelo ambiente familiar.

2.3 Pesquisa das bases de dados acadêmicas

Em um primeiro momento, durante a pesquisa inicial, pré-selecionamos, por meio da base de dados *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), um total de 18 (dezoito) artigos por meio da ferramenta de busca do próprio site, utilizando os descritores “educação”, “*bullying*”, “docentes” e “escola”.

Em seguida, aplicamos um critério de exclusão que retirou da lista trabalhos que não especificavam o tratamento da violência dentro do ambiente escolar, sob a perspectiva docente da problemática, ou que abordavam o *bullying* contra grupos étnicos específicos, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQI++. Assim, obtemos como resultado quatro produções (Quadro 1).

Quadro 1 – Fluxograma do processo de seleção de artigos obtidos na *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*

Títulos dos artigos	Autores	Assuntos
“Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de bullying em adolescentes brasileiros”	Figueira <i>et. al.</i> (2015)	Apresenta uma pesquisa em nível nacional sobre os efeitos do <i>bullying</i> sobre a população estudantil
“ <i>Cyberbullying</i> : família, escola e tecnologia como <i>stakeholders</i> ”	Fujita e Ruffa (2019)	Pesquisa que relaciona o <i>cyberbullying</i> e as relações entre alunos, família e escola
“Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do <i>bullying</i> ”	Silva <i>et. al.</i> (2017)	Produção do departamento de Psicologia da USP sobre a consciência dos professores acerca do seu papel para o combate ao <i>bullying</i>
“ <i>Bullying</i> e formação de professores: contributos para um diagnóstico”	Ventura, Vico e Ventura (2016)	Reflexões sobre o papel do professor como mediador diante do fenômeno <i>bullying</i> e políticas públicas antiviolaência

Fonte: Elaborado pela autora.

O trabalho de Figueira *et. al.* (2015), intitulado “Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de *bullying* em adolescentes brasileiros”, comunica as conclusões de um levantamento feito, com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015, acerca da importância da presença dos pais na vida escolar dos filhos e sua relação com os episódios de *bullying*. Apesar de qualquer preconceito que exista, relegando para os pais a culpa do fracasso escolar dos filhos, o artigo traz resultados que mostram que, no universo pesquisado, os alunos que relataram mais contato com os pais (por meio da supervisão de tarefas, refeições em conjunto e participação em atividades escolares) envolveram-se menos em episódios de violência repetitiva que os alunos que relataram não ter a presença dos pais na vida escolar. Essa publicação ratifica as observações registradas em nosso diário de campo durante a coleta de dados para a presente pesquisa.

Fujita e Ruffa (2019) escreveram “*Cyberbullying*: família, escola e tecnologia como *stakeholder*”, resultado de uma pesquisa na área do Direito, no escopo da linha de pesquisa de Teoria da Relação Jurídica na Sociedade da Informação. Embora não coadune com as metodologias típicas das ciências educacionais, esse trabalho traz uma riquíssima reflexão bibliográfica acerca do *bullying* ocorrido pelos meios eletrônicos, conhecido como *cyberbullying*. A pesquisa reforça a importância de medidas conjuntas por parte de todas as instituições, com destaque para a escola,

família e autoridades policiais, com o objetivo de prevenir e, caso haja a identificação, implementar ações positivas para reeducação dos envolvidos.

Já o estudo “Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do *bullying*”, de Silva *et. al.* (2017), é resultado de uma pesquisa de campo com professores de cinco escolas públicas da capital paulista. No total foram 17 professores participantes a fim de que os pesquisadores identificassem qual era a consciência profissional acerca da violência repetitiva entre os discentes. Os pesquisadores reuniram uma bibliografia relacionada ao fenômeno *bullying* que subsidiou a classificação das opiniões dos educadores participantes. Perceberam que todos os profissionais tinham a consciência de que é imprescindível ações para o combate ao *bullying*; mas, por outro lado, notaram que poucos dentre os profissionais ouvidos tinham consciência das suas funções na prevenção e no combate ao *bullying*.

O artigo desenvolvido por Ventura, Vico e Ventura (2016), intitulado “*Bullying* e formação de professores: contributos para um diagnóstico”, é resultado de uma pesquisa bibliográfica em dez universidades que são referências no trabalho com educação escolar no território europeu. Os pesquisadores concluíram que, embora existam iniciativas acadêmicas acerca do fenômeno *bullying*, elas ainda são incipientes. Mesmo em território europeu, o trabalho de enfrentamento da violência repetitiva entre discentes carece de maior atenção dos criadores de conteúdo e, consequentemente, na formação dos docentes.

Em um segundo momento, pré-selecionamos, a partir da base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, um total de 44 pesquisas, usando os descritores “educação”, “*bullying*”, “docentes” e “escola”. A exemplo do que foi feito com os resultados obtidos pela SciELO, excluímos da lista os trabalhos que não abordaram a violência dentro da escola, sob o ponto de vista do professor, e aqueles que constavam duas vezes na lista ou que incluíam no tema assuntos outros além dos descritores escolhidos. Obtendo, então, 11 trabalhos (Quadro 2).

Quadro 2 – Fluxograma do processo de seleção de teses e dissertações obtidos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

Títulos dos artigos	Autores	Assuntos
“Escola território e violência: reflexos no campo escolar”	Delgado (2014)	A influência da violência do entorno das instituições de ensino no cotidiano da escola e nos episódios de <i>bullying</i>
“Violência escolar e formação de professores: estratégias de enfrentamento na dimensão educacional”	Freitas (2021)	Programas de formação docente que envolvam o conhecimento do fenômeno <i>bullying</i> e seu enfrentamento em um contexto escolar
“Concepção e julgamento moral de docentes sobre <i>bullying</i> na escola”	Gonçalves (2011)	As concepções e os julgamentos morais de docentes acerca da violência repetitiva
Enfrentando e prevenindo a violência escolar: desenvolvimento e avaliação de uma intervenção com professores.	Lima (2017)	A urgência da abordagem do tema da violência escolar e a formação dos professores para identificar e intervir nos episódios de <i>bullying</i>
“O <i>bullying</i> na escola: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica”	Nascimento (2015)	O enfoque midiático acerca do tema <i>bullying</i> tendo como ponto de partida uma revista voltada ao público docente
“O <i>bullying</i> como violência velada: a percepção e a ação dos professores”	Oliboni (2008)	A formação contínua do docente para a capacitação de ação assertiva em situações flagrantes de <i>bullying</i>
“O desenvolvimento cognitivo dos autores de <i>bullying</i> : implicações para aprendizagem escolar”	Ribeiro (2016)	As dificuldades cognitivas (de aprendizagem) apresentadas pelos agressores (<i>bullers</i>) em um universo educacional
“ <i>Bullying</i> no contexto escolar: intervenção desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Viriato Corrêa no município do Rio Grande – RS”	Rocha (2019)	O enfrentamento do fenômeno <i>bullying</i> por meio de um projeto pedagógico intervencionista realizado em uma escola municipal de Ensino Fundamental
“A escola como espaço de convivência: a prevenção e a redução do <i>bulismo</i> escolar”	Santos Filho (2007)	Estratégias para a redução do <i>bulismo</i> escolar em um contexto de escola pública
“Práticas de <i>bullying</i> escolar e a inclusão educacional: a formação de professores nesse contexto”	Sarzi (2014)	A necessidade da abordagem do tema <i>bullying</i> na formação do profissional docente

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como a pesquisa que nos propomos a desenvolver, a dissertação de Delgado (2014), intitulada “Escola território e violência: reflexos no campo escolar”, foca a realidade do cotidiano escolar das escolas públicas. Mas, no caso deste trabalho, o objeto de estudo são as escolas estaduais paranaenses, situadas nas

regiões norte, sul e central. A pesquisadora ouviu docentes e discentes que, conforme a metodologia escolhida e a análise dos dados proposta, reconheceram perceber um problema estrutural grave que torna as unidades escolares lugares de perpetuação da violência. Além dos problemas estruturais, foi identificada uma falta de coordenação institucional no seguinte aspecto: escolas, discentes, docentes e autoridades políticas não mantêm procedimentos e projetos com vistas a tornar a escola um local pacífico e de aprendizagem.

Freitas (2021), em sua dissertação intitulada “Violência escolar e formação de professores: estratégias de enfrentamento na dimensão educacional”, produziu uma pesquisa de campo em uma escola do município paraibano de Campina Grande. A pesquisadora fez uma criteriosa seleção bibliográfica e, após a primeira observação do *locus* a ser pesquisado, propôs um questionário semiestruturado para ser aplicado junto aos professores. Com base nas respostas, que identificaram uma carência na formação para o combate ao fenômeno *bullying*, a estudiosa construiu um caderno de orientação pedagógica com o objetivo de subsidiar vivências e promover maior conhecimento sobre a problemática.

Gonçalves (2011), em “Concepção e julgamento moral de docentes sobre *bullying* na escola”, produziu uma dissertação com base em entrevistas realizadas com professores de escolas públicas do estado do Pará, a fim de problematizar a visão docente acerca do fenômeno *bullying*. O resultado desvela uma realidade que caminha *pari passu* com as instituições que objetivam a resolução do problema da violência sistemática entre os discentes. Para a pesquisadora, com base no material coletado, os docentes atribuem à família a responsabilidade das ocorrências de casos de *bullying*. Ela usa o termo “determinismo” quando analisa, em conjunto com a bibliografia utilizada, a visão dos professores, não compreendendo, assim, quais são suas contribuições no combate ao fenômeno. Por isso, o processo de enfrentamento fica incompleto e fracassa.

Na dissertação “Enfrentando e prevenindo a violência escolar: desenvolvimento e avaliação de uma intervenção com professores”, Lima (2017) apresenta um relato de experiência de ações realizadas no enfrentamento do *bullying*, desenvolvidas em uma escola privada do interior do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Três projetos foram aplicados ao longo de três anos, contando com a parceria de profissionais do quadro de apoio pedagógico e de professores. Essa pesquisa de campo teve o

objetivo de ouvir os conceitos que os alunos construíram sobre violência escolar, agressão e *bullying*.

Diferente das outras pesquisas escolhidas para compor nosso trabalho de pesquisa, a dissertação de Lima (2017) não procurou identificar vítimas e autores, mas propôs ações *in loco* na unidade escolar para que fosse instituído um canal permanente de combate ao *bullying*.

Por meio da dissertação desenvolvida por Nascimento (2015), “O *bullying* na escola: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica”, temos acesso a uma análise da produção bibliográfica da Revista Nova Escola, periódico especializado em educação, editado, há vários anos, pela Fundação Abril. A pesquisadora percebe que conforme a mídia tradicional se aprofundava nas ocorrências de *bullying*, as matérias da Revista Nova Escola aumentaram a incidência desse tema como objeto do periódico. No entanto, não há muitas reportagens que coloquem o professor de sala de aula como o protagonista, mas, sim, psicólogos, professores universitários e profissionais de áreas diversas é quem conduzem os pensamentos reproduzidos. Embora haja, via de regra, orientações para o combate e o enfrentamento do problema, o professor, de fato, ocupa um papel coadjuvante no universo estudado.

Oliboni (2008), por sua vez, elaborou a tese “O *bullying* como violência velada: a percepção e a ação dos professores”, utilizando-se do método qualitativo. Ela observou uma turma de alunos da 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública do estado de Santa Catarina, em 2007, tendo como participantes oito professores ministrantes das disciplinas. A forma de trabalho permitiu que a pesquisadora observasse *in loco* as ocorrências de violência e, em certa medida, as ações dos educadores que fizeram parte do projeto. As conclusões caminham na mesma linha dos outros trabalhos escolhidos para a composição de nossa bibliografia, já que Oliboni (2008) percebeu que embora houvesse uma proposta bastante progressista de ensino, as formas tradicionais de manutenção da disciplina e de aplicação dos conteúdos ainda perdurava.

Ribeiro (2016), em sua tese intitulada “O desenvolvimento cognitivo dos autores de *bullying*: implicações para aprendizagem escolar”, aborda a temática do *bullying* sob o ponto de vista dos seus autores: quais são os fatores que podem, de alguma maneira, contribuir para que um discente se torne agressor? A pesquisa focou no desempenho dos alunos agressores na disciplina de Língua Portuguesa, Anos Finais do Ensino Fundamental, e identificou que esses alunos, em alta porcentagem, têm

dificuldades de aprendizagem. Em seguida, a estudiosa identificou qual era a qualidade das interações familiares entre os alunos agressores, e o resultado foi que tais alunos também enfrentavam problemas familiares.

Rocha (2019), por sua vez, propôs uma dissertação intitulada “*Bullying* no contexto escolar: intervenção desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Viriato Corrêa no município do Rio Grande – RS”. Esta pesquisa foi feita junto às turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental em uma escola do município do interior do Rio Grande do Sul. Em conjunto com a comunidade escolar, a pesquisadora levantou as ocorrências de *bullying* na instituição. De posse dos dados obtidos, foram organizadas atividades envolvendo os discentes, docentes e comunidade. O resultado, considerado positivo pela estudiosa, trouxe, no semestre que se sucedeu à intervenção, a diminuição das ocorrências de violência repetitiva e imotivada entre os alunos.

Sarzi (2014), por seu turno, realizou uma pesquisa de campo em uma escola estadual do município de Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul, disponível na dissertação intitulada “Práticas de *bullying* escolar e a inclusão educacional: a formação de professores nesse contexto”, utilizando-se da metodologia de pesquisa intervencionista. A pesquisadora esteve em contato com os educadores dessa unidade escolar e, através de uma sondagem inicial, observou a existência de nove casos de *bullying* na instituição. Por meio de uma proposta de formação e ação, ela, então, auxiliou os docentes na compreensão do fenômeno e no entendimento da posição do docente dentro dessa problemática a fim de intervir positivamente nos casos identificados de agressão.

Como se verifica com a leitura dos trabalhos selecionados, o *bullying* escolar está espalhado em todo o território brasileiro. As equipes escolares, mesmo sem ter recebido a formação adequada sobre o tema, percebem as consequências negativas em relação aos indivíduos envolvidos e buscam orientações para desenvolver práticas pedagógicas que coíbam tais episódios de violência.

Por fim, a dissertação de Santos Filho (2007), “A escola como espaço de convivência: a prevenção e a redução do bulismo escolar”, pesquisa bibliográfica e documental, foi construída a partir de uma pesquisa de campo realizada em uma escola estadual do município paulista de Birigui. O pesquisador consultou três importantes documentos da escola – o Plano de Gestão, a Proposta Pedagógica e o Regimento Escolar – com o objetivo de perceber qual era o trato institucional dado ao

fenômeno *bullying*. Segundo ele, com base na documentação estudada, havia instrumentos potentes de prevenção ao bulismo, tais como ações formativas, projetos pedagógicos, família na escola, intervenções pedagógicas para vítimas e autores de violência. No entanto, no que diz respeito à prática, ele identificou a carência de formação ativa para os docentes e a falta de estrutura para que os professores colocassem em prática o que estava previsto na documentação.

2.4 Definição e contextualização do *bullying*

A violência entre os seres humanos sempre existiu. Acredita-se que foi por meio dela que a espécie *homo sapiens-sapiens* tenha superado as outras espécies de homínídeos que habitavam o planeta. Obviamente, não foi apenas a violência que nos garantiu lugar de destaque na História, mas, também, o desenvolvimento intelectual e a adaptação ao meio que, juntos, garantiram a perpetuação da nossa variante entre as demais. No entanto, passados diversos milênios, a violência, ou a falta de controle dela, ainda é um problema sério, sobretudo quando se manifesta dentro do ambiente escolar, que deveria ser um local para o desenvolvimento seguro dos educandos e lugar de acolhimento da diversidade.

Apenas nos anos de 1970 é que pesquisadores resolveram se debruçar intensamente sobre a problemática da violência escolar. Dan Olweus, um pesquisador sueco, passou a estudar o assunto e ganhou notoriedade na década de 1980. Ele foi o pioneiro na delimitação do que vem a ser violência em seu sentido lato e no que vem a ser “violência escolar”. Para a violência ocorrida no ambiente escolar, adaptada às características típicas da instituição, Olweus deu o nome de *bullying*.

A legislação brasileira, por meio da Constituição Federal de 1988, ratificada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1997) e, por fim, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), repudia, proíbe e prevê penas que vão de multa à prisão para aqueles que praticam violência contra menores. No entanto, o ambiente escolar acabou ficando alijado desse arcabouço legal durante décadas, o que permitiu a disseminação desse tipo ímpar de agressão, com ares de “coisa normal”, grande parte das vezes.

Entre as manifestações mais diversas da violência nas escolas, sob suas diferentes concepções e complexidades de interpretação, está o *bullying*, com suas variações e frequência que predominantemente ocorre dentro do ambiente escolar, entre crianças e adolescentes (Ferreira et. al., 2012).

Com a grande atenção que esse assunto tem recebido nos últimos anos, ocorre um problema que dificulta o combate a esse tipo específico de fenômeno: a banalização do tema. Há quem acredite, talvez até por falta de conhecimento, que qualquer tipo de agressão ou episódio violento dentro da escola possa ser prontamente classificado como *bullying*.

O *bullying* difere-se de outras formas de agressões por conta de uma relação específica com as características intrínsecas ao ambiente escolar: a repetição, a desigualdade e a covardia por parte daqueles que agredem; ou um conjunto de ações que implicam a exclusão social e o isolamento.

Nesse condão, para delimitar o que vem a ser *bullying*, Fante e Pedra (2008, p. 37) encerram:

O *bullying* é caracterizado por ações deliberadas e repetitivas, pelo desequilíbrio de poder e pela sutileza com que ocorre, sem que os adultos percebam ou permitindo que estes finjam não perceber. O *bullying* é uma forma de violência que resulta em sérios prejuízos, não apenas ao ambiente escolar, mas a toda a sociedade, pelas atitudes de seus membros. As relações desestruturadas por meio de condutas abusivas e intimidatórias incidem na formação de valores e do caráter, o que refletirá na vida do indivíduo, no campo pessoal, profissional, familiar e social.

Convém ressaltar que as vítimas de *bullying* são, em boa parte dos casos, condenadas a viver com as sequelas das agressões, assim como uma vítima de tortura, uma pessoa que tenha sofrido um trauma severo ocasionado por sequestro ou alguém que tenha presenciado uma guerra.

Segundo Silva (2015, p. 23), “a prática de *bullying* agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis”.

Ensina-nos Fante (2005), reproduzindo o que afirmou Olweus, que o agressor do *bullying* se satisfaz em ofender os colegas; as “brincadeiras” trazem no seu bojo o real objetivo, que é maltratar, rebaixar e provocar intimidação contra a vítima.

[...] é comum entre os alunos de uma classe a existência de diversos tipos de conflitos e tensões. Há ainda inúmeras outras interações agressivas, às vezes como diversão ou como forma de autoafirmação, a fim de se comprovar as relações de força que os alunos estabelecem entre si (Dan Olweus, 1998 *apud* Fante, 2005, p. 47).

As consequências do *bullying* são bastante amplas e afetam todas as pessoas envolvidas, principalmente aquelas que sofrem, que são as mais prejudicadas, pois poderão sofrer os efeitos das humilhações ao longo da vida, o que, em geral, acarretam consequências físicas e emocionais, além de produzir efeitos diretos na vida escolar, sendo, muitas vezes, a causa de fracassos.

É comum que professores, comunidade e famílias ignorem ou façam “vistas grossas” para o problema do *bullying*, já que é de conhecimento universal afirmações como “crianças brigam mesmo” ou “é bom que isso aconteça para que essa pessoa saiba lidar com os problemas da vida”. Sobre isso, Toro, Neves e Rezende (2010, p. 125) nos alerta que

[...] diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da violência. A vitimização ocorre quando uma pessoa é receptora da agressão de outra mais poderosa. Tanto o *bullying* como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores.

O *bullying* afeta diretamente o desenvolvimento escolar de uma criança. Ao sofrer constantemente com humilhações, ela concentra suas forças em encontrar alternativas para escapar do sofrimento, deixando em segundo lugar o processo de aprendizagem. Uma criança que sofre *bullying* vive em estado de alerta e suas únicas preocupações são evitar novas situações de agressão e chegar em sua casa em segurança. Estudar deixa de ser prioridade e essa criança não consegue se concentrar nas aulas, além de evitar participar dos trabalhos em grupos e das atividades extracurriculares (Quitaniha, 2011).

Conforme Silva (2015, p. 9), os problemas mais comuns advindos da prática do *bullying* são os sintomas psicossomáticos, entre os quais:

[...] cefaleia, cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, desmaios, calafrios, tensão muscular e formigamentos. Pode ainda provocar o transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada e depressão.

Se a identificação do fenômeno *bullying* por si só já é imprescindível e relevante para combatê-lo, a falta de conhecimento das suas características sutis acentua a condição das vítimas como tal. Isso contribuiu para a perpetuação do estado de fragilidade das vítimas frente ao(s) agressor(es).

É fato que a responsabilidade não se restringe aos professores, pois “este fenômeno denominado de *bullying* não pode ser desprezado de reconhecimento e atenção por parte de pais, professores e autoridades da escola”, discorrem Nunes, Hermann e Amorim (2010, p. 1).

A omissão de qualquer uma dessas fontes de proteção contra o *bullying* contribui para o enfraquecimento da escola e das organizações, tornando essas instituições como locais vulneráveis às violências morais, físicas e psicológicas. O papel das escolas, em contrapartida, é gerar um ambiente de comprometimento multidisciplinar que englobe todos os profissionais da educação a fim de resgatar a principal função das escolas, que é educar. O verbo “educar” vem do latim *educare*, que, por sua vez, está ligado a outro verbo latino, *educere*, composto pelos prefixos *ex* (fora) e *ducere* (levar, conduzir). Sendo assim, educar quer dizer levar para fora, preparar indivíduos para enfrentarem o mundo (Jorge, 2009).

Se a escola perde a função de educar, ela torna-se fragilizada diante da comunidade e a percepção sobre ela se altera negativamente, causando insegurança, desconfiança e desesperança nas pessoas que a frequentam. Silva e Castro (2008, p. 50) corroboram com esse pensamento:

[...] a escola tem a função de transmitir educação letrada e as categorias de pensamento que tornam possível a comunicação, criando um consenso cultural. Além disso, ela deve preparar o aluno para lidar com as situações de vida a partir do diálogo e do exercício da cidadania e de preparar esse aluno para participar do processo de produção material da existência de maneira profissional, ou seja, com criatividade e autonomia. O quadro de violência que se desenha nas instituições de ensino atualmente compromete a identidade e a reprodução da escola como ela é no tempo/espço e fragiliza essa instituição diante dos alunos, professores e diante da comunidade.

Entretanto, o processo de fragilização da escola está intimamente entrelaçado às questões políticas e culturais, fundamentais para a falta de motivação dos professores. Neste sentido, Silva e Castro (2008, p. 55) relatam que

[...] o sucateamento da profissão docente é um dos temas mais discutidos pelos teóricos que se ocupam da educação no Brasil. Além dos baixos salários, os problemas com a qualificação profissional constituem-se numa outra forma de desvalorização dessa carreira.

Ignorar essa realidade nos afasta ainda mais de compreender, ainda que parcialmente, a falta de interesse ou de comprometimento que ocorre no cotidiano por parte de muitos docentes em relação ao *bullying* praticado dentro das salas de aula. Existe, além disso, um fator tão fundamental quanto este, que é a percepção limitada dos profissionais da educação acerca dos seus papéis.

Segundo Fante (2005, p. 21), o *bullying*

[...] se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos.

As vítimas preferenciais, conforme aponta Lins (2010, p. 7), são pessoas que possuem grande dificuldade de relação com outros alunos: “vítima típica: são aquelas que servem de ‘bode expiatório’ para um grupo. Geralmente são os alunos que apresentam pouca ou nenhuma habilidade de socialização”; em muitos casos, essas pessoas são vítimas de *bullying* dentro da própria família, partindo daqui a fragilidade nas relações fora de casa. Ainda sobre as vítimas de *bullying*, Lins (2010, p. 7) completa:

São tímidas ou reservadas não conseguindo reagir às provocações e agressões dirigidas a elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente, apresentando deficiência de coordenação motora, extrema sensibilidade, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima.

Acrescentamos, também, que não é incomum que a vítima também tenha dificuldades de aprendizagem.

Lins (2010, p. 7) ainda pontua que as vítimas preferenciais “[...] podem ser aquelas que apresentam alguma diferença que as destaca dos outros como: são gordinhas ou muito magras, altas ou baixas demais; são de raça, cor, credo, condição socioeconômica ou opção sexual diferentes”. Lopes Neto (2005, p. 167) serve como outro exemplo de uma corrente que associa as características às vítimas:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*. Geralmente, é pouco sociável, inseguro desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua autoestima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus tratos sofridos.

Os alunos formam um ecossistema muito complexo. Esse meio ambiente social vai se tornando cada vez mais frágil e volátil conforme seus protagonistas amadurecem, ficam mais velhos. Fante (2005) comenta sobre os papéis que cada indivíduo representa nesse enredo e que resulta no fenômeno *bullying*.

Frisamos que não devemos enquadrar o fenômeno *bullying* como “violência escolar” sem fazer as devidas ressalvas. A literatura reitera a visível diferença entre crimes praticados no ambiente escolar, atos de violência isolados (brigas, desentendimentos) e o *bullying*. Reiterando, classificamos como *bullying* o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão, sendo que o autor/agressor faz isso de modo consciente. Também enfatizamos que o *bullying* se caracteriza pelos fatores da repetição prolongada da violência contra uma vítima, que pode ser tanto física como psicológica e sem motivação (Fante, 2005).

Isto posto, com base em Fante (2005), podemos definir: os alvos do *bullying* são os alunos que sofrem a violência repetitiva prolongada e sem motivação; os alvos/autores são os que ora são vítimas, ora são agressores; as testemunhas são os alunos que não sofrem nem praticam *bullying*.

Fante (2005) e Pereira (2002) nos explicam que os alvos são, geralmente, alunos frágeis física ou emocionalmente em relação aos autores. Essa situação de fragilidade pode, inclusive, fazer com que os alunos que sejam mais fortes fisicamente sejam alvos preferenciais, seja por conta de alguma característica física, de um hábito ou até mesmo de um traço cultural. Essas crianças e adolescentes podem ser caracterizadas pelo medo, falta de confiança em outrem ou serem vulneráveis no ambiente escolar. Elas geralmente não se comunicam, mas, inclusive, têm medo ou vergonha de contar as situações vividas para um adulto, seja por receio de sofrerem represálias ou por vergonha de se exporem. Fante (2005) também nos alerta que tal silêncio e relutância em pedir ajuda podem ser explicados pelo receio de não serem atendidas em suas reclamações e por pensarem que, se exporem o caso, o fenômeno poderá se intensificar.

Ainda a respeito da vítima do *bullying*, Fante (2005, p. 28, 46-48) sugere que é comum se tratar de uma pessoa pouco sociável, que tem muita insegurança quanto a fazer parte de um grupo social (colegas de classe/escola), com pouco ou nenhum traquejo social e baixa autoestima, com poucos amigos, infeliz, indefesa, passiva, com dificuldade de se impor e que busca o isolamento. É uma pessoa que acredita, no seu íntimo, que as agressões das quais é vítima são merecidas porque não enxerga em si mesma nenhuma qualidade que a torne digna de fazer parte do grupo social.

As obras selecionadas neste trabalho durante o levantamento bibliográfico apontam que, na maioria dos casos, o autor do *bullying* é mais forte fisicamente ou goza de um prestígio social que o faz ter uma personalidade marcante. Ele utiliza-se de palavras, fofocas, mentiras ou insultos para perseguir e criar um clima de terror psicológico em suas vítimas. Há casos nos quais o autor faz uso de armas frias ou até mesmo de agressão física sem uso de armas. Ele tem a característica marcante de não expressar nenhum sinal de remorso acerca das suas atitudes. Também consegue projetar sua agressividade perversa de maneira oculta, dificultando o flagrante por parte dos adultos (Fante, 2005, p. 29).

O autor (agressor) também pode ser uma vítima de *bullying*. Dessa forma, ele procura outro colega, mais frágil que ele, para praticar as agressões ou, caso mais comum, procura outro ambiente para ser o “valentão” a fim de “descontar” os dissabores experimentados no ambiente escolar. Essa violência é resultado da insegurança e de um relacionamento social degradado que o autor/vítima experimenta em outro habitat. O indivíduo pode vitimizar outro colega como forma de compensação pela violência da qual foi objeto (Fante, 2005, p. 208).

Os educandos que são testemunhas (espectadores) do fenômeno *bullying* também sofrem psicologicamente com as visões das agressões ou situações de humilhação e, assim, desenvolverem problemas emocionais. Os espectadores sofrem com o clima de terror que é criado entre os alunos, resultando na baixa autoestima e na incapacidade de terem relacionamentos saudáveis com outros adultos. É perceptível que há apenas desdobramentos nocivos quando se trata de *bullying* – não é incomum que os envolvidos passem, na fase adulta, a ter problemas conjugais e familiares e, ainda quando jovens, terem tendências suicidas (Pereira, 2002, p. 25).

2.5 A legislação brasileira e o *bullying*

Atualmente, o *bullying* é considerado um problema de saúde pública, devendo ser reconhecido por profissionais da saúde em razão dos danos emocionais, físicos e psíquicos sofridos pelos envolvidos. Como afirmam Middelton-Moz e Zawadski (2007, p. 31), “o *bullying* se tornou epidêmico em nossa sociedade”.

Os vários comportamentos agressivos que definem o *bullying*, além do envolvimento com atos, são as palavras e os comportamentos intencionais e repetidos contra outrem, e podem incluir

Palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, negativa de férias ou feriados, socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero. (Middelton-Moz; Zawadski, 2007, p. 31).

Tais atitudes de violência física têm preocupado educadores, pesquisadores, entre outros estudiosos, principalmente quando ocorridas no âmbito escolar. Por isso, é fundamental que os responsáveis pela educação, sejam eles pedagogos, professores, políticos, não calemba diante da problemática. Avaliar e prevenir são sempre boas soluções. Cabe garantir aos alunos, no ambiente escolar, educação, cuidado e responsabilidade.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBDN), Lei n. 9394/96, em seu artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Brasil, 1996).

Percebe-se, no trecho destacado acima, que o espírito do combate à violência já existia. No entanto, temos como marco histórico a emenda constitucional da Lei 13.663/2018, que inclui entre as atribuições das escolas, a promoção da cultura da paz e medidas de conscientização, prevenção e combate aos diversos tipos de violência, como o *bullying*.

A norma, que teve origem em um projeto de lei, é resultado de uma antiga luta dos sindicatos docentes e associações pelos direitos humanos. Houve o acréscimo

de dois incisos ao art. 12 da LDB, Lei 9.394/1996, para determinar que todos os estabelecimentos de ensino terão como incumbência promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, “especialmente a intimidação sistemática (*bullying*)” e ainda estabelecer ações destinadas a “promover a cultura de paz nas escolas” (Brasil, 1996). A matéria reforça a Lei 13.185/2015, Lei de Combate ao *bullying*:

Art. 12. IX – promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas;
X – estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas (Brasil, 1996).

Conforme determina a lei, todas as escolas deverão promover ações com o objetivo de enfrentar a “intimidação sistemática”. Isso posto, é ainda mais urgente que haja, seja por parte dos governos ou dos sistemas mantenedores, mais atenção e recursos no foco do combate ao *bullying*.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Pesquisa de campo

Diante das particularidades do tema e da necessidade de ouvir o público gestor das salas de aula, ambiente nos quais o fenômeno *bullying* ocorre com mais intensidade, fez-se necessária uma pesquisa de campo. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 69), “[...] pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta [...]”. O foco, portanto, é na qualidade da informação, visto que o objetivo final é produzir elementos de dados que possam ser usados para nortear ou corrigir projetos de combate a intimidação no contexto escolar. Gonsalves (2001, p. 67) frisa que

[...] a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

O modelo de levantamento de dados exigiu atenção e apuro para que fosse possível obter dados relevantes. Gil (1999) afirma que a pesquisa na qual o questionamento é feito de maneira direta para parte relevante do público-alvo da pesquisa, que ele denomina “levantamento social”, permite ao pesquisador obter um retrato mais fidedigno das opiniões e do comportamento do público-alvo. Ele ainda reforça que tal método é mais econômico e rápido, embora tenha a desvantagem de retratar apenas aspectos perceptivos do problema a ser referenciado. Confirma Gil (1999, p. 41), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, ou seja, estabelecer maior familiaridade com o problema.

3.2 Coleta de dados

Os episódios de *bullying* são frequentemente apresentados pela mídia em relatos que evidenciam marcas psíquicas negativas nos alunos envolvidos e muitos

trabalhos acadêmicos relacionados ao tema reiteram essa observação. Diante disso, demos grande atenção na escolha da forma da oitiva do corpo docente da escola em questão a fim de que os dados fossem não somente instrumentos valiosos para o conhecimento da realidade, mas, também, bases que possam indicar os rumos para os futuros projetos de intervenção e enfrentamento do problema.

A fase da coleta de dados “[...] é a fase do método de pesquisa cujo objetivo é obter informações da realidade [...]” (Rudio, 1978, p. 9) e a “[...] etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos [...]” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 78). Por conta das inúmeras variáveis possíveis, levando-se em conta o período em que o distanciamento social se fez necessário em razão da pandemia do Covid-19, que vitimou muitas pessoas ao redor do mundo, optamos pela coleta de dados por meio de um questionário *on-line*.

Posteriormente, com o retorno gradual das aulas presenciais, entre os diversos instrumentos de coletas de dados para a pesquisa que se tem à disposição, foi possível observarmos as ocorrências que surgiam nas interações sociais no ambiente escolar e o registro em diário de campo.

Mesmo com a exigência de distanciamento mínimo de um metro entre as pessoas, o uso obrigatório de máscaras e a higienização frequente das mãos com álcool gel para evitar a contaminação, ainda assim, foi possível observar episódios de violência e a ocorrência de *bullying* entre os escolares. Realizamos, então, a observação e o registro dos eventos em diário de campo, sendo que alguns desses registros se tornaram dados relevantes para nossa pesquisa.

No diário de campo foram registradas as observações das interações sociais na escola, os depoimentos dos professores e as anotações sobre os relatos, bem como as opiniões sobre o produto desenvolvido e as sugestões de melhoria que surgiram durante a realização das atividades aplicadas junto aos alunos. Esses dados foram digitalizados e arquivados em ambiente virtual para auxiliar a análise e interpretação qualitativa.

Em relação ao questionário *on-line* que foi encaminhado aos docentes, as questões foram elaboradas de maneira a facilitar a categorização das respostas. A primeira sessão de questões teve como objetivo conhecer a percepção docente sobre o fenômeno *bullying*. A segunda sessão de perguntas do questionário *on-line* teve como objetivo fazer o levantamento da capacitação que os docentes obtiveram na

universidade acerca do fenômeno *bullying*. A terceira sessão de perguntas, por fim, teve como objetivo fazer o levantamento de quais seriam as estratégias que o docente utiliza para auxiliar o público-alvo – os alunos – quando identifica a ocorrência de *bullying* nas salas de aula.

Embora existam outras pesquisas feitas no meio acadêmico com os objetivos de identificar, compreender e quantificar o *bullying*, é cientificamente importante para nosso trabalho que a realidade do público-alvo seja compreendida de maneira individual. Soares (2002, p. 7) aponta que “não há como usar resultados de pesquisa como receitas tecnológicas acabadas. Cada escola, respeitando sua história, deve, à luz dos resultados da pesquisa, procurar encontrar o seu caminho para prestar um melhor serviço a seus alunos”.

3.3 Caracterização do público-alvo

A pesquisa foi desenvolvida junto ao corpo docente da Rede Municipal de Ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo, especificamente, os professores que lecionam na escola de Ensino Fundamental a qual pertencemos. O público docente é o mediador que atua diretamente junto ao público-alvo que são os alunos matriculados na escola e que participaram das atividades por eles aplicadas em suas salas de aulas.

A necessidade de limitar o campo da pesquisa surgiu para que o trabalho exibisse o resultado mais fiel possível em relação ao problema. Sobre isso, Gil (2002, p. 57) comenta:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Participaram da pesquisa vinte e dois professores efetivos da escola. Eles colaboraram através de relatos, questionários e sugestões de ações práticas que pudessem auxiliar na prevenção e no combate ao *bullying* dentro do ambiente escolar.

Entre os diversos instrumentos de coletas de dados para a pesquisa, recorreremos ao questionário *on-line* para que houvesse a produção de dados relevantes sobre o problema e para que as estatísticas fossem válidas.

Com o objetivo de analisar a percepção docente ao “captar as explicações e interpretações” desse público sobre o tema e, a partir daí, propor e analisar uma estratégia de intervenção que possa coibir a ocorrência do *bullying* escolar, entendemos ser coerente a combinação entre questionário, observação, escuta e registro em diário de campo como sendo a forma mais adequada para o contexto da pesquisa.

De acordo com Gil (2011), a entrevista é uma técnica de obtenção de dados de suma importância porque o investigador se coloca diante do investigado e formula perguntas para ele com o objetivo de se munir de dados que sejam de interesse para a investigação. No entanto, as particularidades da época obrigaram algumas alterações. Devido ao isolamento social decretado pelas autoridades sanitárias na época da fase de coleta de dados, a entrevista foi substituída pelo questionário semiestruturado enviado para os participantes por meio eletrônico (*e-mail*).

Segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 86, 100), “o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”, e ainda, “o formulário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado”.

Para que houvesse maior facilidade na tabulação dos resultados e os professores/público-alvo não acabassem desestimulados por um questionário muito discursivo ou que aparentasse ser invasivo, as perguntas foram assertivas, de modo que as respostas pudessem ser definidas da seguinte forma: concordo plenamente; concordo parcialmente; talvez; discordo parcialmente; discordo plenamente.

Adaptamos um questionário utilizado por Jorge (2009) (Anexo A), parte integrante de uma dissertação realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O material original tinha nove questões abertas e fechadas e constava de três partes. A primeira delas buscou obter dados socioprofissionais, tais como idade, gênero, nível de escolaridade, tempo de profissão, início das atividades pedagógicas. A segunda parte levantou os conhecimentos dos educadores em relação ao *bullying*. A terceira, por sua vez, procurou obter procedimentos utilizados para a remediação ou prevenção do *bullying*.

3.4 Perfil dos docentes pesquisados

O público-alvo pré-selecionado para o envio do questionário semiestruturado fazia parte do corpo docente da escola de Ensino Fundamental escolhida para a realização da pesquisa. Entretanto, existiam particularidades entre eles que convém explicitar.

Quanto à formação, todos as 22 profissionais tinham curso superior na área em que atuavam, ou seja, 100% deles eram licenciados em Pedagogia. No entanto, ao investigar quantos deles possuíam pós-graduação em qualquer área da educação, quatro deles afirmaram não ter cursado qualquer tipo de estudo aprofundado, seja pós-graduação *stricto sensu* ou cursos de atualização profissional.

Um recorte quanto à idade dos profissionais revelou o seguinte: três delas estavam na faixa etária compreendida entre 18 e 28 anos; 14 dentre elas, na faixa etária entre 28 e 38 anos; cinco educadoras, por sua vez, contavam com mais de 38 anos.

Quanto ao tempo de trabalho na área da educação, 16 profissionais contavam com menos de 10 anos de prática docente, contra seis que afirmaram possuir mais de 10 anos.

3.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados mediante a abordagem da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011, p. 38), que enquanto método compreende “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Na fase de pré-análise, a exploração do material e o tratamento inicial dos resultados permitiram a inferência do conhecimento, identificação de padrões e interpretação dos dados de maneira significativa. Foi possível a elaboração de quadros e tabelas, conforme as categorias de análise, por meio de uma “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (Bardin, 2011, p. 117).

A análise de dados foi realizada de forma quali-quantitativamente, seguindo os padrões e metodologias do levantamento de dados. Conforme afirma Gil (2008, p. 12), levantamento: “é a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”.

Procedemos com a solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas, inseridas no contexto, acerca da temática do estudo para, em seguida, mediante análise quantitativa, obtermos as conclusões correspondentes aos dados coletados.

O censo ocorre quando o levantamento recolhe informações de todos os integrantes do universo pesquisado. Com base nas respostas, organizamos gráficos que, sob o universo apurado, dão uma margem de segurança de 95% de que os resultados representam a realidade no momento da pesquisa.

Os questionários ficaram disponíveis para o público-alvo durante duas semanas. Conforme dito anteriormente, a participação na pesquisa foi livre, com a garantia de anonimato. O universo pesquisado foi de 22 pessoas, todas em efetivo exercício da função docente na escola de Ensino Fundamental que foi escolhida por pertencermos a ela.

O arquivo foi estruturado para apresentar um grupo de perguntas (Apêndice A), sendo as seguintes alternativas para cada pergunta: a) concordo plenamente; b) concordo parcialmente; c) discordo parcialmente; d) discordo plenamente.

Para a análise dos dados quantitativos foi feita uma estatística descritiva importando as respostas do formulário *Forms* para o Excel. Para a análise dos dados qualitativos foi aplicada a análise de conteúdo partindo da organização das respostas obtidas nas questões abertas do formulário respondido pelos professores e das anotações dos seus relatos em diário de campo.

Organizamos as perguntas do questionário aplicado para facilitar a codificação e a categorização. A codificação partiu dos verbos utilizados nas frases em que há sugestões de atividades e relatos de episódios de violência. A categorização versou sobre atividades já desenvolvidas e sugestões de práticas e propostas de intervenção.

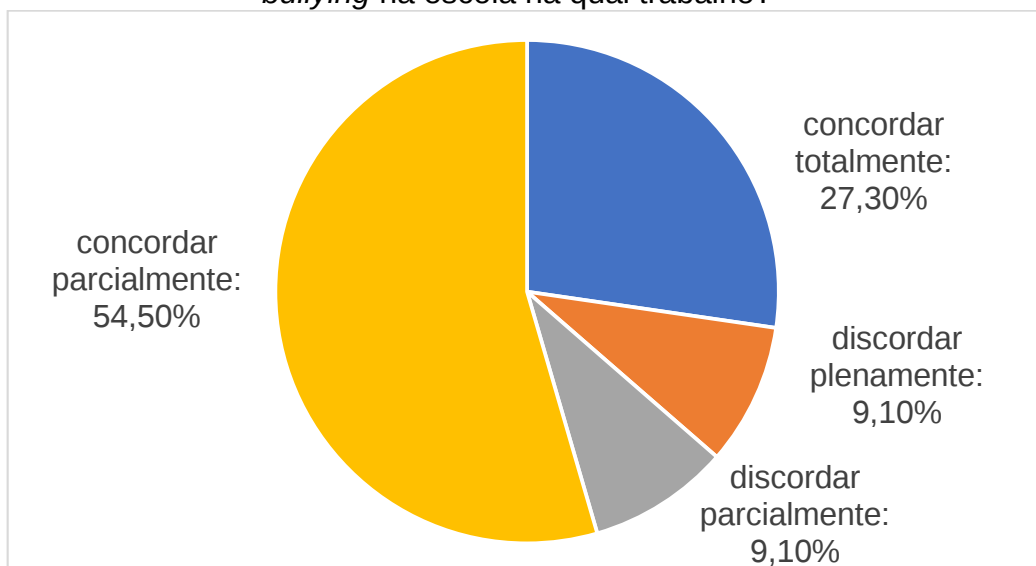
4 RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 Resultados das perguntas fechadas

A respeito das perguntas constantes no questionário semiestruturado que não permitiam ponderações (múltipla escolha), mostraremos os resultados obtidos.

Para a pergunta 1 – há diversas discussões sobre formas de se combater o *bullying* na escola na qual trabalho?: 54,5% (12 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 27,3% (seis docentes) afirmaram “concordar totalmente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar parcialmente”; 9,1% (dois docentes) afirmaram “discordar plenamente” (Gráfico 1).

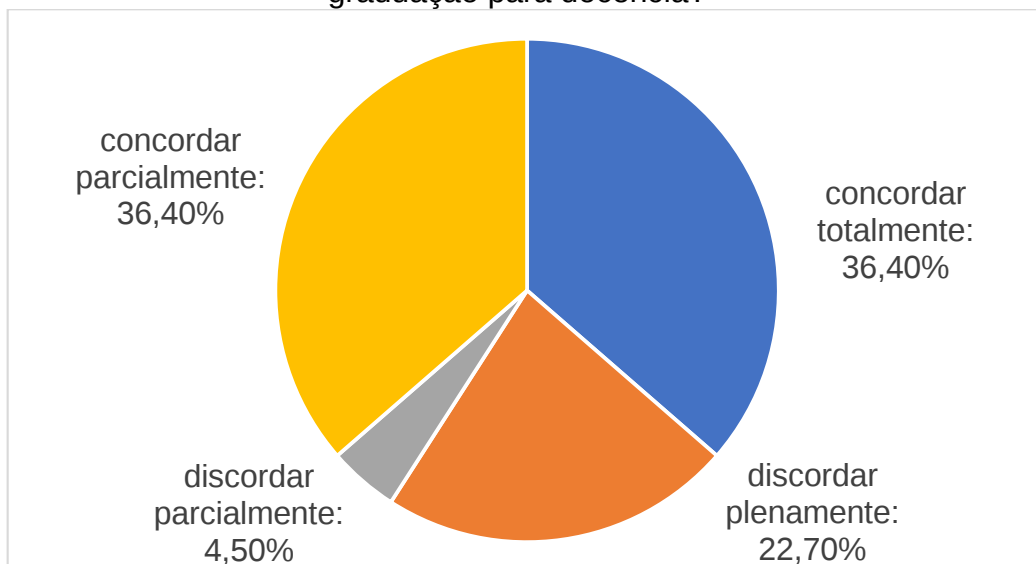
Gráfico 1 – Pergunta 1: há diversas discussões sobre formas de se combater o *bullying* na escola na qual trabalho?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quanto à pergunta 2 – tomei conhecimento do fenômeno *bullying* ainda na graduação para docência?: 36,4% (oito docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 36,4% (oito docentes) afirmaram “concordar totalmente”; 22,7% (cinco docentes) disseram “discordar plenamente”; 4,5% (uma docente) respondeu “discordar parcialmente” (Gráfico 2).

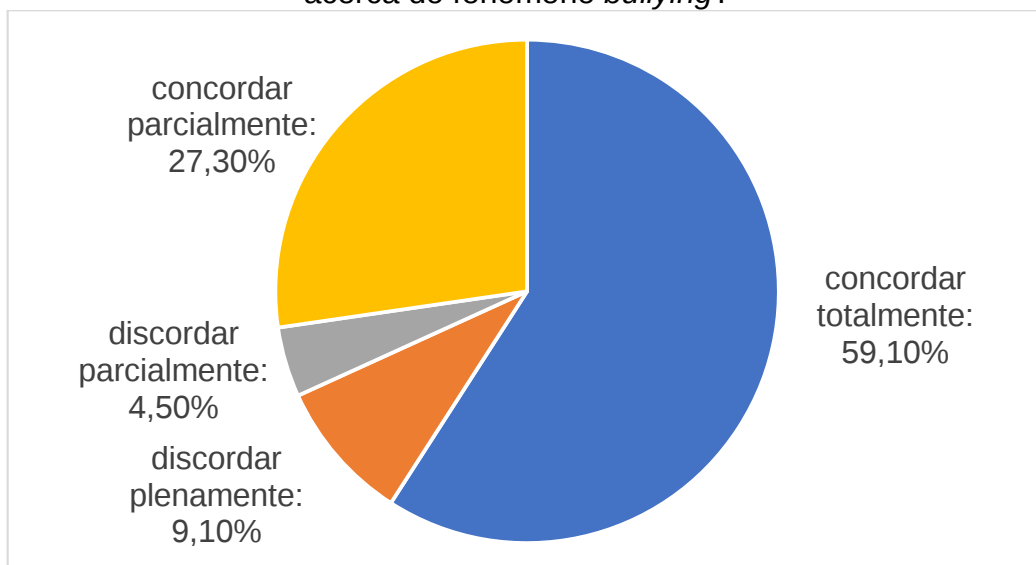
Gráfico 2 – Pergunta 2: tomei conhecimento do fenômeno *bullying* ainda na graduação para docência?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que se refere aos resultados da pergunta 3 – os professores, de modo geral, têm bastante conhecimento acerca do fenômeno *bullying*? – foram obtidos: 59,1% (12 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 27,3% (seis docentes) afirmaram “concordar parcialmente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar plenamente”; 4,5% (uma docente) respondeu “discordar parcialmente” (Gráfico 3).

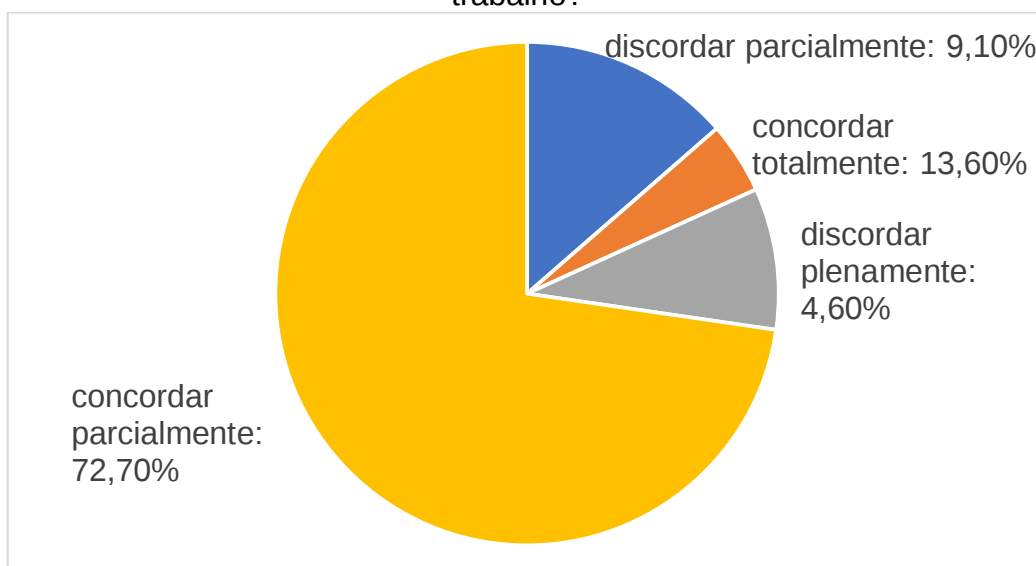
Gráfico 3 – Pergunta 3: os professores, de modo geral, têm bastante conhecimento acerca do fenômeno *bullying*?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Para a pergunta 4 – o *bullying* acontece com frequência na escola em que trabalho?: 72,7% (16 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 13,6% (três docentes) afirmaram “concordar totalmente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar parcialmente”; 4,6% (uma docente) afirmou “discordar plenamente” (Gráfico 4).

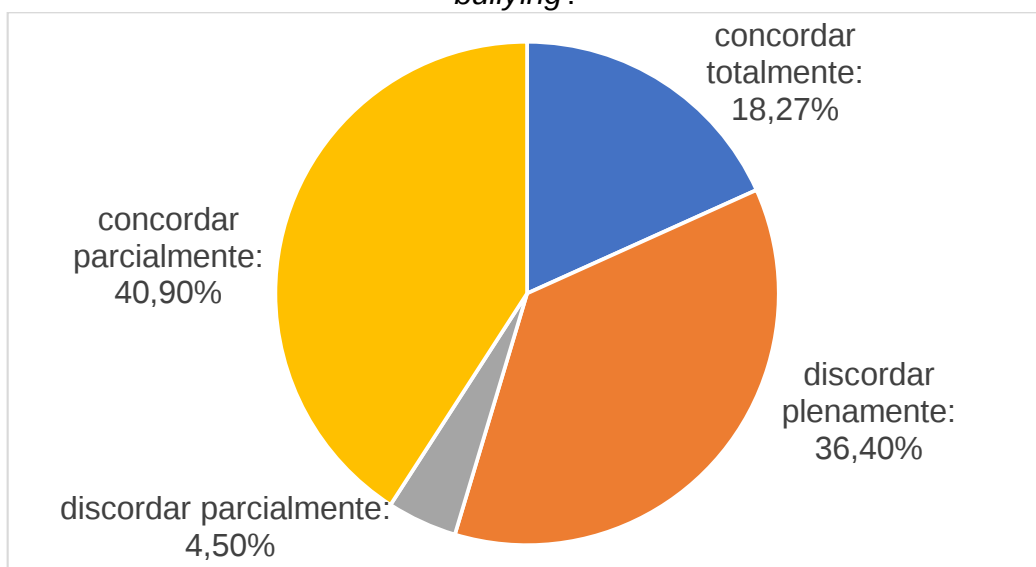
Gráfico 4 – Pergunta 4: o *bullying* acontece com frequência na escola em que trabalho?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que diz respeito à pergunta 5 – a escola tem procedimentos padronizados para enfrentar o *bullying*?: 40,9% (10 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 36,4% (oito docentes) afirmaram “discordar plenamente”; 18,27% (quatro docentes) disseram “concordar totalmente”; 4,5% (uma docente) afirmou “concordar parcialmente” (Gráfico 5).

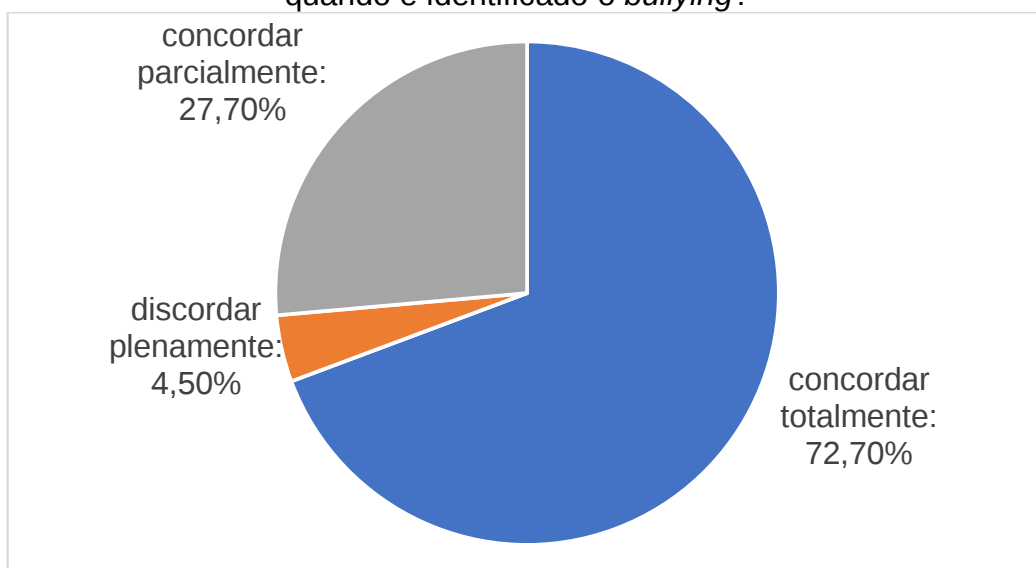
Gráfico 5 – Pergunta 5: a escola tem procedimentos padronizados para enfrentar o *bullying*?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Sobre os resultados referentes à pergunta 6 – há sempre necessidade de alguma intervenção pedagógica quando é identificado o *bullying*?: 72,7% (16 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 27,7% (seis docentes) afirmaram “concordar parcialmente”; 4,5% (uma docente) respondeu “discordar plenamente” (Gráfico 6).

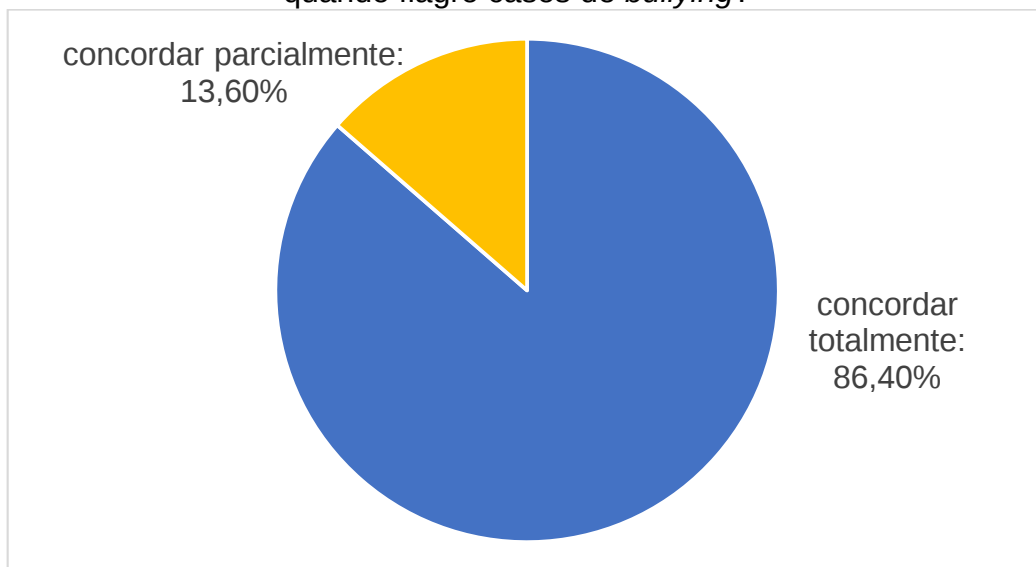
Gráfico 6 – Pergunta 6: há sempre necessidade de alguma intervenção pedagógica quando é identificado o *bullying*?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quanto à pergunta 7 – eu, como educador, costumo dar a primeira intervenção quando flagro casos de *bullying*?: 86,4% (20 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 13,6% (03 docentes) afirmaram “concordar parcialmente” (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Pergunta 7: eu, como educador, costumo dar a primeira intervenção quando flagro casos de *bullying*?

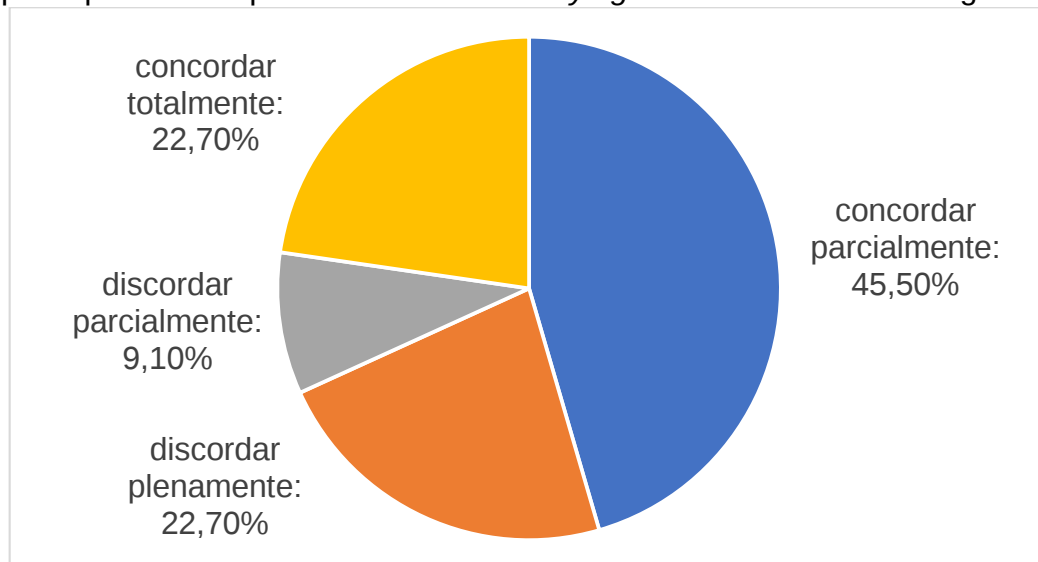


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que concerne à pergunta 8 – na instituição em que trabalho, há instrumentos potentes para que o aluno possa denunciar o *bullying* sem se sentir constrangido?: 45,5% (10 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 22,7% (cinco docentes) afirmaram “discordar plenamente”; 22,7% (cinco docentes) disseram “concordar totalmente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar parcialmente” (Gráfico 8).

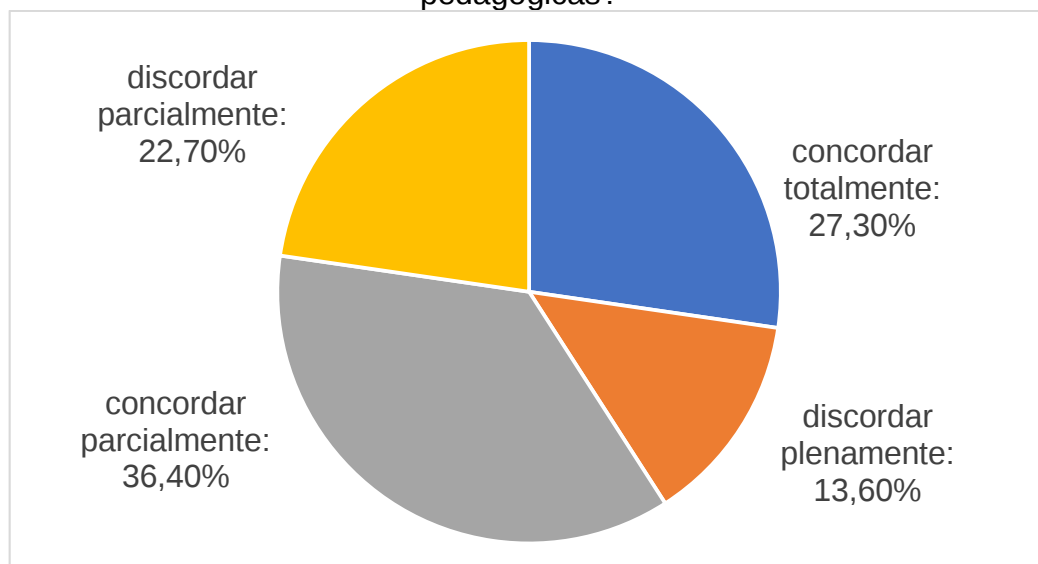
Quanto aos resultados relativos à pergunta 9 – é procedimento padrão na escola em que leciono partilhar os casos de *bullying* flagrados em sala de aula para os demais colegas em reuniões pedagógicas?: 36,4% (oito docentes) do universo pesquisado disse “concordar parcialmente” com a afirmativa; 27,3% (seis docentes) afirmaram “concordar totalmente”; 22,7% disseram (cinco docentes) “discordar parcialmente”; 13,6% (três docentes) disseram “discordar plenamente” (Gráfico 9).

Gráfico 8 – Pergunta 8: na instituição em que trabalho há instrumentos potentes para que o aluno possa denunciar o *bullying* sem se sentir constrangido?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

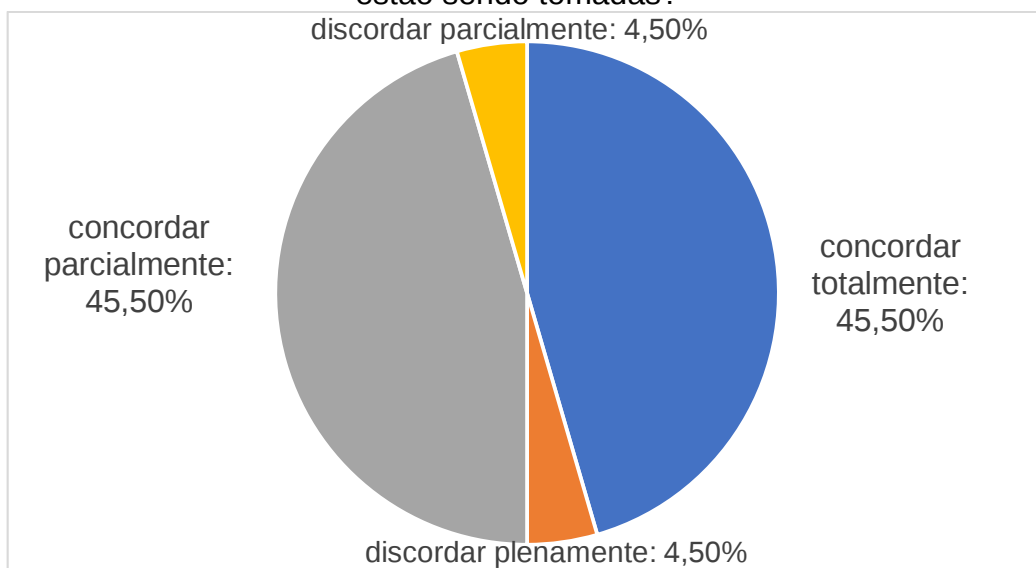
Gráfico 9 – Pergunta 9: é procedimento padrão na escola em que leciono partilhar os casos de *bullying* flagrados em sala de aula para os demais colegas em reuniões pedagógicas?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Tocante à pergunta 10 – é comum que pais/responsáveis pelos alunos vítimas e pelos alunos agressores sejam convocados para que, de forma privada, sejam informados de episódios de *bullying* e obtenham informações sobre as ações que estão sendo tomadas?: 45,5% (10 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 45,5% (10 docentes) afirmaram “concordar parcialmente”; 4,5% (uma docente) disse “discordar plenamente”; 4,5% (uma docente) respondeu “discordar parcialmente” (Gráfico 10).

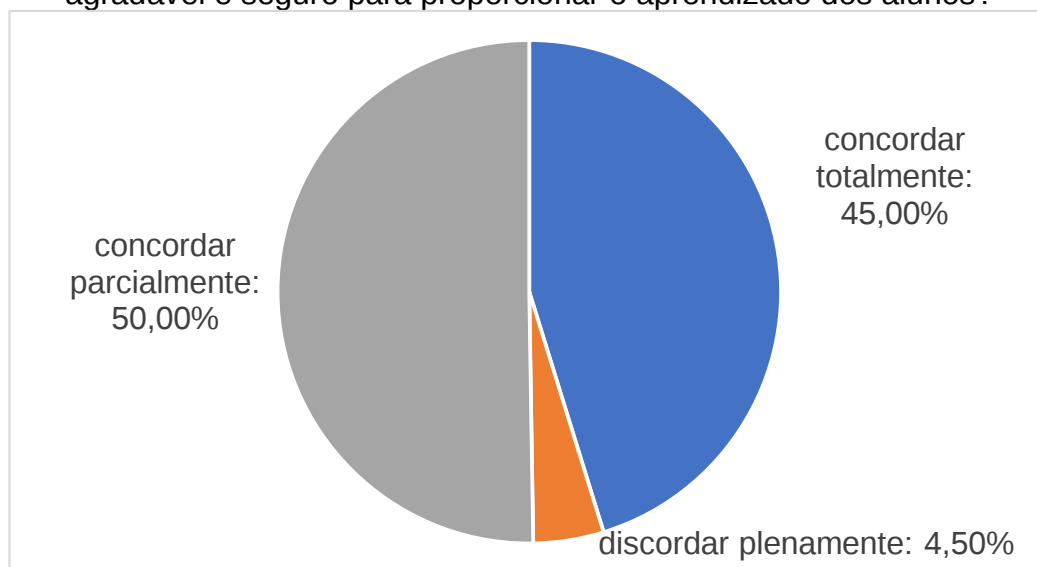
Gráfico 10 – Pergunta 10: é comum que pais/responsáveis pelos alunos vítimas e pelos alunos agressores sejam convocados para que, de forma privada, sejam informados de episódios de *bullying* e obtenham informações sobre as ações que estão sendo tomadas?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que tange à pergunta 11 – considero que a minha escola seja um ambiente agradável e seguro para proporcionar o aprendizado dos alunos?: 50% (11 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 45,5% (10 docentes) afirmaram “concordar totalmente”; 4,5% (uma docente) afirmou “discordar plenamente” (Gráfico 11).

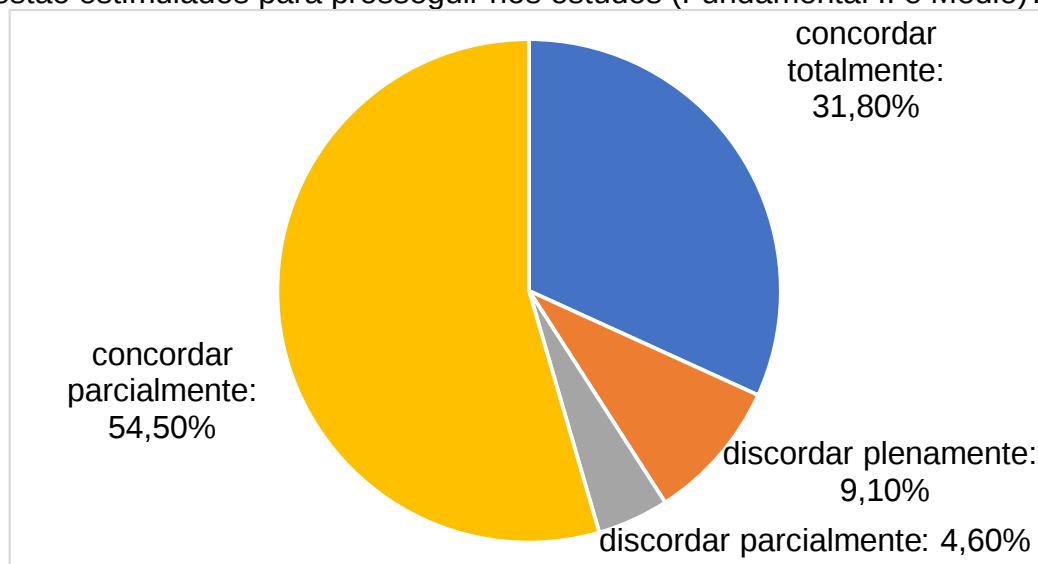
Gráfico 11 – Pergunta 11: considero que a minha escola seja um ambiente agradável e seguro para proporcionar o aprendizado dos alunos?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em relação à pergunta 12 – percebo que os alunos da instituição na qual trabalho estão estimulados para prosseguir nos estudos (Fundamental II e Médio)?: 54,5% (12 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 31,8% (sete docentes) afirmaram “concordar totalmente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar plenamente”; 4,6% (uma docente) disse “discordar parcialmente” (Gráfico 12).

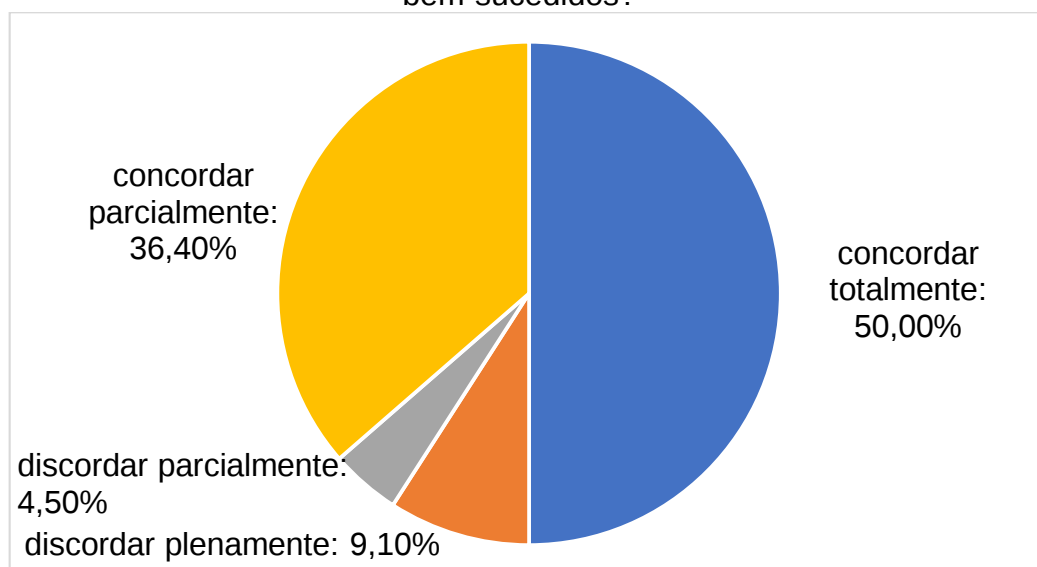
Gráfico 12 – Pergunta 12: percebo que os alunos da instituição na qual trabalho estão estimulados para prosseguir nos estudos (Fundamental II e Médio)?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Acerca da pergunta 13 – estamos preparando os alunos para serem cidadãos bem-sucedidos? –, seguem os resultados obtidos: 50,0% (11 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 36,4% (oito docentes) afirmaram “concordar parcialmente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar plenamente”; 4,5% (uma docente) disse “discordar parcialmente” (Gráfico 13).

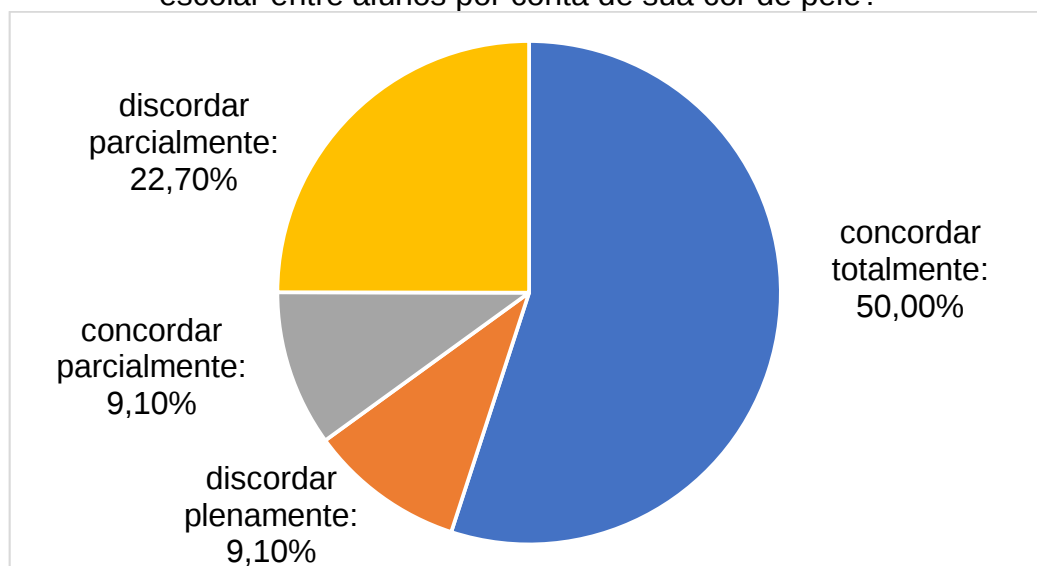
Gráfico 13 – Pergunta 13: estamos preparando os alunos para serem cidadãos bem-sucedidos?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em referência à pergunta 14 – não percebo diferenças significativas de desempenho escolar entre alunos por conta de sua cor de pele?: 50,0% (11 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 31,8% (sete docentes) afirmaram “concordar parcialmente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar plenamente”; 9,1% (dois docentes) disseram “discordar parcialmente” (Gráfico 14).

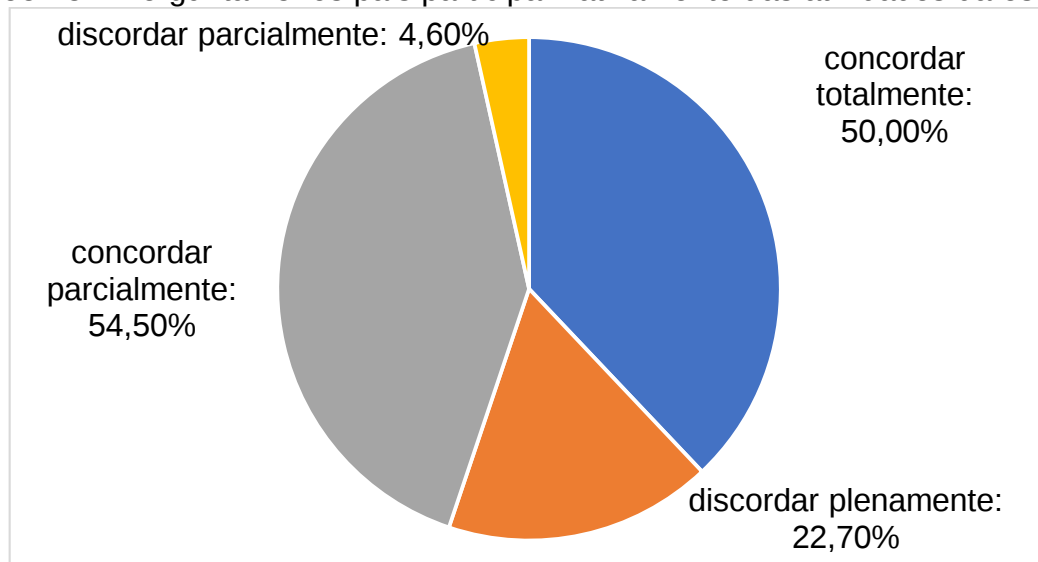
Gráfico 14 – Pergunta 14: não percebo diferenças significativas de desempenho escolar entre alunos por conta de sua cor de pele?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que concerne à pergunta 15 – os pais participam ativamente das atividades da escola?: 54,5% (12 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 22,7% (cinco docentes) afirmaram “discordar plenamente”; 18,2% (quatro docentes) disseram “discordar parcialmente”; 4,6% (uma docente) disse “discordar parcialmente” (Gráfico 15).

Gráfico 15 – Pergunta 15: os pais participam ativamente das atividades da escola?

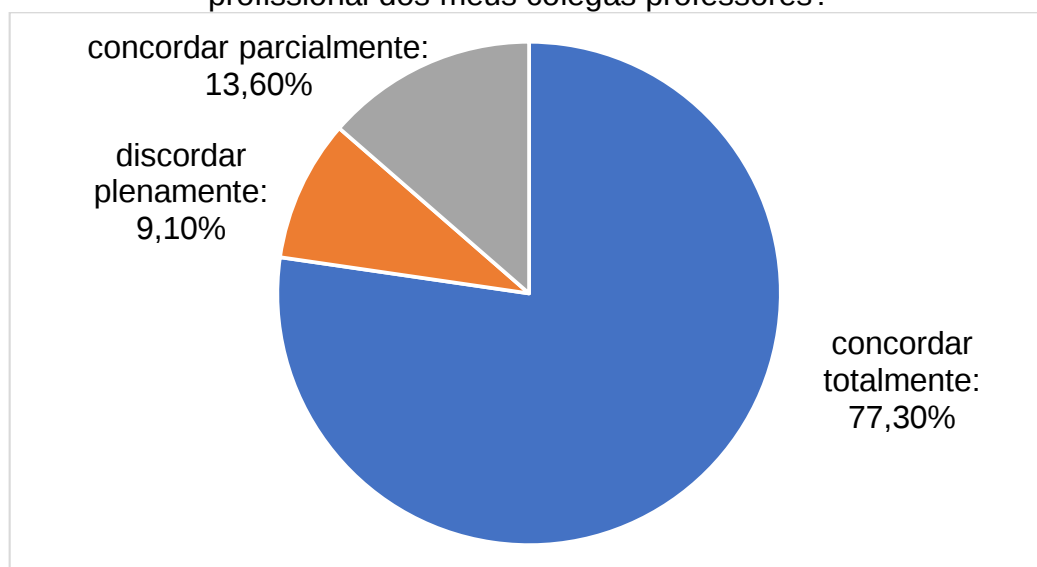


Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quanto à pergunta 16 – eu confio no poder de discernimento e na capacidade profissional dos meus colegas professores?: 77,3% (17 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 13,6% (três docentes) afirmaram “concordar parcialmente”; 9,1% (dois docentes) afirmaram “discordar plenamente”.

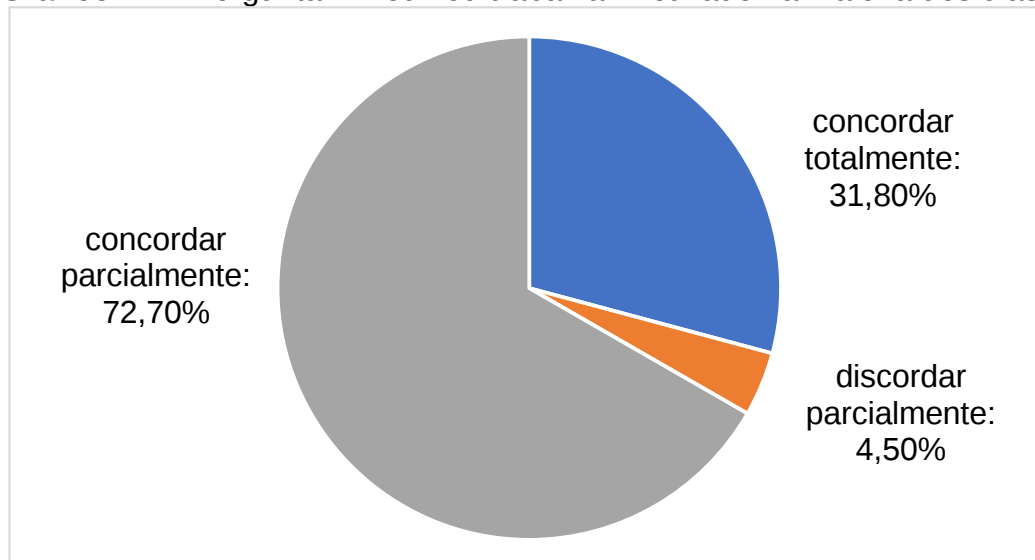
Para a pergunta 17 – eu vou trabalhar motivado na maioria dos dias? –, os resultados foram: 72,7% (16 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar parcialmente” com a afirmativa; 31,8% (sete docentes) afirmaram “concordar totalmente”; 4,5% (uma docente) disse “discordar parcialmente” (Gráfico 17).

Gráfico 16 – Pergunta 16: eu confio no poder de discernimento e na capacidade profissional dos meus colegas professores?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

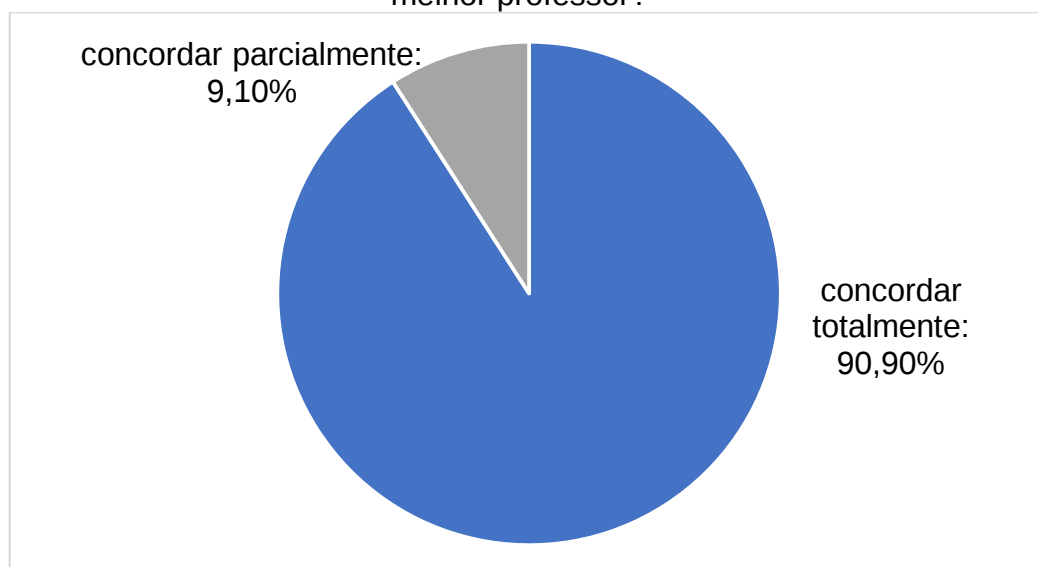
Gráfico 17 – Pergunta 17: eu vou trabalhar motivado na maioria dos dias?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que diz respeito à pergunta 18 – eu persigo constantemente oportunidades de me tornar melhor professor?: 90,9% (20 docentes) do universo pesquisado disse “concordar totalmente” com a afirmativa; 9,1% (dois docentes) afirmaram “concordar parcialmente” (Gráfico 18).

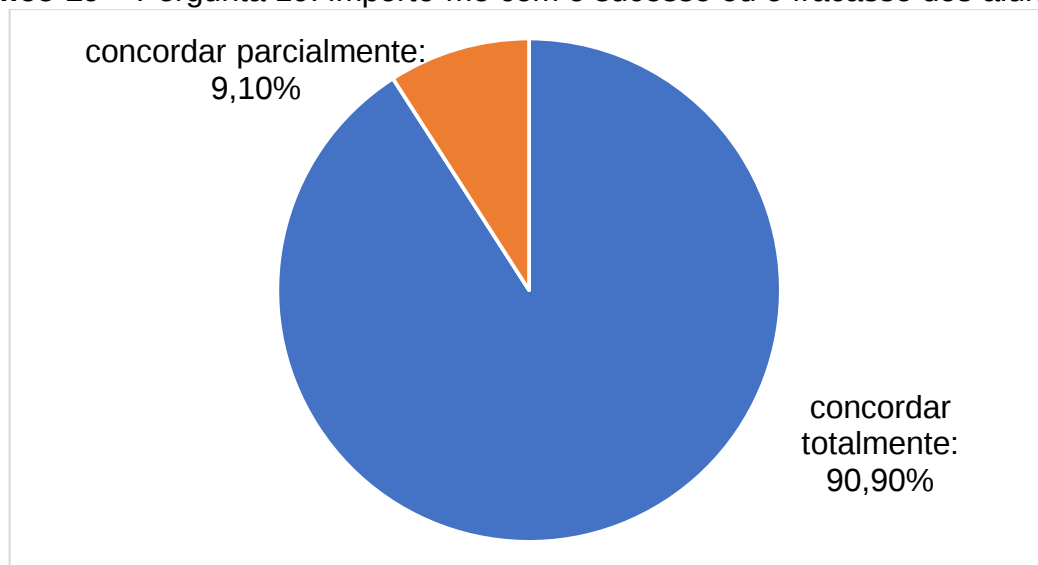
Gráfico 18 – Pergunta 18: eu persigo constantemente oportunidades de me tornar melhor professor?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quanto aos resultados da pergunta 19 – importo-me com o sucesso ou o fracasso dos alunos?: 90,9% (20 docentes) do universo pesquisado disseram “concordar totalmente” com a afirmativa; 9,1% (dois docentes) afirmaram “concordar parcialmente” (Gráfico 19).

Gráfico 19 – Pergunta 19: importo-me com o sucesso ou o fracasso dos alunos?



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

4.2 Resultado das perguntas abertas

Ao final das primeiras 19 perguntas, houve mais duas perguntas opcionais que permitiam ponderações por escrito. Das 22 educadoras que fizeram parte do estudo, 50% (11 docentes) optaram por responder à pergunta 20 – “qual é sua sugestão para a prevenção do *bullying* no ambiente escolar?”. A respeito da pergunta 21 – “cite alguma prática pedagógica que você já tenha usado em sua turma e que tenha obtido sucesso na resolução de conflitos no ambiente escolar”, do mesmo universo de 22 profissionais, 54,5% (12 docentes) optaram por respondê-la.

5 DISCUSSÃO

5.1 Análise dos dados

Como já citado, o público-alvo da pesquisa foi o corpo docente de uma escola do Ensino Fundamental, nível 1º ao 5º ano, da Rede Municipal de Ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Embora haja semelhanças entre esse estudo e outros já produzidos por pesquisadores sobre o mesmo tema, há diversos apontamentos que convém fazermos.

No que se refere ao conhecimento da temática do *bullying* (pergunta 3), percebemos que a maioria, 59,1% (duas docentes) dos educadores pesquisados, responderam positivamente. Com a massiva exposição do assunto nos meios de comunicação e com a feitura de campanhas publicitárias por parte dos governos municipais, estaduais e federal sobre o tema, espera-se que os professores tenham essa ciência, no entanto, a dificuldade encontra-se, como analisaremos adiante, na maneira como o tema é trabalhado. Ventura, Vico e Ventura (2016) ponderam que não é apenas a discussão do tema de forma rasa, e sim, é necessário a criação de campanhas que envolvam, além da publicidade tradicional, uma postura ativa de todos os aparelhos públicos de prestação de serviço.

Quando o questionamento foi acerca das discussões sobre o tema entre os pares e a formulação de estratégias (pergunta 1), apenas 27,3% (seis docentes) afirmaram que isso é uma realidade na Unidade Escolar na qual atuam. Isso nos chama a atenção, visto que é necessário que o tema seja sempre discutido e que suas alternativas de enfrentamento devam ser cotidianas e intensas, já que os resultados da infecção do ambiente escolar pelo *bullying* são desastrosos. O combate ao fenômeno *bullying* deve ser ativo e simultâneo, e, por isso, as estratégias escolares para seu enfrentamento devem ser claras e operantes (Fujita; Ruffa, 2019).

Um problema identificado, e que para todos os trabalhadores da educação deve ser motivo de grande receio, é o fato de que no universo pesquisado apenas 36,5% (pergunta 2) afirmaram que conheceram o *bullying* durante a graduação. Enfatizamos, então, que os cursos de licenciatura deveriam abordar o tema com constância – as propostas curriculares deveriam certamente dar subsídios aos futuros profissionais com teoria e vivências para que, diante das situações reais de agressão, eles tivessem condições de interferir positivamente para a minimização dos danos.

Silva *et. al.* (2017) asseveram a função potencializadora existente na abordagem dessa temática ainda na graduação. Eles chamam a atenção para a falta de capacidade dos docentes de identificarem a ocorrência de *bullying*, não sabendo, por conta de uma formação fragmentada, diferenciar brincadeiras de agressões.

Tanto a formação e a capacitação do educador, ainda dentro do ambiente da universidade, antes mesmo da gerência de uma sala de aula, como as ações conjuntas da universidade com as escolas, deveriam ser comuns e, certamente, dariam aos futuros educadores condições de serem agentes antibullying, logo que se tornassem professores.

Sobre a ocorrência de *bullying* no ambiente escolar (pergunta 4), 72,7% (16 docentes) dentre as professoras afirmaram, com certa confiança, ser verdade. Lopes Neto e Saavedra (2003, p. 18) comentam que o *bullying* “[...] compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s)”. Sendo assim, uma luz vermelha é acesa, pois, o fenômeno tem estado presente no cotidiano da escola, porém, não tem sido pauta de reuniões e de capacitações, como deveria ser.

Não custa lembrar, como afirmou Fante (2005), que o *bullying* é muito diferente das brincadeiras próprias da criança. Também não é um episódio isolado de violência ou agressão que possa ser classificada como “um ponto fora da curva”, mas, sim, agressão constante, contumaz, constituída como um fenômeno gerador de sofrimento.

De acordo com Silva e Rosa (2013, p. 330), “é importante frisar que antes de classificar um ato de violência como *bullying* deve-se analisar o contexto situacional, levando-se em consideração as características individuais das pessoas envolvidas”. Sendo assim, ressaltamos, mais uma vez, a importância de o docente obter entendimento e capacidade para intervir nas situações.

É necessário, então, que as instituições tenham, além de programas constantes de capacitação docente, procedimentos próprios e de conhecimento amplo para abordar as situações de *bullying* logo que elas são identificadas ou denunciadas. Na pergunta 5, 40,9% das professoras, ou seja, menos da metade das participantes, afirmaram haver padrões para a ação nos casos de agressão repetitiva. Ainda mais preocupante é o número daqueles que afirmaram não haver nenhum padrão de ação institucional para o enfrentamento das ocorrências identificadas: 36,4% (oito docentes).

Delgado (2014, p. 32) salienta que não há como a instituição escolar se escusar da responsabilidade de proteger os alunos de situações de agressão:

[...] a escola tem a responsabilidade de proteger seus alunos de ações violentas desde as violências verbais até as físicas; comunicando-as aos órgãos competentes à proteção integral de crianças e adolescentes, pois as crianças não podem mais ser tratadas como propriedade de suas famílias, mas sim como sujeitos de direitos e deveres.

Dessa forma, a ausência de protocolos de ação diante dos flagrantes de violência torna-se, todavia, uma omissão institucional.

Conforme a pergunta 6, 72,7% (16 docentes) reconheceram ser primordial a intervenção nos casos identificados de *bullying*, fato positivo tendo em vista que o público docente engrossava as fileiras daqueles que consideravam o fenômeno desimportante ou até desnecessário para a formação do caráter dos indivíduos.

Entretanto, a pesquisa identificou que 4,5% (uma docente) concordou não haver necessidade de ação pedagógica quando se identifica a ocorrência de *bullying*. Considerando-se tudo isso, Fante e Pedra (2008, p. 116) afirmam que “o professor deve intervir imediatamente, de forma que cessem os ataques [...] No entanto, o professor deve ter muito cuidado para não expor o autor a situações de constrangimento”, ou seja, as ações devem ser estritamente pedagógicas, a fim de que todos os envolvidos, tanto vítimas quanto protagonistas, tenham ciência do que ocorreu e possam desenvolver uma compreensão saudável a fim de que os casos não se repitam.

Fante e Pedra (2008, p. 50) afirmam que “infelizmente, o fenômeno vem crescendo em todo o mundo”. Desta forma, quando observamos a pergunta 7, no que diz respeito à primeira intervenção, é positivo notar que 86,4% das docentes dão o “primeiro combate” quando percebem a existência de um caso de *bullying*. Em uma análise mais fria, visto que o fenômeno é crescente, fica a impressão de que, embora a maioria das docentes afirmem tomar uma atitude, essas atitudes não têm sido coordenadas ou têm sido insuficientes.

Quanto aos instrumentos de denúncia, convém notar que parte considerável das docentes respondeu negativamente à afirmação sobre haver na unidade escolar instrumentos que permitiriam ao aluno fazer denúncias anônimas. Assim, sem a possibilidade de denunciar um agressor na certeza de que isso não se tornará mais um motivo para “retaliações”, os alunos se calam, fato que agrava a situação.

O *bullying*, como já foi exposto nesse trabalho, deve ser elemento comum nas reuniões pedagógicas e nas partilhas entre os professores. No entanto, a pergunta 8 mostrou que para o público consultado, apenas 27,3% (seis docentes) consideraram comum o debate sobre os casos identificados no cotidiano escolar. Gonçalves (2011) compreende que a luta contra a violência, desde o sentido lato até o sentido restrito ao espaço escolar, perpassa na formação cultural dos professores que, há algumas décadas, consideravam a violência como algo comum e, em alguns casos, necessária e emancipadora.

Acerca da importância das ações conjuntas de identificação e combate do *bullying* entre a escola e a família dos educandos, conforme a pergunta 9, mais de 90% das participantes concordaram completa ou parcialmente com a afirmativa de que a família é informada de maneira privada sobre as ocorrências dos casos envolvendo seus dependentes. Tal resultado é extremamente positivo, visto que a família é parceira potente na busca de um ambiente pacífico dentro das escolas.

Nove perguntas do questionário versavam sobre questões não diretamente relacionadas ao *bullying*, mas a respeito da formação profissional docente e das impressões que os docentes têm dos alunos referentes ao sucesso escolar. Esses temas estão ligados e as respostas deixam claro que os professores buscavam formação e capacitação – mais de 90% concordaram com afirmativas acerca desse tema). As professoras também, em sua grande maioria – cerca de 80% –, concordaram com afirmativas sobre a escola ser um lugar seguro e relevante para o alunado.

A sondagem também incluiu perguntas abertas, nas quais as docentes tiveram a opção de propor sugestões para o trabalho *antibullying*, a partir das práticas exitosas que já tinham executado. Acerca das sugestões, houveram 12 respostas, considerando o universo de 22 pesquisadas. Convém recordar que não há menção dos autores, visto que o questionário foi aplicado com a garantia de sigilo quanto aos participantes, e que as nomenclaturas Professora 1, Professora 2, e assim por diante, foram usadas apenas para facilitar o estudo, visto que, das 12 colaborações, houve a repetição da mesma estratégia por mais de um educador: o verbo “incentivar”, por exemplo, esteve presente em seis respostas como sugestão de atitude a ser adotada pelos docentes em relação à participação dos alunos nas atividades de sensibilização sobre a temática *bullying*.

Segundo a Professora 1,

É muito importante que todos os alunos sejam sensibilizados para que haja um ambiente saudável e que acolha a diversidade. Por isso é importante que esse assunto, o *bullying*, seja tratado sempre na escola, não só em um evento “pronto e acabou”.

A Professora 2 declarou:

Um trabalho que eu faço com meus alunos e que tem rendido ótimos resultados é uma coisa bastante simples – roda de conversa. Como as crianças ainda não têm maturidade para falar sobre as coisas que pensam e sobre as coisas que têm vivido, eu sempre trago uma historinha e, com as cadeiras em forma de roda, vou usando dos acontecimentos e personagens da historinha para estimular que eles falem e reflitam sobre a violência na escola.

O verbo “falar” esteve presente em 14 respostas por ser uma ação necessária dentro do contexto escolar, devendo ser incentivado pelos professores. Isso quer dizer que o aluno precisa falar sobre seus sentimentos.

Para a Professora 3,

Os parceiros da escola são importantes demais para que o tema do *bullying* seja abordado; a escola pode convidar membros da comunidade (pais de alunos, comerciantes, outros educadores pertencentes a grupos sociais diversificados) e, de uma forma lúdica e tranquila, refletir sobre a problemática da violência.

A palavra “violência” foi citada em nove respostas como sinônimo de *bullying*.

Segundo a Professora 4, “é necessário que sejam propostas ações ativas de aprendizagem, como a feitura de cartazes, produção de peças de teatro e jograis. O professor seria apenas um mediador e os alunos teriam liberdade para criar”.

Para a Professora 5, “não se deve trabalhar esse tema apenas em ações pontuais, o aumento da frequência da abordagem “*antibullying*” acaba sendo uma força motriz para a criação de uma cultura de paz na escola”. Já para a Professora 6, “respeitando a faixa etária da turma, é importante ter o *bullying* como tema de aulas”.

Continuando, para a Professora 7, “no Ensino Fundamental I é importante que haja uma aula por semana para que seja discutido o relacionamento entre os alunos”. Para a Professora 8, “quanto mais houver a promoção de discussões na sala de aula sobre assuntos cotidianos, mais os educandos se sentirão livres para comentar sobre episódios de violência”.

Consoante a Professora 9 (P9),

Orientar mais os alunos por meio de projetos, atividades diferenciadas, participação ativa das famílias no ambiente escolar, é importante também haver palestras com psicólogos, interação entre os alunos e seus pais e a exibição de filmes sobre o assunto *bullying*.

O verbo “orientar” foi citado em 15 respostas como sendo a principal ação dos professores frente às situações de *bullying* escolar.

Sobre o relato de experiências exitosas, houve 13 relatos breves que os participantes da pesquisa consideraram relevantes para o registro. A Professora 10 (P10) argumentou que “por meio de técnicas de alongamento e exercícios físicos, fiz um trabalho focando a concentração dos alunos em sala de aula e, transversalmente, abordei o tema *bullying*”. A Professora 11 (P11), por sua vez, asseverou que “a realização de palestras com profissionais da área da saúde mental sempre dá bons resultados”. Quanto à Professora 12 (P12), “realizei rodas de leitura com livros pré-selecionados que abordavam o tema *bullying*”. Já as palavras da Professora 13 (P13) foram: “realizei leituras sobre empatia e muita roda de conversa sobre se colocar no lugar do outro (alteridade)”.

5.2 Resposta à pergunta norteadora

Qual é a percepção do professor sobre o fenômeno *bullying* e qual é, do ponto de vista docente, o papel que deve ser exercido para o enfrentamento desse fenômeno?

Com base na percepção dos professores acerca do fenômeno *bullying*, o foco desse trabalho é promover a reflexão sobre a temática para analisar e propor uma intervenção que promova a conscientização e a mudança positiva de postura dos alunos frente aos conflitos escolares.

Percebemos que, em certa medida, os resultados da pesquisa se assemelham à percepção geral depreendida da bibliografia estudada e, principalmente, está *pari passu* com o que é discutido nos bancos das universidades, sobretudo quanto à necessidade de reconhecimento da existência do fenômeno, sua quantificação, seu entendimento, a sequência de medidas a serem tomadas pelos agentes educacionais e a maneira deles planejarem e realizarem suas intervenções.

A análise dos dados da pesquisa mostrou que a maioria dos professores tem consciência das dimensões do tema *bullying* escolar e da urgência com a qual essa

temática deve ser abordada junto aos alunos. No entanto, com base nos dados observados, fruto da visão que um universo de educadores expressou, faltam medidas institucionais para que, juntos com a família e o próprio corpo discente, sejam aplicadas medidas *antibullying*.

Apesar da negação por parte de muitas autoridades escolares, o *bullying* é um fenômeno cada vez mais presente no cotidiano escolar de todas as classes sociais. Sendo assim, sabendo das consequências devastadoras aos envolvidos, é preciso buscar soluções preventivas para combater esses atos de violência, garantindo, assim, a aprendizagem dos alunos, e suas construções como pessoas. Destarte, é possível pensar no futuro com uma sociedade mais justa e igualitária.

O *bullying* é um problema social que vem se agravando diante da postura individualista e competitiva das pessoas, sobretudo, pelas condições do contexto familiar e social que provocam certos déficits de socialização do indivíduo. Seu estudo deve transcender as preocupações restritas aos espaços escolares, mas tomar uma dimensão social e política.

É na escola que se constrói a base da sociedade através da formação do cidadão consciente de seus direitos e deveres. Através do convívio e da integração em sala de aula, conforme afirmou Vygotsky (1988), há a fonte de modelos para o desenvolvimento do indivíduo, e sem ela não há aprendizagem. A internalização de conceitos ocorre por meio da aprendizagem social no ambiente escolar.

A construção de conhecimentos deve acontecer em sala de aula, ambiente destinado à aprendizagem por meio da interação social. Nesse espaço, algumas atitudes são consideradas brincadeiras, mas, se houver a intenção de magoar ou ferir física e/ou psicologicamente qualquer aluno, elas devem ser reconhecidas pelo professor como prática de *bullying*. Cabe ao professor, então, estar sempre atento às situações citadas, pois, segundo Fante (2005, p. 16):

Na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas e destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar.

Melhorar a qualidade das relações pessoais dentro da escola implica, necessariamente, criar situações de convivência humana que beneficiarão os indivíduos envolvidos. Trata-se de um processo mais amplo e aprofundado de

formação ético-política das gerações presentes e futuras para superação das condições de desumanização e barbárie que ameaçam o processo civilizatório contemporâneo.

O aluno que sofre *bullying* carrega consigo uma dor causada pela violência física ou moral e, geralmente, apresenta dificuldades e baixo rendimento escolar, isolamento social, insegurança para realizar as tarefas propostas, desânimo e falta de interesse. Muitas vezes, ele não quer mais frequentar a escola e cria doenças imaginárias para faltar às aulas. Há uma série de relatos sobre as reações violentas de alunos que passaram por essa experiência negativa.

A prevenção e o combate ao *bullying* são importantes para a sociedade, ainda mais para as crianças em idade escolar, já que através de ações direcionadas podemos resgatar a autoestima do indivíduo em formação, aumentar os índices de rendimento escolar e evitar o excesso de faltas ou possíveis casos de evasão.

Através de suas práticas e intervenções o professor pode auxiliar os indivíduos vítimas de *bullying* a agirem de maneira preventiva, evitando, assim, situações que favoreçam tal prática. O professor é a figura de autoridade em sala de aula e, portanto, é o responsável pela manutenção da ordem no ambiente, incentivando uma atmosfera de respeito mútuo, diálogo e reflexão por parte dos alunos, sem brigas e ofensas na resolução dos conflitos.

Além do processo de ensino/aprendizagem, a formação do indivíduo ocorre em grande parte pela influência das relações que ocorrem no ambiente escolar, já que é o lugar onde o aluno passa a maior parte do tempo, convivendo muito mais tempo com amigos e professores do que os seus próprios familiares. Segundo Morales (1999, p. 22), o professor atua como modelo de identificação:

Muitas coisas importantes na vida se aprendem quase inconscientemente, por imitação de modelos. (aprende-se a ser homem ou a ser mulher; aprende-se até mesmo a ser professor...; repetem-se condutas vistas em outros, internalizadas, aprovadas pela cultura ambiental).

Para minimizar a ocorrência dos conflitos entre os estudantes, é preciso que o professor encontre meios de abordar as diversidades de maneira positiva, levando os alunos à reflexão e à percepção da igualdade de direitos e obrigações.

É relevante construir uma sala de aula que seja repleta de relações saudáveis e que forneçam modelos de comportamento positivos através das práticas assertivas

que inspiram os alunos a se tornarem bons cidadãos, conhecedores dos seus direitos e, principalmente, cumpridores de seus deveres no convívio social, atentando-se, assim, para o aspecto humano além do currículo. Para Silva (2010, p. 63),

Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar. Hoje é importante dar destaque a escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos e intervenções que ultrapassam a vida acadêmica tradicional (testes e provas).

Destacamos, portanto, que o papel do professor vai além da mediação e da criação de situações que favoreçam a reflexão dos alunos, mas também como modelo positivo que favorece a instauração de um ambiente de paz no interior da escola.

6 O PRODUTO FINAL

6.1 O processo de criação do e-book informativo

Conforme planejado, o produto final da pesquisa é um *e-book* informativo (Anexo B). O público leitor foram os professores, destinado a eles para que pudessem exercer a função de pequeno manual para o cotidiano das salas de aula. Para satisfazer esse plano, superamos, *a priori*, uma sequência de desafios: a) o *layout* (apresentação) do e-book deveria ser bem atrativo; b) as informações deveriam ser poucas, bem-organizadas, fáceis e palatáveis; c) deveria ser de fácil consulta; d) deveria conter algumas propostas de atividades que fossem voltadas para o público infantil: os alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

Resolvemos a questão do *layout* por meio do uso do aplicativo *Flipsnack* (2023), que sugere formatações de diversos tipos de livros¹. Com muito zelo, selecionamos a sugestão que nos pareceu mais adequada. As informações que constam no e-book foram retiradas do próprio corpo de trabalho de conclusão de curso, diminuindo sensivelmente o conteúdo e cuidando para que a linguagem fosse mais simples, por meio das substituições dos sinônimos, sempre que necessário. A simplificação da consulta foi obtida com a escolha do conteúdo, mantendo apenas o necessário para que fossem oferecidos conceitos básicos acerca da temática do *bullying*, e com a escolha das fontes.

O desafio da escolha das atividades foi superado através do aproveitamento de diversas sugestões que as próprias docentes participantes da pesquisa ofereceram (Apêndice A, perguntas 20 e 21) sob o norte da fundamentação teórica contida neste trabalho de pesquisa.

6.1.1 Apresentação

O e-book foi produzido como parte integrante da presente pesquisa intitulada “O cotidiano escolar e o *bullying*: contribuições didáticas na prevenção”, realizada durante o curso de mestrado em Educação e desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, da Universidade Estadual Paulista

¹ O *Flipsnack* é um serviço *on-line* para criação de livros digitais a partir de arquivos em formato PDF. Para acessá-lo, basta clicar em <https://www.flipsnack.com/>.

“Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, câmpus de Bauru, sob orientação do Professor Doutor Antonio Francisco Marques.

Trata-se de um material fundamentado na literatura científica da área e elaborado a partir do resultado da pesquisa realizada, da observação das atividades e dos relatos dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, participantes da pesquisa.

Para a elaboração do produto foi realizada a observação das relações e interações na escola incluindo as atividades aplicadas e/ou sugeridas pelos professores mediante a reflexão sobre a prática e a importância na promoção de ações de prevenção e combate ao *bullying* no ambiente escolar.

O objetivo do material é informar os alunos e compartilhar conhecimentos que contribuam efetivamente para a construção de uma cultura de paz na escola, e, se possível, para a inspiração de outros educadores em prol do desenvolvimento de práticas de prevenção e combate ao *bullying* no ambiente escolar.

Buscando-se priorizar a facilidade de acesso ao conteúdo e sua praticidade para utilização em sala de aula, o e-book foi estruturado conforme a disposição apresentada a seguir.

6.1.2 Introdução

É certo que no cotidiano das salas de aula o combate ao *bullying* é cada vez mais urgente e necessário. Às vezes, diante de uma “brincadeira sem graça” ou de um ato de agressão verbal ou física, nós professores ficamos sem saber exatamente como agir, ficamos na dúvida sobre qual seria a melhor atitude a se tomar. Isso acontece porque não recebemos na formação universitária básica a capacitação específica para lidar com o *bullying*, e nem mesmo no cotidiano da formação docente continuada, com todas as demandas e problemas que vão surgindo, dedicamos tempo para pensarmos sobre o tema.

O e-book é resultado de uma pesquisa de campo realizada com professores e pretende ser uma ferramenta auxiliar na luta diária contra a violência no ambiente escolar.

6.1.3 O que é o *bullying*?

Chamamos de *bullying* toda a forma de agressão voluntária, repetitiva e que ocorre sem motivação evidente. O *bullying* no ambiente escolar, por sua vez, é um comportamento agressivo e repetitivo que ocorre entre estudantes. Pode envolver agressões físicas, verbais, fofocas, exclusão social e *cyberbullying*. Afeta o bem-estar emocional e o desempenho acadêmico das vítimas. Essa agressão pode ser adotada contra um ou mais indivíduos e provoca ansiedade, angústia, dor e medo.

Identificamos a ocorrência de *bullying* quando a ação (agressão) tem:

- a) a intenção de causar dor;
- b) persistência e continuidade das ações agressivas contra o mesmo alvo;
- c) visível ausência de motivação, ou seja, não há porquês nas ações agressivas;
- d) a relação entre agressor e agredido é desigual: a vítima geralmente não tem popularidade, não tem voz ativa e não reage às provocações;
- e) as vítimas sofrem prejuízos físicos, psicológicos ou materiais.

6.1.4 Quem é quem no contexto do *bullying*?

Quanto ao contexto do *bullying*, é essencial compreendermos os diferentes papéis que os indivíduos desempenham. O fenômeno *bullying* não envolve apenas os agressores e as vítimas, mas pode incluir uma variedade de participantes, cada um desempenhando um papel específico. Aqui estão seus principais atores:

- a) agressor:

O agressor, muitas vezes chamado de "*bully*", é a pessoa que pratica o comportamento agressivo, seja ele físico, verbal ou relacional, com a intenção de prejudicar ou controlar outra pessoa. É comum que esse agressor figure entre os alunos chamados de "populares", referindo-se àqueles que ditam as regras e assumem uma postura de liderança.

Os agressores podem agir de forma isolada ou em grupo, e seus motivos variam, incluindo a busca por poder, o desejo de dominação, a busca de atenção ou a insegurança.

b) vítima:

A vítima é a pessoa que sofre as ações de *bullying*. Ela pode ser alvo de agressões verbais, físicas, sociais ou *cyberbullying*. Sendo assim, ela geralmente experimenta danos emocionais, psicológicos e, às vezes, físicos. Pode se sentir ameaçada, isolada e ansiosa.

Ao contrário do agressor, a vítima é tímida, busca "desaparecer" no cotidiano escolar e geralmente tem alguma característica marcante (física, psicológica ou social) que a faz se destacar entre os outros alunos.

c) testemunha ou espectadora:

A testemunha, também chamada de espectadora é a pessoa que presencia o bullying, mas não está diretamente envolvida com os agressores ou as vítimas.

Seu papel é significativo, pois ela pode influenciar o ambiente escolar ao optar pelo apoio à vítima, opondo-se ao agressor ou simplesmente ignorando o ocorrido.

d) *bystander* ativo:

O *bystander* ativo é a testemunha que escolhe intervir e ajudar a vítima ou procurar a ajuda de um adulto ou de uma autoridade escolar. Sua intervenção é fundamental para interromper o ciclo do *bullying*, promover a segurança e criar uma cultura escolar de apoio.

e) cúmplice ou apoiador do agressor:

O cúmplice ou apoiador do agressor é a pessoa que, de alguma forma, apoia ou participa das ações de *bullying*. Ela pode rir das agressões, espalhar rumores, encorajar o agressor ou até mesmo se juntar ativamente ao *bullying*.

f) educadores e equipe escolar:

Educadores e demais integrantes da equipe escolar desempenham um papel crítico na prevenção e na resposta ao *bullying*. Eles devem criar um ambiente seguro, implementar políticas antibullying e intervir quando incidentes ocorrerem. Também podem fornecer apoio e orientação às vítimas e agressores, garantindo que todos os alunos tenham acesso aos recursos apropriados.

g) pais e responsáveis:

Os pais e parentes desempenham um papel vital na identificação e na prevenção do *bullying*. Eles devem estar atentos aos sinais a fim de observarem se os seus filhos estão envolvidos como agressores ou vítimas. Além disso, podem apoiar a escola em seus esforços para combater o *bullying* e fornecer-lhes um ambiente de apoio em casa.

Entender quem é quem no contexto do *bullying* ajuda a identificar melhor as dinâmicas envolvidas e a desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

A prevenção do *bullying* requer o esforço conjunto de toda a comunidade escolar e da sociedade em geral para criar ambientes onde o respeito e a empatia prevaleçam.

6.1.5 Tipos de *bullying*

As agressões podem se dar de algumas formas, sendo que as mais comuns são as físicas, psicológicas, verbais, materiais e virtuais.

O *bullying* escolar é um problema sério e prevalente que afeta crianças e adolescentes em todo o mundo. É importante reconhecer que ele não se limita a um único tipo de comportamento, mas pode assumir diversas formas, cada uma delas impactando negativamente as vítimas. Aqui estão alguns dos principais tipos de *bullying* escolar:

a) *bullying* verbal:

O *bullying* verbal envolve a utilização de palavras cruéis, insultos, xingamentos, zombarias, alcunhas e ameaças para prejudicar emocionalmente a vítima. Pode ocorrer em sala de aula, no recreio, nas redes sociais ou em mensagens de texto, causando danos psicológicos significativos.

b) *bullying* físico:

O *bullying* físico inclui agressões físicas diretas, como socos, empurrões, tapas, rasteiras, chutes, beliscões ou qualquer forma de contato físico intencional para machucar a vítima. Frequentemente, deixa marcas visíveis e pode resultar em lesões físicas graves.

c) *bullying* relacional ou social:

O *bullying* relacional ou social envolve manipulação social, exclusão intencional, difamação, disseminação de rumores e alienação da vítima. Esse tipo de *bullying* é geralmente mais sutil, mas pode causar danos emocionais profundos e duradouros, dentre os quais: materiais, como quebrar material escolar, depredar cadernos ou uniformes – incluído, nessa modalidade, os roubos ou extorsões; virtuais: todas as formas de *bullying* praticados de forma virtual, por meio de tecnologias.

d) *cyberbullying*:

Chamamos de *cyberbullying* ou *bullying* virtual todas as formas de agressão que ocorrem no meio virtual. Pode se efetuar através de dispositivos eletrônicos, como *smartphones* e computadores. Inclui ameaças, insultos, humilhação e difamação *on-line*.

As mensagens, *posts* em redes sociais e compartilhamento de imagens prejudiciais podem se espalhar rapidamente e alcançar um público amplo.

Com o advento dos meios de comunicação virtual e as redes sociais, o *cyberbullying* se tornou uma prática muito comum visto que há na *internet* um suposto anonimato e, com isso, as pessoas que têm vontade de atacar outras pessoas possuem uma espécie de “salvo conduto” para agirem.

Como não há contato físico, o *cyberbullying* acaba por se tornar uma forma de vingança, em alguns casos. No entanto, as agressões pelas redes sociais acabaram se tornando mais intensas, atingindo as vítimas de modo mais cruel: não é incomum que alvos de *cyberbullying* pratiquem suicídio ou desenvolvam patologias psíquicas graves.

e) *bullying* por exclusão:

Esse tipo de *bullying* envolve a exclusão deliberada de uma pessoa ou grupo, deixando-os de fora de atividades, conversas ou eventos sociais. Pode fazer com que a vítima se sinta isolada e indesejada.

e) *bullying* sexual:

O *bullying* sexual inclui comportamentos de natureza sexual indesejada, como assédio, comentários inapropriados, toques inadequados e exploração sexual. Ele pode causar traumas profundos nas vítimas.

f) *bullying* por preconceito ou discriminação:

O *bullying* por preconceito é direcionado às vítimas com base em características pessoais, como raça, religião, orientação sexual, gênero, deficiência, entre outros. É uma forma extrema de discriminação e pode ter consequências devastadoras para as vítimas.

Cada um desses tipos de *bullying* tem um impacto significativo nas vítimas, causando danos emocionais, psicológicos e, em alguns casos, físicos.

A prevenção do *bullying* envolve a conscientização, educação, intervenção e criação de um ambiente escolar seguro e inclusivo. É responsabilidade de toda a comunidade escolar trabalhar para combater o *bullying* e promover relacionamentos saudáveis e respeitosos entre os alunos.

6.1.6 Consequências do *bullying*

As consequências do *bullying* atingem todos os envolvidos e, assim como um tumor cancerígeno, têm suas consequências a curto, médio ou longo prazo. Os danos psicológicos sempre permanecem e, em alguns casos, manifestam-se na fase adulta. Imediatamente, as vítimas apresentam uma série de emoções negativas (falta de foco, medo, ansiedade) e, não raro, na fase adulta as vítimas desenvolvem depressão, problemas de autoestima e até suicídio.

Por outro lado, os praticantes do *bullying* estão mais predispostos a desenvolver comportamentos antissociais e agressivos. Em bora não seja uma regra, é comum que pessoas que praticam *bullying* na infância ou na adolescência tornem-se difíceis quanto ao convívio, podendo até se tornarem criminosas.

Os espectadores podem se ornar insensíveis aos sentimentos alheios ao presenciar as agressões, apresentando, então, problemas de empatia, além de demonstrar medo do futuro e insegurança pessoal. Assim, o desenvolvimento sócio-moral é afetado, o que justifica os prejuízos no desenvolvimento de valores pró-sociais.

O *bullying* escolar é um problema sério que pode ter um impacto profundo e duradouro na vida dos estudantes envolvidos, sejam vítimas, agressores ou testemunhas. As consequências do *bullying* afetam diversos aspectos da saúde e do bem-estar dos estudantes, e é fundamental reconhecê-las para entender a importância de prevenir e combater esse comportamento prejudicial.

Aqui estão algumas das principais consequências do *bullying* para os estudantes

a) problemas emocionais e psicológicos:

As vítimas de *bullying* frequentemente experimentam altos níveis de ansiedade e depressão devido ao estresse constante e ao medo de agressões. Ademais, o *bullying* pode minar a autoestima das vítimas, levando-as à falta de confiança e a uma imagem negativa de si mesmas. Também pode ocorrer, em casos graves, traumas psicológicos, que afetam a saúde mental a longo prazo.

b) problemas acadêmicos

Um dos problemas relacionados ao âmbito acadêmico é a redução desempenho escolar, já que as vítimas de *bullying*, por vezes, têm dificuldade em concentrarem-se na escola e podem sofrer com baixas notas devido ao estresse e à distração causados pelo *bullying*.

Além do mais, algumas vítimas evitam a escola para escapar do *bullying*, resultando em altas taxas de faltas e até mesmo de evasão escolar.

c) problemas sociais:

As vítimas frequentemente se isolam socialmente, o que pode levar à solidão e à falta de apoio social. O *bullying* também pode afetar negativamente as habilidades de relacionamento das vítimas, tornando-as mais propensas às dificuldades interpessoais.

d) problemas físicos:

O estresse causado pelo *bullying* pode levar a problemas de saúde física, como dores de cabeça, insônia e distúrbios gastrointestinais. Há as lesões, pois, em casos de *bullying* físico, as vítimas podem sofrer lesões físicas, algumas das quais podem ser graves.

e) comportamento de risco:

Tal comportamento pode se relacionar ao abuso de substâncias, já que alguns estudantes recorrem ao seu uso para lidar com o estresse e os sentimentos resultantes do *bullying*.

O *bullying* também está associado às taxas mais altas de autolesões e pensamentos ou tentativas de suicídio, especialmente entre as vítimas.

f) impacto a longo prazo:

As vítimas de *bullying* podem carregar as consequências emocionais e psicológicas para a vida adulta, afetando relacionamentos, empregos e qualidade de vida.

Alguns agressores podem continuar com comportamentos agressivos e antissociais ao longo da vida.

g) impacto nas testemunhas:

As testemunhas do *bullying* têm potencial para sofrer consequências emocionais, como sentimento de culpa, ansiedade e medo.

É fundamental reconhecer que o *bullying* não é apenas um problema passageiro na vida escolar. Suas consequências podem persistir a longo prazo e afetar o bem-estar físico e emocional dos estudantes. Portanto, sua prevenção, a intervenção precoce e o apoio às vítimas são cruciais para mitigar esses impactos negativos e criar um ambiente escolar seguro e inclusivo para todos.

6.1.7 Impactos do *bullying* no ambiente escolar

O *bullying* é um problema sério e prevalente que afeta estudantes em escolas ao redor do mundo. Esse comportamento agressivo, repetitivo e intencional pode ocorrer de várias formas, incluindo agressões verbais, físicas e até mesmo por meio de redes sociais, e tem um impacto profundo e duradouro no ambiente escolar. É essencial compreender o impacto do *bullying* para que possamos tomar medidas eficazes para preveni-lo e abordá-lo.

a) os impactos do *bullying* nas vítimas:

Há os problemas emocionais, pois as vítimas frequentemente sofrem de ansiedade, depressão e baixa autoestima, sendo que o constante medo de serem alvos de agressões prejudica o bem-estar emocional.

Quanto aos problemas acadêmicos, o *bullying* pode afetar o desempenho das vítimas, levando-as às dificuldades de concentração, ausências frequentes e até mesmo evasão escolar.

No que se refere ao isolamento social, as vítimas, muitas vezes, isolam-se socialmente para evitarem os agressores, o que pode prejudicar seus desenvolvimentos sociais e emocionais.

b) os impactos do *bullying* nos agressores:

Citamos o desenvolvimento de comportamento antiético, pois, frequentemente, os agressores desenvolvem comportamentos antissociais e insensíveis, o que pode afetar negativamente suas vidas adultas.

Também há as consequências legais, considerando que, em alguns casos graves, o *bullying* pode levar a ações legais e punições severas para os agressores.

c) os impactos do *bullying* nas testemunhas:

O bullying cria um ambiente escolar hostil e assustador na escola, onde os alunos têm medo de se expressarem e de serem solidários às vítimas.

As testemunhas podem ser influenciadas pelo comportamento agressivo que observam, e alguns podem acabar se tornando agressores também.

d) os impactos do *bullying* no ambiente escolar:

O bullying pode afetar o desempenho acadêmico de toda a escola, pois cria um ambiente de medo e ansiedade que dificulta o aprendizado. Ainda nesse contexto, o ambiente escolar torna-se menos inclusivo, solidário e produtivo quando o *bullying* não é controlado.

Para combater eficazmente o bullying no ambiente escolar, é crucial que escolas, pais, professores e alunos trabalhem juntos. Isso pode incluir programas de conscientização, políticas antibullying, apoio psicológico para vítimas e agressores, e educação para a promoção da empatia e do respeito mútuo. A prevenção e a intervenção precoce são fundamentais para criar escolas onde todos os alunos aprendam e prosperem em um ambiente seguro e acolhedor.

6.1.8 Lei antibullying

A Lei 13.185/2015 entrou em vigor em fevereiro de 2016 e instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Ela prevê que, além de clubes e agremiações recreativas, as escolas desenvolvam medidas de conscientização, prevenção e combate ao *bullying*.

A legislação é considerada um passo importante, pois define, delimita e institui o fenômeno. Conforme § 1º da Lei 13.185/15,

[...] considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Brasil, 2015).

6.1.9 O educador diante do fenômeno *bullying*

Nós, educadores, devemos sempre buscar a formação e compreender que devemos, por obrigação de ofício, tornar nossas aulas e nossas escolas um ambiente humano e seguro para as aprendizagens.

Caso a instituição na qual atuamos não dê a devida importância para o tema, é obrigação chamarmos às luzes essa problemática e fazermos nossa parte para que as aprendizagens ocorram com o mínimo de percalços.

Formações, projetos e reuniões pedagógicos sobre a temática *bullying* devem ocorrer com frequência, a fim de que consigamos atingir nossos objetivos.

6.1.10 Atividades propostas

O e-book disponibiliza sugestões de atividades para os professores aplicarem em sala de aula e reflexões iniciais sobre o que o professor pode fazer para ajudar as vítimas e também os agressores.

Como professores, podemos observar, de um ponto de vista único, como se desenvolvem as relações interpessoais dentro da sala de aula. É possível identificar os alunos ansiosos, os exageradamente silenciosos e aqueles que demonstram estar

com medo. Essa observação dos alunos vai nos ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas.

O que devemos notar: alunos que põem apelidos nos outros; alunos que têm muito contato físico agressivo com seus colegas; alunos que fogem de situações como fazer leitura em voz alta; alunos que nunca participam da aula.

Após a identificação do *bullying*, a atuação de todas as instâncias da escola deve ser imediata. Conforme já foi observado, a violência sistemática e contínua na instituição de ensino, assim como uma contaminação por material radioativo, tem resultados maléficos cada vez mais graves assim como seu tempo de duração. O professor, caso se omita, abre espaço para outros atos de agressão e intimidação. O professor é o gestor das aprendizagens, dessa forma também deve incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um conflito.

a) atividade 1: vivenciando relações de respeito

O que é o respeito? Em um sentido lato, é a convivência pacífica entre os diferentes. De outra forma, o respeito também pode ser um sentimento específico de consideração pelas qualidades reais da pessoa respeitada. O educador é referência.

As vivências em sala de aula, por sua vez, devem ajudar os educandos a significar o respeito por meio de discussões e leituras que abordem a temática.

Recursos: quadro; giz; dicionários da Língua Portuguesa; um episódio de desrespeito (pode ser extraído de notícias da mídia, ou de algum periódico).

Execução da atividade: O gestor deve fazer um levantamento prévio com os alunos sobre o que é respeito. Se o espaço permitir, os alunos podem sentar em círculo, e, em seguida, o professor pergunta "o que é respeito?"; as respostas são anotadas no quadro negro (ou em um que seja equivalente). É importante que o professor mantenha esse registro até o final da atividade (se necessário, anotar em uma folha à parte).

Terminado o levantamento de hipóteses, o professor pode entregar dicionários para alguns alunos (não é necessário um número grande de dicionários, dois ou três já são o bastante) e pedir para que eles busquem o significado do verbete "respeito".

Caso seja uma turma de alunos ainda no início do processo de alfabetização, o professor pode ler o verbete e explicar para os alunos, posteriormente.

Nesse momento o professor lê a notícia e começa a debater com a sala o episódio de desrespeito. É importante que o episódio seja adequado para a faixa etária dos educandos. Por fim, o professor solicita um registro por escrito de cada criança sobre as situações apontadas durante a discussão. Novamente, caso seja um grupo de alunos que ainda não desenvolveram completamente a capacidade escritora, o educador pode pedir um desenho ou estimular uma criação coletiva.

b) atividade 2: respeito é bom e todos merecem

Essa atividade deverá ser adaptada de acordo com a realidade do grupo de educandos. Para os alunos mais maduros pode ser uma boa ideia que a sala seja dividida em grupos. O objetivo principal é que todos, em particular, expressem o que pensam sobre respeito.

Recursos: folhas grandes de papel para registros coletivos; folhas para registros individuais; canetas coloridas;

Execução da atividade: o gestor deve estimular os educandos para que compartilhem situações nas quais eles foram vítimas de desrespeito. Convém também que o gestor, caso seja possível, tente criar um ambiente seguro no qual os alunos possam também partilhar os episódios nos quais eles foram executores de atos de desrespeito.

Sugestão de sequência de perguntas:

- uma situação na escola em que você foi desrespeitado por alguém. Como se sentiu. Como reagiu.
- uma situação na escola em que você foi respeitado por alguém. Como se sentiu. Como reagiu.
- uma situação na escola em que você respeitou alguém. Como se sentiu. Como reagiu.

- uma situação na escola em que você desrespeitou alguém. Como se sentiu. Como reagiu.

O gestor pode registrar na lousa, de forma genérica, solicitando posteriormente que todos os alunos, individualmente, usem a folha e os lápis de cor para fazer um desenho sobre seu entendimento acerca de tudo que foi dito. Caso o professor julgar adequado, ele pode registrar na lousa diversas frases sobre "o que é respeito", escritas com base nas partilhas que os alunos fizerem, ou pode trazer frases registradas com o objetivo de orientar a produção dos desenhos.

c) atividade 3: somos a mesma raça: a raça humana

É necessário falar sobre o respeito étnico e cultural nas escolas para que a diversidade não passe a ser vista como algo anormal ou objeto de escárnio.

Recursos: informações fornecidas pelos familiares dos alunos; quadro comparativo na lousa; giz; canetas coloridas ou lápis de cor;

Execução da atividade: convém que, com antecedência, o educador oriente os alunos para coletar, por meio de documentos e relatos dos familiares, informações sobre a origem dos pais, avós e bisavós. Convém também que o educador faça, para os alunos mais novos ou para aqueles que estão ainda no início do processo de alfabetização, uma sequência de perguntas para que possam trazer os dados de forma adequada.

No quadro, o professor deve traçar colunas, conforme a diversidade da sala quanto à origem e aos aspectos culturais. Depois da exposição e do preenchimento do quadro, o educador deve orientar os alunos com o objetivo de registrar, por meio de desenho ou texto, as conclusões sobre a diversidade da espécie humana e a necessidade do respeito pelas diferenças.

6.2.11 Jogo digital: "Escolinha legal"

O jogo digital denominado "Escolinha legal" é um produto educacional tecnológico instrucional voltado aos alunos do Ensino Fundamental I. Foi desenvolvido no site da Flippity (2013-2023), cujo endereço é <https://flippity.net/>, conforme as

instruções nele contidas para a criação de jogos digitais por meio da transformação de planilhas Google em *flashcards on-line*.

As questões selecionadas para fazer parte do jogo foram elaboradas conforme a observação realizada no ambiente escolar, incluindo a análise das respostas dos professores entrevistados.

O jogo apresenta situações de *bullying* escolar e provoca a reflexão do aluno em busca de uma solução para o problema apresentado. O jogador deve clicar no dado e mover a sua peça conforme o número de casas sorteadas no dado. De acordo com os símbolos disponíveis em cada casa, o jogador deve seguir as instruções avançando ou voltando casas e, quando for o caso, clicar sobre a carta pergunta para resolver um problema. Conforme a resposta ele irá avançar, recuar ou permanecer onde está.

Vence o jogo aquele que completar o trajeto primeiro e resolver da melhor maneira todos os problemas que surgem durante a trajetória. Os problemas envolvem situações de *bullying* que exigem reflexão objetivando possíveis mudanças de postura no aluno.

Para acessar o jogo basta um computador e acesso à *internet*. Não é necessário instalar qualquer tipo de programa. Basta clicar no link sugerido. <https://www.flippity.net/bg.php?k=1ARBy97ptlhXxHI0k4rS9ZeU-r-klr2EMs7TX5Wngps>

6.1.12 Estratégias de enfrentamento do *bullying*

Dentre as estratégias de enfrentamento do *bullying*, citamos: a denúncia, no sentido de informar um adulto de confiança sobre a situação de *bullying* e pedir ajuda para resolvê-la; a empatia, ou seja, mostrar apoio às vítimas, oferecendo suporte emocional e promovendo a inclusão; a intervenção, isto é, intervir de forma segura ao presenciar uma situação de *bullying*, defendendo a vítima.

Para combater eficazmente o *bullying* é necessário adotar uma abordagem multifacetada que envolva os educadores, os pais, os alunos e a comunidade em geral. Aqui estão algumas estratégias de enfrentamento ao *bullying*:

a) conscientização e educação

Implica, de um lado, campanhas de conscientização, ou seja, a promoção de campanhas na escola e na comunidade para aumentar a conscientização sobre o bullying, seus efeitos e como combatê-lo.

Por outro lado, também deve incluir palestras e workshops, a saber, realizar palestras e workshops educativos para alunos, professores e pais, abordando o tema do bullying, suas causas e consequências.

b) políticas e regulamentos:

É preciso estabelecer políticas *antibullying*, ou políticas claras contra o bullying na escola, com consequências definidas para os agressores. Ademais, desenvolver protocolos de intervenção eficazes para tratar de incidentes de *bullying* assim que forem relatados.

c) apoio às vítimas:

É necessário criar canais de denúncia seguros e confidenciais para que as vítimas possam relatar casos de bullying. Também, promover o aconselhamento e apoio psicológico, ou seja, oferecer orientação e apoio emocional às vítimas para ajudá-las a lidar com o trauma e desenvolver estratégias de enfrentamento.

d) promoção da empatia:

Implementar programas que ensinem empatia, respeito e tolerância desde cedo, para promover relacionamentos saudáveis entre os alunos. Mais ainda, realizar atividades de conscientização que incentivem os alunos a entender e valorizar as diferenças individuais.

e) envolvimento dos pais:

Estabelecer canais de comunicação aberta entre pais, professores e a escola para que os pais possam relatar preocupações e trabalhar em conjunto.

Também, oferecer recursos e orientações aos pais para ajudá-los a reconhecer sinais de bullying e a apoiar seus filhos, chamado de educação parental.

f) ação disciplinar:

Quanto às consequências claras, garantir que os agressores enfrentem consequências apropriadas por seu comportamento, que podem incluir ações disciplinares e educativas.

No que se refere à reabilitação, é preciso, em alguns casos, oferecer a oportunidade de reabilitação e educação para os agressores, visando à mudança de comportamento.

f) monitoramento e avaliação:

Primeiramente, aplicar uma avaliação contínua, ou seja, avaliar regularmente a eficácia das estratégias de combate ao *bullying* e fazer ajustes conforme necessário. Em seguida, o *feedback* dos alunos, implica incluir a perspectiva dos alunos na avaliação, ouvindo suas preocupações e sugestões.

g) intervenção de *bystanders*:

Capacitar espectadores, isto é, ensinar as testemunhas a intervirem de forma segura e eficaz quando presenciarem casos de *bullying*.

O combate ao *bullying* é uma responsabilidade compartilhada e contínua que requer esforços coordenados de toda a comunidade escolar e da sociedade em geral. Através dessas estratégias, é possível criar um ambiente escolar seguro, inclusivo e respeitoso, onde todos os alunos possam aprender e prosperar.

6.1.13 Estratégias de prevenção do *bullying*

Quanto à comunidade escolar, ela precisa construir uma cultura de respeito e aceitação por meio da educação e conscientização sobre o *bullying*;

No que se refere à educação emocional, basta desenvolver habilidades socioemocionais nos estudantes para ajudá-los a enfrentar conflitos e construir relacionamentos saudáveis.

No que concerne às campanhas de conscientização, é preciso criar campanhas educativas para conscientizar a comunidade escolar sobre o impacto do *bullying* e formas de prevenção.

A prevenção do *bullying* escolar é fundamental para criar um ambiente educacional seguro, saudável e inclusivo. Ao adotar estratégias eficazes de prevenção, escolas podem reduzir o risco de incidentes de *bullying* e promover relacionamentos positivos entre os alunos.

Aqui estão algumas estratégias importantes para prevenir o bullying escolar:

a) conscientização e educação:

Promover campanhas regulares de conscientização sobre o *bullying*, seus impactos negativos e como relatá-lo. Também, incentivar a educação preventiva, ou seja, integrar programas de educação preventiva ao currículo, abordando temas como empatia, respeito, diversidade e resolução de conflitos.

b) políticas antibullying:

Quanto ao desenvolvimento de políticas, criar políticas escolares claras e abrangentes que proíbam o bullying e estabeleçam diretrizes para a sua prevenção e intervenção.

No que diz respeito à divulgação das políticas, certificar-se de que todas as partes interessadas, incluindo alunos, pais e funcionários, estejam cientes das políticas antibullying da escola.

c) criação de ambiente inclusivo:

Promover a inclusão, ou seja, fomentar um ambiente escolar que celebre a diversidade e promova a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas diferenças.

Também, implementar programas de mentoria entre alunos mais velhos e mais novos para promover relacionamentos positivos.

d) monitoramento e intervenção:

Estabelecer canais de denúncia seguros, confiáveis e acessíveis para que os alunos possam relatar incidentes de *bullying* de forma segura.

Incentivar a intervenção rápida, isto é, garantir que os casos de *bullying* sejam investigados e tratados prontamente, com consequências claras para os agressores.

e) envolver os pais:

É basilar manter uma comunicação aberta e colaborativa com os pais, compartilhando informações sobre políticas e programas de prevenção.

Ademais, realize noites de pais, quer dizer, noites regulares de pais para discutir questões de *bullying*, prevenção e resolução de conflitos.

f) treinamento de educadores:

Oferecer treinamento regular em prevenção para educadores sobre como identificar sinais de *bullying*, intervenção adequada e promoção de um ambiente positivo.

Quanto à mediação de conflitos, capacitar educadores para mediar conflitos entre alunos de forma eficaz.

g) apoio às vítimas e agressores:

Incentivar o apoio psicológico, em outras palavras, disponibilizar apoio emocional e aconselhamento para as vítimas de *bullying*, bem como oportunidades para a reabilitação dos agressores.

Implementar programas que ensinem habilidades de resolução de conflitos aos alunos, para que possam lidar com desentendimentos de maneira construtiva.

h) avaliação e melhoria contínua:

Quanto à avaliação de políticas e programas, avaliar regularmente a eficácia das políticas e programas de prevenção e fazer ajustes conforme necessário.

No que se refere ao feedback dos alunos, ouvir atentamente as preocupações e sugestões dos alunos para melhorar as estratégias de prevenção.

A prevenção do bullying é um esforço coletivo que requer a colaboração de alunos, pais, educadores e administradores escolares. Ao adotar essas estratégias de prevenção e criar um ambiente escolar seguro e acolhedor, é possível reduzir significativamente a ocorrência do *bullying* e promover uma cultura de respeito e empatia dentro da escola.

6.1.14 A importância da conscientização e educação sobre o *bullying*

- a) conhecer o *bullying*: entender os diferentes tipos de *bullying* e suas características é fundamental para identificar e combater essa prática;
- b) empoderar as vítimas: oferecer suporte e encorajamento para que as vítimas se sintam seguras ao denunciar o *bullying* e buscar ajuda;
- c) mudança cultural: promover uma mudança cultural em relação ao *bullying*, fortalecendo a cultura do respeito e da aceitação mútua.
- d) parceria família-escola: envolver os pais no processo de combate ao *bullying*, estabelecendo uma parceria para criar um ambiente escolar seguro.

6.1.15 Medidas que a escola pode tomar para promover um ambiente seguro

A escola desempenha um papel fundamental na prevenção do *bullying*. Algumas medidas eficazes incluem: implementar políticas de tolerância zero, capacitar a equipe escolar para lidar com o *bullying*, promover a inclusão e o respeito mútuo, e criar um sistema de apoio para as vítimas.

6.1.16 Recursos e suporte disponíveis para vítimas de *bullying*

Ninguém deve enfrentar o *bullying* sozinho. Há diversos recursos e formas de suporte disponíveis para ajudar as vítimas a lidar com essa situação, como grupos de

apoio, terapia, e linhas diretas de denúncia. Nossa equipe está pronta para oferecer ajuda e orientação durante todo o processo.

6.1.17 Considerações finais

Ao final da leitura do *e-book*, esperamos que você tenha desenvolvido a percepção de que o *bullying* é um fenômeno complexo e que requer um olhar cuidados para que seja garantida sua identificação.

Infelizmente, os *bullers* estarão sempre um passo à frente dos educadores. Por isso, devemos estar atentos e exigir que nossas instituições tenham um protocolo de ação quando houver a manifestação do fenômeno.

Por fim, não temos como objetivo encerrar a discussão sobre o tema, visto que é extremamente carregado de detalhes. O objetivo é, pelo contrário, trazer o tema para uma pequena discussão e estimular o desafio de combater o *bullying* no cotidiano da escola. As instituições escolares só se tornarão ambientes saudáveis se houver uma discussão aberta e contínua sobre essa temática.

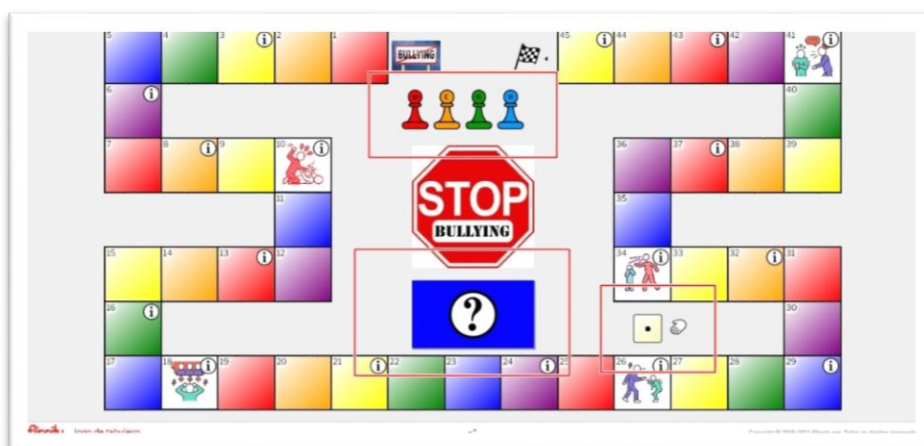
6.2 O jogo digital (jogo de tabuleiro)

Juntamente com o *e-book* informativo, houve a proposta de criar um jogo eletrônico simples para sistematizar situações cotidianas de *bullying* e, de forma diversa, lúdica e criativa, criar um ambiente seguro para que o docente, em conjunto com os alunos, pudesse refletir sobre as situações de violência.

Com auxílio do aplicativo *Flippity*², unimos as situações de *bullying* já relatadas informalmente por alunos aos pais ou aos professores, e desenvolvemos um jogo de tabuleiro, concebido para ser jogado com a mediação do professor (Figura 1).

² O *Flippity* (2013-2022) transforma planilhas do Google em vários tipos de jogos on-line. Ele está disponível em: www.flippity.net.

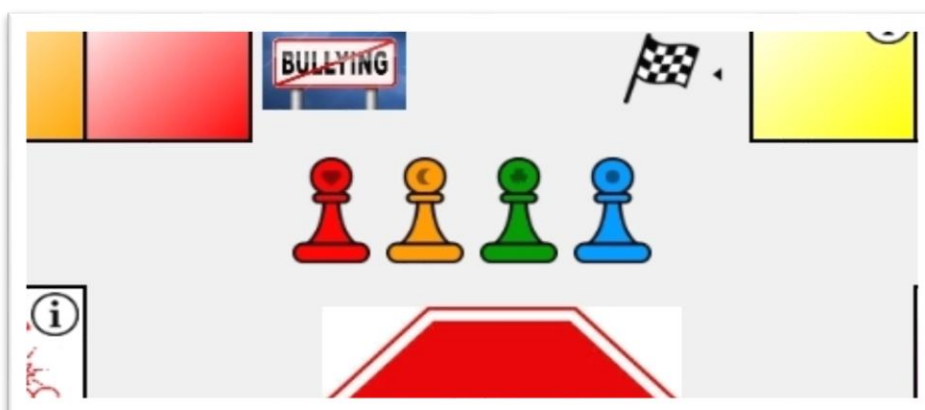
Figura 1 – O jogo de tabuleiro com destaques



Fonte: Elaborado pela autora.

Com o auxílio de um *notebook* ou aparelho equivalente, o professor acessa o site no qual está hospedado o jogo eletrônico *Stop Bullying* (2020-2021)³. Com auxílio de um *datashow*, televisor ou outro aparelho que cumpra essa função, ele organiza a sala em quatro grupos, um grupo para cada cor dos peões, e inicia o caminho ao jogar os dados, responder as perguntas e cumprir as comandas (Figura 2).

Figura 2 – Os peões

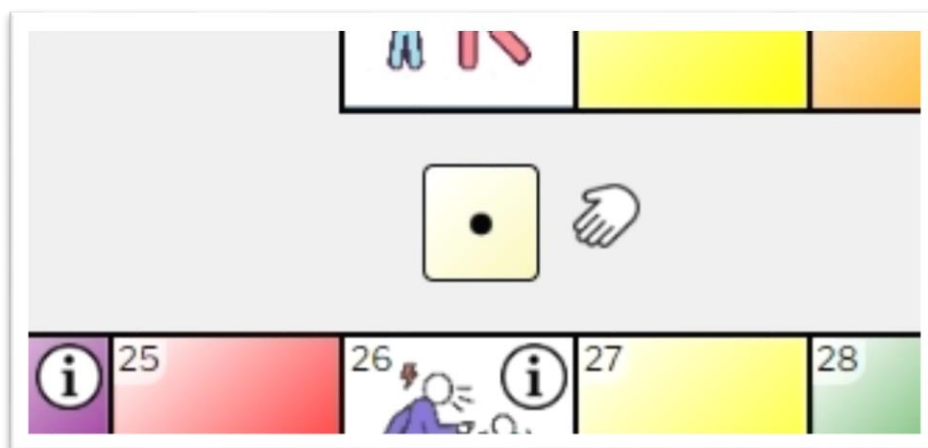


³ O *Stop Bullying* pode ser acessado no link que se segue:
<https://www.flippity.net/bq.php?k=1O1QGFVGYu-Po-BsoZPCvNyGs24oqPHt9Zd5TdbrjfGE>.

Fonte: Elaborado pela autora.

O professor é quem movimenta os peões, relacionados com a cor e os grupos de alunos. É primordial que o educador mantenha a sala atenta e participando do processo (Figura 3).

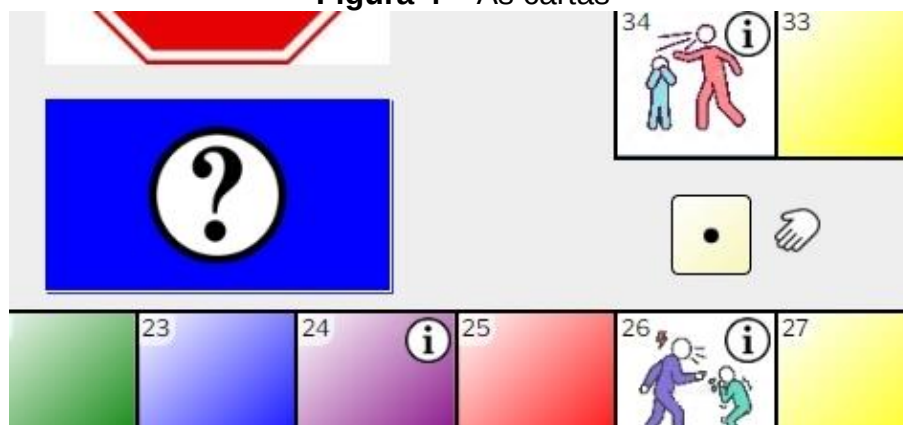
Figura 3 – O dado



Fonte: Elaborado pela autora.

Para lançar o dado, o aplicativo exibe o ícone que ilustra a mão (Figura 3). Obedecendo o número que o dado indicar, o peão avança as casas do percurso (Figura 4).

Figura 4 – As cartas

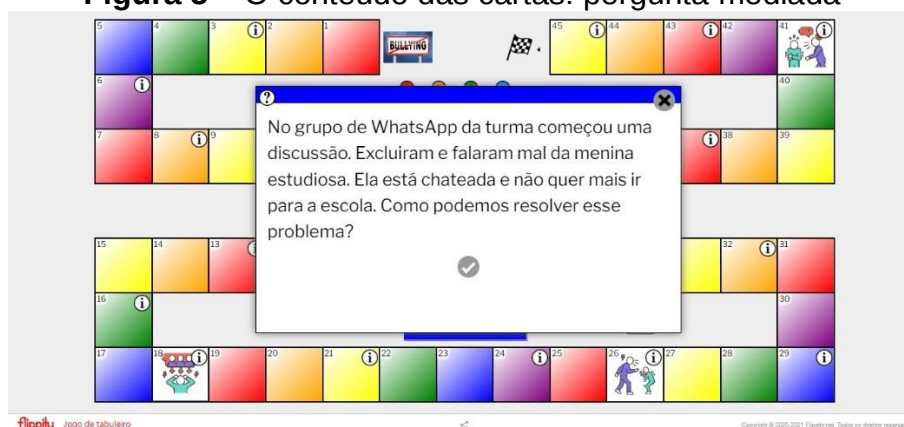


Fonte: Elaborado pela autora.

Durante o percurso, surgirão comandas, todas relacionadas com as situações reais de *bullying*. A comanda “pegue uma carta” exhibe uma situação cuja resposta, adequada ou inadequada no tocante aos princípios de paz e fraternidade, vai demandar se o peão avançará ou retrocederá no percurso do tabuleiro.

As cartas poderão trazer perguntas mediadas, ou seja, perguntas nas quais o professor pode criar debates pedagogicamente adequados para discutir qual seria, à luz da cultura de tolerância, a ação mais recomendada para o problema referido (Figura 5).

Figura 5 – O conteúdo das cartas: pergunta mediada



Fonte: Elaborado pela autora.

Durante o percurso, em determinadas casas, o jogo apresentará situações de violência já contendo o desdobramento (Figura 6). Para os desdobramentos positivos, o peão avançará casas, mas, para os desdobramentos negativos, o peão retrocederá.

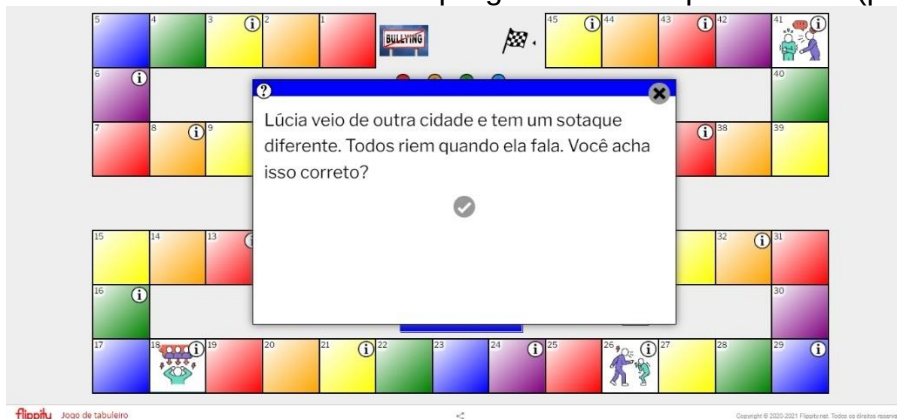
Figura 6 – Situações problema com decisões inadequadas



Fonte: Elaborado pela autora.

As cartas também exibirão questões de múltipla escolha como a escolha do grupo for correta, tendo em vista os princípios da convivência fraterna (Figura 7).

Figura 7 – O conteúdo das cartas: pergunta de múltipla escolha (parte 1)



Fonte: Elaborado pela autora.

Para as decisões do grupo que não estejam adequadas, o peão deve retroceder algumas casas (Figura 8).

Figura 8 – O conteúdo das cartas: pergunta de múltipla escolha (parte 2)



Fonte: Elaborado pela autora.

6.3 Relatos dos professores e sugestões de intervenção

A escrita do *e-book* teve como base um compilado de diversas opiniões obtidas durante a pesquisa via questionário semiestruturado, sobretudo nas questões abertas,

espaço no qual as docentes participantes da pesquisa colaboraram ricamente para a maior robustez dessa pesquisa e do próprio produto final.

O posicionamento dos temas foi feito com base na própria ordem na qual os temas surgem no segundo capítulo, “Fundamentação Teórica”. O conteúdo da explicação dos verbetes também respeitou o rigor da pesquisa que foi executada para a composição desse texto.

As atividades foram resultado da escuta atenta daquilo que as colegas docentes relatavam e dos registros em diário de campo. Durante as conversas com as professoras, houve relatos sobre qual dinâmica tinha sido executada por elas e quais foram esses os resultados, segundo suas óticas.

Os alunos, público-alvo do produto educacional elaborado, participaram das atividades propostas que foram aplicadas pelas professoras em sala de aula e durante as aulas no laboratório de informática. Eles colaboraram com sugestões que foram inclusas na fase de reformulação e adequação do produto. As três atividades propostas no livro e o jogo digital foram, conforme os relatos das suas professoras, aprovados por eles – antes da edição do livro, todas as atividades já haviam sido aplicadas pelas nove professoras em suas salas de aula.

Durante a aplicação das dinâmicas e concomitante à aplicação do jogo digital, privilegiamos a escuta dos alunos para que eles servissem de avaliadores do material.

Algumas ponderações dos alunos foram colhidas, conforme os relatos das professoras, registrados em diário de campo, dentre os quais:

- a) Aluno 1: “Sora, o que é “bully”? (...) é quando alguém bate na gente porque a gente veio de roupa nova na escola?”;
- b) Aluno 2: “Meu pai disse que “preto não tem vez na vida” (...) será que eu vou conseguir emprego?”;
- c) Aluno 3: “Essa cor está ruim, professora – não estamos conseguindo enxergar direito”;
- d) Aluno 4: “Fala devagar, professora”;
- e) Aluno 5: “Esse joguinho roda no celular? Tem que instalar aplicativo?”;

f) Aluno 6: “Tem gente que faiz isso todo dia aqui na escola! Pensa que pode ficar zoando todo mundo!”;

g) Aluno 7: “Tem pouca carta, né! Acaba muito rápido!”;

h) Aluno 8: “Eu gostei de brincar nesse jogo! É bom pra saber o que não pode fazer pras pessoas!”.

Essas afirmações foram relatadas pelas professoras que aplicaram o produto junto aos seus alunos. Cada uma delas adotou uma abordagem frente ao material que, enquanto pesquisadora, apresentamos.

A Professora 1 fez a leitura compartilhada do *e-book*, projetando as imagens para sua turma. Ela explicou o assunto de forma a facilitar a sensibilização. Em seguida, propôs uma conversa sobre o tema e colheu relatos de alunos que fizeram reclamações sobre o comportamento de determinados colegas de classe bem como de outra turma, durante o intervalo na escola. No momento em que os alunos jogavam, ela realizou intervenções, direcionando a reflexão para as tomadas de decisões que pudessem ser consideradas adequadas diante de cada situação que surgia no jogo. No final da aula, solicitou para que cada aluno escrevessem um comentário sobre o jogo em uma folha avulsa, sendo que, em seguida, teríamos acesso aos materiais, visando a análise.

A Professora 2, por seu lado, reuniu a turma em um local aberto no pátio da escola e propôs uma conversa informal sobre o tema. Em seguida, fez a leitura do *e-book* e teceu considerações sobre o assunto. Também realizou uma das dinâmicas propostas e, no dia seguinte, levou os alunos para a sala de informática para poderem jogar. Pior fim, ela pediu que eles escrevessem um texto a fim de relatarem o que tinham aprendido naquela aula.

As Professoras 3, 4 e 5 relataram que compartilharam o assunto com os alunos através da leitura do *e-book*, promovendo uma roda de conversa. Disseram que o assunto causou agitação nos alunos, a ponto de acusarem uns aos outros. A Professora 4 teve dificuldade na abordagem do tema a sua rotina semanal, já programada, e disse que retomaria o assunto em outra oportunidade. As professoras 3 e 5 relataram que os alunos compreenderam o tema e gostaram das atividades

propostas. Na turma da Professora 5, houve comentários sobre outras situações que aconteciam na escola e não faziam parte do jogo. Um dos alunos comentou: “podia ter aqui também quando a pessoa fica o tempo inteiro dando risada e cochichando da gente, né prô!”.

A Professora 6 comunicou que projetou o *e-book* para leitura coletiva e completou a aula com a música “Amigo, sim! Bullying, não!” (d’Santana, 2016). No outro dia, ela passou um filme para a classe, e durante a aula de informática, jogaram individualmente.

A Professora 7, por sua vez, relatou que utilizou o material, disse que os alunos gostaram, e percebeu certa harmonia na turma após abordar o tema em sala de aula. No entanto, não relatou detalhadamente como utilizou o produto que disponibilizamos.

As Professoras 8 e 9 relataram que seus alunos já tinham conhecimento do tema, pois, elas sempre leem histórias em sala de aula para promover a empatia entre as crianças. Afirmaram que, durante o jogo na sala de informática, alguns alunos sugeriram novas situações e que as reflexões surgidas após o jogo foram produtivas para as turmas.

Diante da análise dos relatos das professoras, o produto educacional foi reformulado para atender as situações sugeridas por seus alunos. Entretanto, após a reformulação, apenas quatro professoras reaplicaram o jogo em suas turmas, sendo que estas perceberam as alterações realizadas e teceram comentários positivos.

Quanto ao restante dos relatos dos alunos, encontramos:

- a) Aluno 11: “Agora sim, né! Ficou bem melhor! Tem tudo que acontece na escola!”;
- b) Aluno 12: “Quem sabe depois de hoje o fulano para de perturbar”;
- c) Aluno 13: “Eu achei que tava bom, mas agora eu gostei mais porque tem mais coisa!”;
- d) Aluno 14: “Dá pra jogar em casa?”;
- e) Aluno 15: “Ninguém merece, né” (diante da situação de exclusão apresentada no jogo em sua vez de analisar e responder).

Diante dos relatos das professoras, percebemos que o produto educacional pensado para promover a reflexão e a conscientização dos alunos sobre o tema *bullying* veio ao encontro da pergunta norteadora como uma maneira de auxiliar os professores em suas práticas preventivas.

Por fim, de posse de todas essas informações, o produto final foi construído e publicado, conforme disponível no Anexo B.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho de pesquisa, buscamos, inicialmente, a compreensão da percepção dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental em relação ao fenômeno *bullying*, além de, identificar as práticas pedagógicas preventivas por eles adotadas capazes de estimular reflexões que impactem em mudança de comportamento mediante o processo de conscientização dos educandos sobre o tema.

Considerando-se a realidade dos participantes da pesquisa, foi possível verificar conforme o relato das professoras e comentários dos alunos durante as atividades realizadas e ao responder as questões da ficha avaliativa, que, a reflexão proposta sobre o tema trouxe mudanças positivas de atitude frente a resolução de conflitos entre os pares evitando-se a ocorrência de possível situação de *bullying*.

Em relação aos objetivos específicos deste estudo que foram: (1) compreender o *bullying* e suas especificidades frente aos demais conflitos à luz do referencial teórico; (2) analisar as relações sociais na escola para propor e avaliar uma forma de intervenção assertiva; (3) produzir um *e-book* informativo, destinado ao público docente, com enfoque na prevenção e combate ao *bullying* no ambiente escolar que auxilie no trabalho de conscientização dos alunos e promova reflexões a partir de um jogo digital destinado especificamente ao público discente, concluímos que os objetivos foram atingidos, no entanto, é preciso a evolução das ações e o estudo constante sobre o tema e relações que o permeiam para que efetivamente possam surgir ações nas escolas envolvendo políticas públicas que promovam a melhoria da qualidade da formação docente e a implementação de programas de combate ao *bullying* no ambiente escolar.

Um professor, com vários anos de uma brilhante carreira, certa vez me disse: “não tenha ilusões, só quem se preocupa com a qualidade da educação e com o que

acontece dentro das salas de aula somos nós, os professores; alunos e pais de alunos têm uma preocupação com data marcada; os políticos têm uma preocupação que só surge a cada período eleitoral; somos nós que respiramos educação por toda a vida”. Quando me pus a pesquisar, ler e refletir sobre os problemas da Educação, sobretudo sobre o fenômeno *bullying*, deparei-me com a crueza das palavras desse meu colega sábio: se não formos nós, educadores, para nos empenharmos na busca de soluções para a educação, outro grupo social não o fará.

A grande mídia cumpre seu papel de trazer a violência escolar para o centro do debate, mas somente quando ocorre uma nova tragédia e alguma escola vai parar nas páginas policiais das grandes empresas de comunicação. Por outro lado, ações positivas e projetos exitosos de estímulo à convivência pacífica dentro do contexto escolar raramente ganham a notoriedade e a divulgação que deveriam ter.

No entanto, quando falamos de produção de livros, artigos, pesquisas e periódicos sobre o tema *bullying*, dentro da comunidade docente, surge um alento: existe um movimento considerável para o combate ao *bullying* e a produção acadêmica tem refletido essa tendência. Há centenas de artigos e trabalhos acadêmicos que refletem, das mais diversas formas, o volume daquilo que se produz acerca do *bullying*.

O combate ao *bullying* e a definição de protocolos eficazes para esse fim é um processo eterno de criação e de renovação – assim como a sociedade é viva, mutável e, de certo modo, caótica, as estratégias docentes devem ser plásticas e renováveis para poder, constantemente, proteger os alunos e toda a comunidade escolar dos males que vêm como consequência. O professor, com efeito, tem uma visão privilegiada para identificar e agir pedagogicamente diante do fenômeno, no entanto, como a pesquisa revelou, poucas abordagens acerca do tema são feitas durante a licenciatura e no período da formação continuada para os profissionais em serviço.

Refletimos sobre as condições sociais brasileiras que servem de estímulo para a violência, afirmando que há um processo endêmico de violência no Brasil. Prova disso é o volume de casos de agressão registrados nas escolas, sendo que a grande maioria sequer recebe os holofotes midiáticos.

Com efeito, colhemos agora a negligência que, por séculos, a instituição escola perpetrou: antes da discussão acerca do *bullying* ganhar importância, a mentalidade dominante era de que o indivíduo em processo de crescimento e formação se fortalecia quando exposto a uma agressão. No entanto, sabemos que o resultado é

exatamente o contrário, já que os traumas adquiridos na fase de amadurecimento cognitivo são nocivos e têm desdobramentos por toda a vida do indivíduo.

As vitórias alcançadas nas últimas décadas a respeito da inclusão, isto é, o aumento das matrículas escolares entre grupos sociais que historicamente eram excluídos da convivência escolar, guardam um pormenor desagradável: quanto maior a heterogeneidade do alunado, maiores serão os casos de *bullying*, na ocasião dos gestores e da equipe escolar não apresentarem os protocolos de modo claro e prático perante uma agressão, quando identificada. Não são raros os registros de violência sistemática em comunidades escolares que recebem imigrantes ou que contém alunos em situação de deficiência.

Diferente do que ocorria há décadas, temos, atualmente, uma legislação *antibullying*, que é referência mundial. As instituições de ensino são obrigadas a conceber projetos educacionais que tenham o objetivo de combater o comportamento *bulinizador*. Porém, conforme já foi dito, havia uma tradição de negligência por parte das escolas e, como consequência, vivemos por muito tempo uma cultura de violência, assédio e agressão. Por conseguinte, por uma questão cultural, ainda temos, enquanto sociedade, boas décadas pela frente para trocarmos a cultura da violência por uma cultura de inclusão e respeito.

Não pretendemos, reconhecendo os limites do presente trabalho, esgotar o assunto, pois a temática *bullying* vai além da sala de aula. Muito precisa ser feito, e, por isso, diversas pesquisas devem ser estimuladas pelas universidades a fim de dar maior suporte para o professor em sala de aula. Assim, criaremos uma tradição de valorização do comportamento fraterno e o desestímulo ao ódio.

Por fim, conforme propõe Fante (2015), há muito o que fazer, pois ainda temos que envolver todos os aparelhos públicos e toda a população das cidades em um único objetivo, visto que a nocividade do *bullying* afeta toda a comunidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALMEIDA, A. A vitimização entre pares em contexto escolar. In: MACHADO, C.;

GONÇALVES, R. A. (Coord.). **Violência e vítimas de crimes**: crianças. v. 2. 3. ed. Coimbra: Quarteto, 2008.

AMORIM, C. **O lugar da subjetividade nas teorizações curriculares**. Trabalho apresentado à disciplina Planejamento e Gestão do Projeto Pedagógico do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba (não publicado), 2011.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie a educação. **Psicologia & Sociedade**, São Carlos, n. 20, v. 1, 2008, p. 33-42.

ASSIS, S. G.; MARRIEL, N. S. M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, S. G. (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, p. 41-64, 2010.

AVILÉS, J. M. M.; ALONSO, N. **El bullying**: laintimidación y el maltrato entre iguales. Morena: JMAM Ediciones, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDO, André. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. **BBC Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Poder Legislativo, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Lei n.º 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 16 maio 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6339>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**: Ensino Médio. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4e_d.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 mar. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.663 – Altera o art. 12 da Lei nº 9.394**. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm. Acesso em 23 março 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 23 março 2020.

CALBO, A. S. *et. al.* **Bullying** na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, n. 2, p. 73-80, julho-dezembro 2009.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying**: o que você precisa saber – identificação, prevenção e repressão. 3 ed. Niterói, RJ: Impetus, 2011.

CANTINI, Nilza. **Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, 2004. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%2013.pdf>. Acesso em: 05 maio 2022.

CARPENTER, Débora E.; FERGUSON, Christopher. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterfly Editora, 2011.

CARVALHO, Patrícia P. **Bullying e subjetividade**: estudo preliminar sobre o fenômeno *bullying* em escola pública de Uberaba-MG. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade de Uberaba, Uberaba, MG, 2005. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/599.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CHIQUETO, Márcia Rosane; ARALDI, Juciane. **Música na Educação Básica**: uma experiência com sons alternativos. PNDE, 2008/2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2269-8.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

COSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?**: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 11, p. 1163-1178, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0>. Acesso em: 06 jun. 2022.

DEBARBIEUX, Éric. A Violência na Escola Francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hvTPxbVrdZxqksQBvsbXN5h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2023.

DELGADO, Marceli M. dos S. **Escola território e violência**: reflexos no campo escolar. 2014. Dissertação (Mestre em Políticas Públicas) – Departamento de Ciência Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá 2014. Disponível em:

<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/3132/1/000222269.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

DELGADO, Marcell M. dos S. Escola território e violência: reflexos no campo escolar. 2014. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Maringá, Maringá, 2014. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/3132/1/000222269.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.

DEMO, Pedro. **Sociologia**: uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

D'SANTANA, Carlos. **Vida sim, Bullying não, com os alunos do Colégio Santa Amália de São Paulo**, 26 dez. 2016. 1 vídeo (5:22 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b9pEWJgPvoM>. Acesso em: 02 jan. 2021.

FANTÁSTICO. **Em nova carta, atirador tenta usar bullying para justificar crime**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2011. Disponível em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1658408-15605,00-EM+NOVA+CARTA+ATIRADOR+TENTA+USAR+BULLYING+PARA+JUSTIFICAR+MASSACRE.html>. Acesso em: 7 abr. 2019.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: RS, Artmed, 2008.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Versus, 2005.

FERREIRA, Jocilaine Fernanda et. al. *Bullying* na percepção dos professores. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 7, n. 14, p. 368-387, 2012. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/330>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FIGUEIRA, Marcelle de Paula et. al. Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de *bullying* em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/pQJv7t5QxfJK6bNtFWp3wj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2022.

FLIPPITY. Google, 2013-2023. Disponível em: www.flippity.net. Acesso em: 15 jan. 2023.

FLIPSNACK. 2023. Disponível em: <https://www.flipsnack.com/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Eveline R. A. G. de. **Violência escolar e formação de professores**: estratégias de enfrentamento na dimensão educacional. 2021. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em: http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/4086/3/DISSERTACAO_EvelineRodriguesAraujoGuedesdeFreitas_26.10.2021_ultimo.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

FUJITA, Jorge S.; RUFFA, Vanessa. *Cyberbullying*: família, escola e tecnologia como stakeholders. **Estudos Avançados**, v. 33, n. 97, p. 401-412, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3397.022>. Acesso em: 11 maio 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.,

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2002.

GOMES, C. A.; PEREIRA, M. M. A formação do professor em face das violências das/nas escolas. **Cadernos de Pesquisa**, Brasília, DF, v. 39, n. 136, p. 201-224, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/xjxQRc8QySKm7pmHfJ95sjq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2022.

GONÇALVES, Catarina C. **Concepção e julgamento moral de docentes sobre bullying na escola**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4658?locale=pt_BR. Acesso em: 11 maio 2022.

GONSALVES, Elisa P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) **Bullying**: mais sério do que se imagina. 2. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar**: conflito e ambiguidade. Campinas: Autores Associados, 1996a.

GUIMARÃES, Walter Soares. **Formação de professores**: saberes, identidade e profissão. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

JORGE, Samia D. C. **O bullying sob o olhar dos educadores**: um estudo em escolas da rede privada de Natal/RN. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/17437/1/SamiaDCJ.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria C. O sujeito coletivo que fala. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 517-524, jul/dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/QQw8VZh7pYTWz9dGyKvpx4h/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2022.

LIMA, Carla M. Saad. **Enfrentando e prevenindo a violência escolar**: desenvolvimento e avaliação de uma intervenção com professores. 2017. Dissertação (Mestrado em educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/59466/R%20-%20D%20-%20CARLA%20MARIANA%20SAAD%20DE%20LIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 fev. 2022.

LINS, R. C. B. S. **Bullying**: que fenômeno é esse? **Revista Pedag.**, vol. Inaugural, 2010.

LISBOA, C. L. L. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, n. 2, v. 1, p. 59-71, jan./jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100007. Acesso em: 05 set. 2022.

LOPES NETO, Aramis. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, n. 81, p. 164-172, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/qvDCjhqgsGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LOPES NETO, Aramis A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

MACIEL, R. H. *et. al.* Autorrelato de situações constrangedoras no trabalho e assédio moral nos bancários: uma fotografia. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 117-128, 2007. Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2022.

MARCONI, Mariana de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Mariana de A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MELLO, Flavia C. M. de. **Representações sociais de professores sobre o bullying e seu enfrentamento no contexto da prática docente**. 2018. Tese (Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-04072018-160821/publico/FLAVIACARVALHOMALTADEMELLO.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: em pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, p. 61-77, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de S. *et al.* (Org.). **Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

MUNARIN, José Carlos. **The school as space of coexistence: the prevention and the reduction of school bullying**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2007.

NASCIMENTO, Talita M. C. **O bullying na escola: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/14047/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Talita%20Maria%20Cesar%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

NUNES, M. F.; HERMANN, T. B.; AMORIM, C. **Bullying em escolas particulares de Curitiba. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – Educere**, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, p. 11931-11940, out. 2008.

OLIBONI, Samara P. **O bullying como violência velada: a percepção e a ação dos professores**. 2008. Tese (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2259/Samara%20Pereira%20Oliboni.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 ago. 2022.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**, v. XII, n. 4, p. 495-510, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23420286>. Acesso em: 22 ago. 2022.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: What we know now and what we can do. Oxford: Blackwell Publishing, 1988.

PERDONCINI, C. et. al. **Bullying**: uma análise comparativa da incidência entre alunos da quinta à oitava série. **Anais do VI Seminário de Indisciplina na Educação Contemporânea**: indisciplina, rebeldia e reinvenção da escola, Curitiba, p. 46-62, dez. 2010.

PEREIRA, Lilian R. M. **Os conflitos em ambientes escolares**: um olhar além da superfície. 2019. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181616/pereira_lrm_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 10 maio 2022.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. Funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 13-25, 1998.

QUINTANILHA, Clarissa M. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying**. 2011. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2011. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/cmq.2.2011.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

REISEN, Andressa; SANTOS-NETO, Edson Theodoro dos. Bullying e saúde pública. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 20, n. 4, p. 4-6, 2018.

RIBEIRO, Maria C. **O desenvolvimento cognitivo e moral dos autores de Bullying**: implicações para a aprendizagem escolar. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Ribeiro_MariaCarolina_D%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Ribeiro_MariaCarolina_D%20(7).pdf). Acesso em: 15 ago. 2022.

RISTUM, Marilena. **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11857/1/Marilene%20Ristum.pdf>. Acesso em: 16 out. 2022.

ROCHA, Rachel G. **Bullying no contexto escolar**: intervenção desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Viriato Corrêa no município do Rio Grande – RS. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-

Graduação em Educação, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2020.

Disponível em:

<https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/5290/1/RachelGoncalvesRocha2020.pdf>. Acesso em: 16 out. 2022.

RUDIO, Franz V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS FILHO, José C. **A escola como espaço de convivência: a prevenção e a redução do bulismo escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2007. Disponível em:

http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/bitstream/tede/907/1/DISSERTACAO_Munarin_revisao_Jak.pdf. Acesso em: 16 out. 2022.

SARZI, Luana Z. **Práticas de bullying escolar e a inclusão educacional: a formação e professores nesse contexto**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7144/SARZI%2C%20LUANA%20ZIMMER.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 out. 2022.

SEVERO, C. L. L. *Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos clínicos**, Canoas, RS, n. 2, v. 2, p. 73-80, jul./dez. 2009. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200001. Acesso em: 16 out. 2022.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Elisângela N.; ROSA, Ester C. S. Professores sabem o que é *bullying*? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 2, p. 329-338, jul./dez. 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/rCfxqt8FSpvfw8WYmV8sWmg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2022.

SILVA, Geane. J. *Bullying*: quando a escola não é um paraíso. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, n. 364, 2006.

SILVA, Hermínia H.; CASTRO, Leonardo V. Formação docente e violência na escola. **Psic. da Educação**, São Paulo, n. 26, p. 47-66, 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n26/v26a04.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SILVA, Pedro Fernando da. *et al.* Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do *bullying*. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 44-56, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420150129>. Acesso em: 11 maio 2022.

STOP BULLYING. Flippity, 2020-2021. Disponível em:

<https://www.flippity.net/bq.php?k=1O1QGFVGyU-Po-BsoZPCvNyGs24ogPHt9Zd5TdbrijfGE>. Acesso em: 20 dez. 2022.

TAMAR, F. Maltrato entre escolares (*bullying*): estratégias de manejo que implementan los profesores al interior del Establecimiento escolar. **Psykhé**, Santiago, v. 14, n. 1, p. 211-225, mayo 2005. Disponível em:

https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22282005000100016. Acesso em: 15 nov. 2022.

TEDESCO, Juan C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2004.

TEDESCO, Juan C. Escola e sociedade no século XXII. In: JARAUTA, Beatriz; IMBERNÓN, Francisco (Org.) **Pensando no futuro da educação**: uma nova escola para o século XXII. Porto Alegre: Penso, p. 25-37, 2015.

TOGNETTA, Luciene R. P. **Bullying: quem tem medo?** – uma proposta de implantação de um programa em que a convivência entre as crianças na escola seja um valor. 1. ed. Americana: Adonis, 2015.

TOGNETTA, Luciene R. P.; AVILES, J.M; PETRA, R. O respeito à autoridade na escola. In: TOGNETTA, Luciene R. P.; MARTINEZ, José M. A.; DAUD, Rafael P. **Respeito é bom e eu gosto!** O valor do respeito. Americana, SP: Adonis. 2017.

TOGNETTA, Luciene R. P. et. al. Validação de instrumento sobre engajamento e desengajamento moral de docentes diante do *bullying* na escola. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 292-319, jan./mar. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14477>. Acesso em: 15 nov. 2022.

TOGNETTA, Luciene R. P.; VINHA, Telma P. **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

TORO, Giovana V. R.; NEVES, Anamaria S.; REZENDE, Paula C. M. *Bullying*, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: Teoria e Prática**, Brasília, DF, v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011. Acesso em: 15 nov. 2022.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. – Brasília: UNESCO, 2019. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>, Acesso em: 22 out. 2022.

UNICEF. **Cyberbullying**: O que é e como pará-lo. 10 coisas que os adolescentes querem saber sobre *cyberbullying*. Brasília, DF: UNICEF, s/d. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-eh-e-como-para-lo>. Acesso em: 12 maio 2022.

VENTURA, Alexandre; VICO, Beatriz P.; VENTURA, Rosângela. *Bullying* e formação de professores: contributos para um diagnóstico. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 24, n. 93, p. 990-1012, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-403620160004000010>. Acesso em: 11 maio 2022.

VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. Campinas: Unicamp, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZIMERMAN, D. E. Aplicação da dinâmica de grupo à escola. **Revista da SPAGESP**, São Paulo: 2004, v. 5, n. 5, p. 6-15, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v5n5/v5n5a03.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

APÊNDICE A – Questionário aplicado por via eletrônica para os professores participantes do projeto

Questões obrigatórias:

1. Há diversas discussões sobre formas de se combater o *bullying* na escola na qual trabalho?

2. Tomei conhecimento do fenômeno *bullying* ainda na graduação para docência?
3. Os professores, de modo geral, têm bastante conhecimento acerca do fenômeno *bullying*?
4. O *bullying* acontece com frequência na escola em que trabalho?
5. A escola tem procedimentos padronizados para enfrentar o *bullying*?
6. Há sempre necessidade de alguma intervenção pedagógica quando é identificado o *bullying*?
7. Eu, como educador, costumo a dar a primeira intervenção quando flagro casos de *bullying*?
8. Na instituição em que trabalho há instrumentos potentes para que o aluno possa denunciar o *bullying* sem se sentir constrangido?
9. É procedimento padrão na escola em que leciono partilhar os casos de *bullying* flagrados em sala de aula para os demais colegas em reuniões pedagógicas?
10. É comum que pais/responsáveis pelos alunos vítimas e pelos alunos agressores sejam convocados para que, de forma privada, seja informado de episódios de *bullying* e obtenham informações sobre as ações que estão sendo tomadas?
11. Considero que a minha escola seja um ambiente agradável e seguro para proporcionar o aprendizado dos alunos?
12. Percebo que os alunos da instituição na qual trabalho estão estimulados para prosseguir nos estudos (Fundamental II e Médio)?
13. Estamos preparando os alunos para serem cidadãos bem sucedidos?
14. Não percebo diferenças significativas de desempenho escolar entre alunos por conta de sua cor de pele?

15. Os pais participam ativamente das atividades da escola?
16. Eu confio no poder de discernimento e na capacidade profissional dos meus colegas professores?
17. Eu vou trabalhar motivado na maioria dos dias?
18. Eu persigo constantemente oportunidades de me tornar melhor professor?
19. Importo-me com o sucesso ou o fracasso dos alunos?

Questões opcionais (abertas):

20. Qual é sua sugestão para a prevenção do *bullying* no ambiente escolar?
21. Cite alguma prática pedagógica que você já tenha usado em sua turma e que tenha obtido sucesso na resolução de conflitos no ambiente escolar?

APÊNDICE B – Ficha avaliativa

FICHA AVALIATIVA:

EU APRENDI QUE O BULLYING É

EU NÃO GOSTO QUANDO

O QUE EU DEVO FAZER SE ISSO ACONTECER COMIGO?

.....
.....

ANEXO A – Questionário aplicado por Jorge (2009) que serviu de base para o questionário enviado por via eletrônica para os professores participantes do projeto



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Departamento de Pós Graduação em
Psicologia

Este questionário faz parte de um estudo de mestrado intitulado “O bullying sob o olhar dos educadores”, realizado pela psicóloga Samia Dayana Cardoso Jorge (CRP-17/ 1330) e orientado pelo Professor Dr. Herculano Ricardo Campos. Sua ajuda em respondê-lo é de fundamental importância, por isso pedimos que você o leia com atenção e, sempre que houver dúvidas, pergunte ao entrevistador.

Idade:

Sexo:

Bairro da escola:

Formação acadêmica máxima:
pedagógicas:

ano em que começou as atividades

1. Você conhece o termo bullying?

☐ Sim

☐ Não

2. Caso afirmativo, através de quais meios você tomou conhecimento do bullying?

☐ Televisão

☐ Jornais / Revistas

☐ Capacitação recebida na escola que trabalha

☐ No curso de graduação

☐ Outros

3. Quais destas ações são exemplos de bullying pra você?

☐ Beliscões/ tapas
 xingamentos

☐ Colocar apelidos ofensivos/

☐ Apostas em jogos

☐ Assédio sexual

☐ Ameaças verbais

☐ Roubo ou danificação de

pertences pessoais

☐ Isolamento proposital de um aluno

☐ Jogos de vídeo game

☐ Violência moral

☐ Tráfico / Consumo de drogas na

escola

4. Quando algum (alguns) destes atos ocorre com frequência na escola,

4.1. A escola tem algum procedimento padrão? Qual?

4.2. Na sua opinião, há necessidade de intervenção?

() Sim

() Não

4.3. Você é chamada (o) para intervir na situação?

() Sim

() Não

4.4. Algum aluno já procurou você para relatar episódios de violência?

() Sim

() Não

4.5. Se sim, qual (quais) foi (foram) o(s) tipo(s) de violência?

4.6. O que você fez?

() Conversei com os alunos envolvidos () Conversei com a turma dos alunos ()
Levei o caso à diretoria

() Nada () Outro

5. Algum aluno já agrediu você?

() Sim

() Não

Como?

6. Caso afirmativo, que medidas foram tomadas?

() Conversei com os alunos envolvidos () Denunciei à polícia () O aluno foi expulso
() Os pais dos

alunos foram chamados () Nada () Outro

7. Em sua formação acadêmica, recebeu alguma informação sobre violência nas escolas?

() Sim () Não

8. Em sua atuação profissional, recebeu alguma capacitação sobre violência nas escolas?

() Sim () Não

9. Na sua opinião, a escola é um ambiente adequado para prevenir comportamentos violentos?

() Sim () Não

10. Como?